



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
MESTRADO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS - MEL

GEYSA ANDRADE DA SILVA

COMUNIDADES CIGANAS DA BAHIA E DE PERNAMBUCO:
LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE

Feira de Santana, BA

2017

GEYSA ANDRADE DA SILVA

**COMUNIDADES CIGANAS DA BAHIA E DE PERNAMBUCO:
LÉXICO, CULTURA E SOCIEDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz.

Co-Orientadora: Prof. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida.

Feira de Santana, BA

2017

GEYSA ANDRADE DA SILVA

**COMUNIDADES CIGANAS DA BAHIA E DE PERNAMBUCO:
UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO E LEXICAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Profa. Dra. Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

Orientadora – UEFS

Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida

Co-Orientadora– UEFS

Profa. Dra. Silvana Soares Costa Ribeiro

UFBA

Profa. Dra. Silvana Silva de Farias Araújo

UEFS

Ficha Catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteado

S58c Silva, Geysa Andrade da
Comunidades ciganas da Bahia e Pernambuco: léxico, cultura e sociedade /
Geysa Andrade da Silva. – 2017.
185 f.: il.

Orientadora: Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz
Coorientadora: Norma Lucia Fernandes de Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-graduação Estudos Linguísticos, 2017.

1. Ciganos – Linguagem. 2. Língua romani – Lexicologia.
3. Sociolinguística – Bahia. 2. Sociolinguística – Pernambuco. I. Queiroz,
Rita de Cássia Ribeiro de, orient. II. Almeida, Norma Lucia Fernandes de,
coorient. III. Universidade Estadual de Feira de Santana. IV. Título.

CDU: 801.3



À minha família, por entender minha ausência, dedicando-me amor e ...

À Flor do Pajeú, Rosa do meu encanto, por acreditar em mim, por estruturar nossas vidas, acolhendo-me nos seus braços e ...

À Fani, amiga fiel, pela estrutura emocional e física e ...

Aos meus professores da jornada, pelos ensinamentos e ...
Às professoras Rita Queiroz e Norma Almeida pela orientação e ...

Às minhas colegas, Paula e Lorena, pelo convívio fraterno e ...

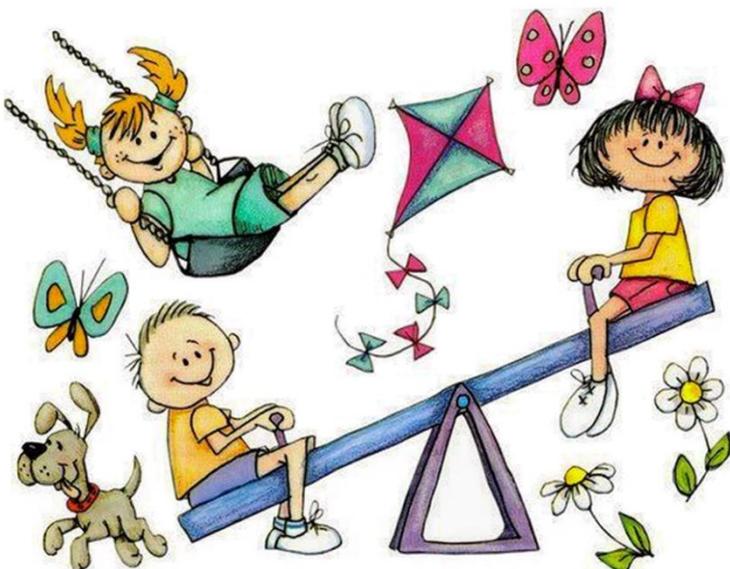
Aos membros da banca de qualificação, pela partilha e ...

*Àqueles especiais, que desprenderam energia para me guiar,
mantendo-me no caminho, favorecendo a sanidade e ...*



Aos informantes, sujeitos sem os quais nada disso seria possível e ...

*À Silvana Ribeiro por ter norteado de diversas formas meu olhar
com seu acolhimento e ...*



*A todos estes pelo incentivo constante e
minha eterna gratidão!!!*

Resumo

O léxico é um repertório de palavras dinâmico e flexível, no qual diversos teóricos têm se debruçado. Por ser bastante diversificado, possui um potencial considerável para investigação e, embora se esteja longe da exaustão, toda a produção tem sido muito promissora. Como atestam Oliveira e Isquierdo (2001), mesmo sendo uma unidade abstrata, a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo é possível construir um conhecimento verificável, racional e sistemático, ou seja, científico dos seus elementos. A partir da necessidade de explorar esse inventário lexical, debruçou-se o olhar sobre o seguinte questionamento: os itens lexicais produzidos fornecem dados que marcam a variação lexical dos ciganos? A pesquisa demandou uma investigação *in loco* em cidades da Bahia (Miguel Calmon e Jacobina – Mesorregião do Centro-Norte Baiano) e de Pernambuco (Flores e Ouricuri – Mesorregião do Sertão Pernambucano) de onde se pode demonstrar a variação diatópica identificada em dados da amostra. Os informantes inquiridos, homens e mulheres de diferentes faixas etárias – para apreensão da variação diagenérica e diageracional - da etnia cigana, além de outras informações sociais, responderam ao instrumento estruturado, que para essa pesquisa é um extrato do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB, especificamente seis questões da área semântica de Jogos e diversões infantis, através do qual buscou-se documentar a variação das denominações de emprego mais geral ou outras denominações específicas do grupo. A partir da análise desse *corpus*, foram identificadas quais as contribuições lexicais que marcam a identidade do povo cigano e verificados os condicionantes extralinguísticos que influenciam na realização lexical da comunidade cigana. Fatores linguísticos, apesar de condicionantes da variação, não foram objeto de estudo neste trabalho, demonstraram-se, pois, inapropriados para o nível lexical em questão. O percurso com os grupos ciganos desenhou restrições a nível do questionário, assim como o Comitê de Ética exigiu desprendimento de bastante energia. A metodologia e os procedimentos baseiam-se nos adotados pelo ALiB. Uma pesquisa sobre o léxico procura determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo de um idioma; a que aqui está proposta tem como base de análise a Lexicologia, a Sociolinguística e a Dialectologia uma vez que se procura observar o uso da palavra na comunidade dos falantes. Os resultados indicam que a variação lexical é fruto, basicamente, da região em que o falante está inserido, e por vezes, outras variações por conta da idade, sexo, grau de escolaridade, e não da etnia.

Palavras Chave: Léxico; Comunidades ciganas; Atlas Linguístico do Brasil; Sociolinguística; Lexicologia; Dialectologia.

Abstract

The lexicon is a dynamic and flexible repertoire of words which many theorists have examined. For being quite diverse, it has a considerable potential for research and although it is far from exhaustion, all production has been very promising. According to Oliveira and Isquerdo (2001), even if the window through which a community can see the world is an abstract unit, it is possible to construct a verifiable rational and systematic knowledge, that is science, of its elements. From the need to explore this lexical inventory, the following question has been developed: do the lexical items produced provide data that mark the lexical variation of the gypsies? The research demanded an investigation *in loco* in cities of Bahia (Miguel Calmon and Jacobina – Meso-region of the Center-North of Bahia) and of Pernambuco (Flores and Ouricuri – Meso-region of Pernambuco's Sertão) from which the diatopic variation identified in sample data can be demonstrated. Respondents, men and women of different age groups - for diagenetic and diagenational variation - gypsies, as well as other social information, responded to the structured instrument, excerpt of Semantic-Lexical Questionnaire of Linguistic Atlas of Brazil – ALiB, specifically six questions of the semantic area of Games and children's recreation, through which it was tried to document the variation of the most general denominations of use or other specific denominations of the group. From the analysis of this corpus, the lexical contributions that mark the identity of the gypsy people were identified and the extra linguistic conditioners that influence the lexical realization of the gypsy community were verified. Linguistic factors, although conditioning factors of the variation, were not object of study in this work, they proved, therefore, inappropriate for the lexical level in question. The course with the gypsy groups drew restrictions at the questionnaire level, just as the Ethics Committee required the release of enough energy. The methodology and procedures are based on those adopted by ALiB. A lexicon search aims to determine the origin, form, and meaning of the words that make up the collection of a language; the one proposed here is based on analysis of Lexicology, Sociolinguistics and Dialectology since it aims to observe the use of the word in the community of speakers. The results indicate that the lexical variation is basically a result of the region where the speaker is inserted, and sometimes other variations due to age, sex, educational level, and not ethnicity.

Keywords: Gypsy lexicon. Linguistic Atlas of Brazil. Sociolinguistics. Lexicology. Dialectology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 The it guardian	53
Figura 2 Mapa da Mesorregião do Centro-Norte Baiano	75
Figura 3 Mapa da Mesorregião Sertão Pernambucano.....	76
Figura 4 Mapa da microrregião de Jacobina - BA.....	77
Figura 5 Mapa do Município de Flores - PE	80
Figura 6 Mapa do Município de Ouricuri - PE.....	81
Figura 7 Desenho de criança iniciando o movimento de virar cambalhota.....	93
Figura 8 Carta 1 – Cambalhota (com variáveis).....	100
Figura 9 Carta 2 – Cambalhota.....	104
Figura 10 Mãos jogando gude	107
Figura 11 Carta 3 – Bola de gude	113
Figura 12 Menino com estilingue	115
Figura 13 Carta 4 – Estilingue.....	121
Figura 14 Palhacinhos na gangorra	124
Figura 15 Barco / Barca	127
Figura 16 Barco / Canoa.....	127
Figura 17 Carta 5 – Gangorra.....	130
Figura 18 Meninos no balanço	133
Figura 19 Carta 6 – Balanço.....	139
Figura 20 Brincando de amarelinha	142
Figura 21 Pula-pula: brinquedo coletivo	145
Figura 22 Pula-pula: brinquedo individual.....	145
Figura 23 Carta 7 – Amarelinha	149

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 <i>Cambalhota</i> : produtividade por lexia.....	97
Gráfico 2 Percentual da presença das formas lexicais para <i>cambalhota</i> por estado	105
Gráfico 3 <i>Bola de gude</i> : produtividade por lexia	110
Gráfico 4 <i>Estilingue</i> : produtividade por lexia	119
Gráfico 5 Percentual da presença das formas lexicais para <i>estilingue</i> por estado.....	122
Gráfico 6 <i>Gangorra</i> : produtividade por lexia.....	128
Gráfico 7 Percentual da presença das formas lexicais para <i>gangorra</i> por estado	131
Gráfico 8 <i>Balanço</i> : produtividade por lexia	137
Gráfico 9 Percentual da presença das formas lexicais para <i>balanço</i> por estado	140
Gráfico 10 <i>Amarelinha</i> : produtividade por lexia.....	146
Gráfico 11 Percentual da presença das formas lexicais para <i>amarelinha</i> por estado.....	150

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Semelhanças entre <i>romani</i> , o sânscrito e o português	61
Quadro 2 Comparação entre as terminações causais no <i>romani</i> e no latim	61
Quadro 3 Áreas semânticas do QSL do ALiB.....	68
Quadro 4 Área semântico-lexical do ALiB: Jogos e diversões infantis	72
Quadro 5 Características das localidades	76
Quadro 6 Distribuição da lexia <i>cambalhota</i> por localidade	94
Quadro 7 Formas lexicais de <i>cambalhota</i> : agrupamentos.....	95
Quadro 8 Distribuição da lexia <i>bola de gude</i> por localidade	108
Quadro 9 Formas lexicais de <i>bola de gude</i> : agrupamentos.....	109
Quadro 10 Distribuição da lexia <i>estilingue</i> por localidade.....	117
Quadro 11 Formas lexicais de <i>estilingue</i> : agrupamentos.....	117
Quadro 12 Distribuição da lexia <i>gangorra</i> por localidade	125
Quadro 13 Formas lexicais de <i>gangorra</i> : agrupamentos	125
Quadro 14 Distribuição da lexia <i>balanço</i> por localidade	134
Quadro 15 Formas lexicais de <i>balanço</i> : agrupamentos.....	135
Quadro 16 Distribuição da lexia <i>amarelinha</i> por localidade.....	143
Quadro 17 Formas lexicais de <i>amarelinha</i> : agrupamentos	144

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Total de respostas não obtidas	73
Tabela 2	Grau de escolaridade dos informantes	83
Tabela 3	Informantes masculinos por área de atuação	84
Tabela 4	Distribuição total de informantes pelas variáveis sociais em valores absolutos	85
Tabela 5	Número de ocorrências na área de Jogos e diversões infantis.....	87
Tabela 6	Distribuição do item lexical <i>cambalhota</i> por produtividade na Bahia	98
Tabela 7	Distribuição do item lexical <i>cambalhota</i> por produtividade em Pernambuco	99
Tabela 8	Respostas obtidas <i>versus</i> não obtidas no <i>corpus</i> total de <i>cambalhota</i>	99
Tabela 9	Distribuição do item lexical <i>cambalhota</i> por produtividade na Bahia e em Pernambuco	103
Tabela 10	Distribuição do item lexical <i>bola de gude</i> por produtividade na Bahia	112
Tabela 11	Distribuição do item lexical <i>bola de gude</i> por produtividade em Pernambuco....	112
Tabela 12	Distribuição do item lexical <i>bola de gude</i> por produtividade na Bahia e em Pernambuco	112
Tabela 13	Respostas obtidas <i>versus</i> não obtidas no <i>corpus</i> total de <i>gude</i>	113
Tabela 14	Respostas obtidas <i>versus</i> não obtidas no <i>corpus</i> total de <i>estilingue</i>	120
Tabela 15	Distribuição do item lexical <i>estilingue</i> por produtividade na Bahia.....	120
Tabela 16	Distribuição do item lexical <i>estilingue</i> por produtividade em Pernambuco.....	120
Tabela 17	Distribuição do item lexical <i>gangorra</i> por produtividade na Bahia	129
Tabela 18	Distribuição do item lexical <i>gangorra</i> por produtividade em Pernambuco	129
Tabela 19	Respostas obtidas <i>versus</i> não obtidas no <i>corpus</i> total de <i>gangorra</i>	131
Tabela 20	Distribuição do item lexical <i>balanço</i> por produtividade na Bahia	138
Tabela 21	Distribuição do item lexical <i>balanço</i> por produtividade em Pernambuco	138
Tabela 22	Respostas obtidas <i>versus</i> não obtidas no <i>corpus</i> total de <i>balanço</i>	140
Tabela 23	Distribuição do item lexical <i>amarelinha</i> por produtividade na Bahia.....	147
Tabela 24	Distribuição do item lexical <i>amarelinha</i> por produtividade em Pernambuco.....	148
Tabela 25	Respostas obtidas <i>versus</i> não obtidas no <i>corpus</i> total de <i>amarelinha</i>	149

ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
ALECE	<i>Atlas Linguístico do Ceará</i>
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALFAL	Associação de Linguística e Filologia da América Latina
ALISPA	Atlas Lingüístico Sonoro do Pará
ALMS	Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Lingüístico da Paraíba
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALS II	Atlas Lingüístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio do Falares Baianos
BA	Bahia
CEFET-PB	Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba
EALMG	Esboço Atlas Lingüístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFPB	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Paraíba
NS	Não soube
PE	Pernambuco
PT	Problema técnico
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QSL	Questionário Semântico-Lexical
SGVCLin	Software Geração e Visualização de Cartas Linguísticas
TDS	Temas para discurso semi-dirigido
UECE	Universidade Estadual do Ceará

UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UERN	Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura.
UNIME	União Metropolitana de Educação e Cultura
UNP	Universidade Potiguar
WorkALiB	Workshop do Atlas Linguístico do Brasil

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	14
2	AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM	21
2.1	A LEXICOLOGIA	25
2.1.1	Variação lexical.....	28
2.2	A SOCIOLINGUÍSTICA E A DIALETOLOGIA: INTERFACES.....	30
2.3	OS ATLAS LINGUÍSTICOS DO BRASIL.....	42
3	MAPEAMENTO SÓCIO-HISTÓRICO DOS CIGANOS: ALGUMAS NOTÍCIAS	45
3.1	ORIGEM E CHEGADA AO BRASIL.....	46
3.2	O POVO E SEUS COSTUMES	50
3.3	AFINAL, O QUE É SER CIGANO?.....	55
3.4	<i>ROMANI TCHA TCHIPE</i>	58
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS	64
4.1	UM PONTO DE PARTIDA - PROJETO ALiB	64
4.2	O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	71
4.3	A REDE DE PONTOS	74
4.3.1	Bahia: Miguel Calmon e Jacobina	77
4.3.2	Pernambuco: Flores e Ouricuri.....	79
4.4	OS INFORMANTES	82
4.5	A AMOSTRA: DAS GRAVAÇÕES A AUDIÇÃO DOS INQUÉRITOS	85
4.6	CRITÉRIOS ADOTADOS PARA LEVANTAMENTO DOS DADOS	86
4.7	CLASSIFICAÇÃO E TABULAÇÃO DOS DADOS	88
4.8	MAPEAMENTO LINGUÍSTICO	90
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	93
5.1.	CAMBALHOTA	93
5.2	BOLA DE GUDE	107
5.3	ESTILINGUE	115
5.4	GANGORRA.....	124

5.5	BALANÇO	133
5.6	AMARELINHA.....	142
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	152
	REFERÊNCIAS.....	156
	APÊNDICES	162
	APÊNDICE A - Características dos informantes da Bahia	163
	APÊNDICE B - Características dos informantes de Pernambuco	164
	APÊNDICE C - Distribuição da lexia <i>cambalhota</i> por informante, na Bahia	164
	APÊNDICE D - Distribuição da lexia <i>cambalhota</i> por informante, em Pernambuco	166
	APÊNDICE E - Distribuição da lexia <i>bola de gude</i> por informante, na Bahia.....	167
	APÊNDICE F - Distribuição da lexia <i>bola de gude</i> por informante, em Pernambuco	168
	APÊNDICE G - Distribuição da lexia <i>estilingue</i> por informante, na Bahia	169
	APÊNDICE H - Distribuição da lexia <i>estilingue</i> por informante, em Pernambuco.....	110
	APÊNDICE I - Distribuição da lexia <i>gangorra</i> por informante, na Bahia	171
	APÊNDICE J - Distribuição da lexia <i>gangorra</i> por informante, em Pernambuco	172
	APÊNDICE K - Distribuição da lexia <i>balanço</i> por informante, na Bahia	173
	APÊNDICE L - Distribuição da lexia <i>balanço</i> por informante, em Pernambuco.....	174
	APÊNDICE M - Distribuição da lexia <i>amarelinha</i> por informante, na Bahia.....	175
	APÊNDICE N - Distribuição da lexia <i>amarelinha</i> por informante, em Pernambuco.....	176
	APÊNDICE O - Carta 1 – Cambalhota – com variáveis	177
	APÊNDICE P - Carta 2 – Cambalhota.....	178
	APÊNDICE Q - Carta 3 – Bola de gude	179
	APÊNDICE R - Carta 4 - Estilingue	180
	APÊNDICE S - Carta 5 - Gangorra.....	181
	APÊNDICE T - Carta 6 - Balanço.....	182
	APÊNDICE U - Carta 7 - Amarelinha	183
	ANEXO.....	184
	ANEXO 1 – Bolinhas de <i>gude</i> em triângulo	185

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O estudo do léxico vem se revelando um campo de investigação com potencial considerável, uma vez que as pesquisas são exequíveis e os resultados têm se mostrado promissores; no entanto, não há uma ambição de exaustividade; inclusive porque é passível de análise a partir de pontos diversos. Áreas críticas também são facilmente apontadas, busca-se a tentativa de encaixar harmoniosamente as contribuições dos estudos das diversas áreas ao extenso campo da Linguística e levar a interessantes conhecimentos na área do uso da linguagem como um todo, permitindo que novos desafios sejam encarados.

O léxico, apesar de ser uma unidade abstrata e reunir muitas informações relevantes para o domínio da gramática – compondo aqui um saber partilhado entre as áreas –, é também um componente no qual se encontram pistas para entender o significado que pode estar relacionado a fatores de variação diatópica, diastrática, diageracional ou diassexual. Obviamente, a consciência semântica e a sociolinguística não se manifestam durante o uso da língua, porém são intrínsecas ao falante. Cabe ao pesquisador realizar uma leitura crítica dos dados disponíveis, diversificando fontes, melhorando a qualidade das anotações, utilizando instrumentos de trabalho de forma ideal e mais rigorosa para que esteja construindo um conhecimento verificável, racional e sistemático, ou seja, científico.

Investigar assim o léxico, não é tarefa para poucas mãos, com ligeireza e ausência de critérios. Muitas pessoas vão se somando para corroborar ou até mesmo refutar o conhecimento especializado dessas investigações. Na apresentação do livro *As ciências do léxico*, as organizadoras já revelam que tais averiguações “[...] evidenciam resultados de estudos desenvolvidos por pesquisadores de diferentes universidades brasileiras [...] que se dedicam a investigações e estudos acerca de questões relativas à ciência do léxico” (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p.10).

Uma pesquisa sobre o léxico procura determinar a origem, a forma e o significado das palavras que constituem o acervo de um idioma; a que aqui está posta tem como base de análise a Lexicologia e as interfaces com a Sociolinguística e com a Dialectologia, uma vez que se procurou observar o uso da palavra na comunidade dos falantes, nos estados de Bahia e Pernambuco. A lexicologia, com objeto de estudo e metodologia bem definidos, é um dos ramos de estudo do léxico – que também engloba a lexicografia e a terminologia – mergulhada cientificamente nos problemas teóricos sobre o tema; na pesquisa apresentada aqui abarca os teóricos – Biderman (2001, 2004), Oliveira e Isquerdo (2001), Carvalho

(2001), Isquierdo (2006), Nunes (2010), Henriques (2010), Abbade (2011, 2015) e Paim (2012, 2013). Interessa aqui a descrição do léxico no âmbito da língua portuguesa. Já a Sociolinguística, destina-se a estudar as relações entre a língua e a sociedade e o comportamento linguístico resultante dessa inter-relação na comunidade de fala; toma-se por base Rey-Debove (1984), Moreno Fernández (1998), Weinreich; Labov e Herzog ([1968] 2006), Naro (2008), Labov ([1972] 2008), Sá (2009, 2013), Lucchesi (2011) e Ferreira e Cardoso (2012). Tal ramo da linguística preocupa-se em descrever e analisar cientificamente este sistema heterogêneo que é a língua, inclusive nas diversidades lexicais produzidas pelos sujeitos no processo comunicativo. A Dialetoлогия, abordada a partir de Calvet (2002), Comitê (2001), Elizaincín (2010), Cardoso (2010, 2014), Callou (2012) e Aragão (2012), inclina seus estudos sobre os usos que os grupos de determinada região fazem da língua, estuda os traços linguísticos no Brasil.

Conhecer as realizações das comunidades ciganas de fala já era uma inquietação, o convívio em Miguel Calmon – BA, cidade natal da autora, na qual cresceu vendo ser, em parte, ocupada por eles; e Jacobina – BA, cidade vizinha que lhe acolheu para estudos acadêmicos e depois realizações profissionais e que abriga uma outra comunidade mais ativa socialmente na representação da cultura cigana – permitiu essa realização. Conviver com a postura reservada destes ciganos, o vestuário colorido e brilhante, os costumes tão diferentes, tudo isto unido à prosódia típica do seu falar e a língua “secreta” ampliavam as inquietações e atraíam a busca por, de alguma forma, conhecê-los. Contudo, foi ao estudar como aluna especial (Língua, Cultura e Sociedade e Linguística Histórica e Variação) e também, para a seleção do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Estudos Linguísticos, da Universidade Estadual de Feira de Santana, que se deparou em poder analisar o léxico de tal comunidade baseado na teoria da Lexicologia e unir a esta prática a teoria da Sociolinguística e da Dialetoлогия, associando um ânimo incontido à pesquisadora e, aqui se está.

Vincule-se a isto a oportunidade de ouvir no XVII Congresso Internacional da ALFAL, em 2014, em João Pessoa na Paraíba e no IX Congresso Internacional da ABRALIN, em 2015, em Belém no Pará, conferências, mesas redondas, simpósios temáticos sobre tais teorias e do Projeto Atlas Linguísticos do Brasil – doravante ALiB –, permitiu conhecer uma metodologia adequada para pesquisa e, motivou a escrita do projeto.

A escolha do campo lexical jogos e diversões infantis deveu-se, sobretudo ao favorecimento da descrição parcial de um elemento da cultura do povo cigano – sabe-se que tal campo favorece a descrição de outros grupos também, uma vez que todo mundo brinca. Através desse, buscou-se documentar a variação das denominações de emprego mais geral ou

outras denominações específicas usadas pelo grupo cigano. Ressalta-se que não houve achado específico da língua cigana, suas designações para o objeto desta pesquisa não são próprias da etnia.

Inicialmente a proposta era colher e analisar as incorporações lexicais que o convívio com os não-ciganos pudesse ter causado ao repertório cigano; no entanto, nas primeiras gravações em Miguel Calmon-BA, observou-se que não se encontraria – salvo em *romani* – itens lexicais que marcassem especificamente a comunidade cigana da localidade. Momento então do surgimento da ideia de estender a coleta a outro estado, numa espécie de projeto piloto, no qual se implementaria a mesma metodologia e o Questionário Semântico-Lexical – de agora em diante, QSL – do ALiB para cruzamento dos dados não apenas no que concerne à variação diageracional e diassexual e outros fatores extralinguísticos, mas também a diatópica. Pelo conhecimento do território e da cultura, Pernambuco foi o estado escolhido para aplicação.

Diante disso, a questão seguinte orientou a pesquisa: o léxico produzido pelas comunidades ciganas das cidades de Miguel Calmon e Jacobina – na Mesorregião do Centro-Norte da Bahia – e dos municípios de Flores e Ouricuri – Mesorregião do Sertão Pernambucano – observado a partir do QSL do ALiB, com base nos jogos e diversões infantis, fornece dados que marcam a variação lexical do povo cigano?

Na tentativa de responder a essa questão, levantaram-se as hipóteses: (i) os itens lexicais encontrados são a manifestação de um vocabulário que identifica a variação lexical do povo cigano e (ii) os fatores sociais (variação diageracional, diassexual, diastrática) e ainda, a variação diatópica influenciam na realização lexical dessas comunidades ciganas.

Como afirmado anteriormente, para a pesquisa, foram selecionadas 4 localidades – Miguel Calmon, Jacobina, Flores e Ouricuri – pertencentes a 2 dos 9 estados nordestinos, Bahia e Pernambuco. Os informantes foram distribuídos equilibradamente entre ambos os sexos e três faixas etárias (18 a 30 anos; 31 a 49 anos e 50 a 65 anos), a população investigada é composta de um total de 36 informantes. Destes, 24 estão nos municípios baianos, 12 em cada um; em Pernambuco, inquiriu-se mais 12 informantes. Ressalta-se que a proposta era trabalhar com 48 informantes, 24 para cada estado; as adversidades do percurso, no entanto, não favoreceram ao planejamento. Iniciados os contatos na cidade de Flores-PE e marcadas as futuras gravações, ocorreu um crime bárbaro vitimando uma cigana, motivo pelo qual muitos deles acabaram por “levantar acampamento” (apesar da moradia em casas fixas) e impossibilitando a continuação do trabalho, a epidemia de chicungunha que assolava a cidade naqueles meses também tornou-se um empecilho. O referido incidente tornou temeroso o

clima na região e, por isso, só se foram inqueridos três informantes naquela localidade, além dos inqueritos experimentais (duas mulheres com faixa etária aquém e além da controlada). Novos contatos foram iniciados com o grupo da cidade de Ouricuri, dadas as dificuldades de localizar os informantes e o tempo definido do curso de mestrado, optou-se por inquerir mais nove informantes e compor apenas com 12 sujeitos o grupo pernambucano. Obviamente, tal decisão não favoreceu a análise do ponto de vista de amostra equilibrada em dois estados.

Cada um dos 36 informantes que compõem a amostra do *corpus* da pesquisa, respondeu a 13 questões que envolvem a área semântica, totalizando, pouco mais de 468 itens lexicais colhidos em, aproximadamente, 18 horas de gravação. Para fins de análise, dentro do prazo especificado e de comparações com outras pesquisas, reduziu-se o número de questões analisadas, conforme está exposto na metodologia.

A proposta da pesquisa é o estudo do léxico baseado na Lexicologia, na Sociolinguística e na Dialectologia, analisando o léxico da comunidade a partir de conceitos como língua, cultura, identidade e variação lexical.

Muitas lexias são adicionadas ao vocabulário da língua portuguesa; muitas línguas estrangeiras participam desse léxico, que é também enriquecido por termos ciganos. Embora ainda pequena, a contribuição das línguas do povo cigano é maior que a participação de outras etnias (não de todas) e merece tratamento igualitário no acervo de nossa língua. Sabe-se, contudo, que línguas indígenas e africanas estão em outro patamar. Várias dessas lexias já estão nos grandes repertórios da língua e cultivadas em obras literárias, passando pelo crivo dos lexicógrafos ou filólogos, assim como uma série de outras influências ciganas em diversos ramos de atividade no Brasil, desde instrumentos como o violão sete cordas, pandeiro e castanholas, passando pelos artistas circenses, brincadeiras populares e fontes de inspiração para o folclore pastoril entre tantas outras.

O fato de o povo cigano constituir uma minoria étnica *sui generis* não eliminou, em nível científico, a escassez de bibliografia, ainda mais porque a maior parte do que se tem publicado trata de assuntos artísticos, esotéricos ou comerciais. Constata-se, assim, que quase não existem publicações de valor científico sobre ciganos no Brasil. Acrescente-se a isso, o fato da ciganologia ser um ramo marginal, de baixa categoria e que não dá “*status acadêmico*” quando estudado pela, na maioria das vezes, Antropologia. Tal ciência seleciona grupos ciganos para a demarcação de suas especificidades, baseando-se em fatos do cotidiano e nas memórias, no padrão de sociabilidade do mundo dos brasileiros, na construção identitária étnica de não territorializados. Por outro lado, pouco se tem de estudo da linguagem cigana como um traço cultural que possibilita estabelecer contribuições no campo lexical da Língua

Portuguesa e em que situações e uso determinadas lexias estão inseridas e se permaneceram ou foram alteradas suas significações, como vemos em Coelho ([1892]1995), Ferrari (2005), Fonseca (1996), Fraser (1998), Pereira (2009) e Teixeira (2008).

Em torno do povo cigano, temos uma longa história pautada pelo preconceito e também muita suposição acerca da origem por causa da falta de relatos escritos sobre o assunto, uma vez que eles mantêm sua história através da tradição oral. O que vemos muitas vezes é que grupos, os quais percorrem com maior assiduidade certas regiões, acabam incorporando a língua, a religião e outros aspectos culturais destas regiões. Embora sem, no seio familiar, perder seus próprios costumes e língua.

Segundo a antropóloga Florencia Ferrari (2005), por causa do convívio com os *gadjikane* (“não-ciganos”), os ciganos mantiveram determinados costumes para não se “contaminarem” (termo da autora, equivalendo a não se deixar influenciar) pela cultura externa, alguns grupos referem-se a um não-cigano por ‘brasileiro’; mas o que se observa no convívio interiorano, é que a língua como traço cultural já sofreu a “contaminação”, abasileirou-se.

Os itens semântico-lexicais disponíveis nesta pesquisa, coletados nos grupos sedentários das comunidades da Bahia e de Pernambuco, revelam manutenção da língua dos “brasileiros” da região habitada. Tal revelação reside na consciência social dos falantes, pois o saber lexical de uma comunidade é partilhado por ela e existe na consciência e na ideologia dos falantes; não apenas num nível de abstração ideológica, mas numa consciência social que garante uma compreensão por todos os falantes da mesma comunidade. Tal saber legitima a identidade do grupo, menos importa o termo dicionarizado, vale muito mais a identificação com ele, alternando-lhe contextos e significados de uma realidade lexical já cristalizada.

No cenário atual, os trabalhos especificamente sobre o léxico cigano baseiam-se na lexicografia para validar junto às comunidades ciganas a descrição e atualização dos vocábulos, regionalizados ou não, do falar *romani*. Originaram publicações como as do projeto Léxico Português / Romanó-caló, elaborado pelo Instituto das Comunidades Educativas, ou Léxico Cigano de Asséde Paiva, que traz verbetes como Calom (alguns *romani*) acolhidos no léxico português, com base nos léxicos de referência da língua portuguesa: Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2012) e outros pesquisadores como Coelho (1995), Pereira (2009) e Fraser (1998). Encontram-se trabalhos sobre a língua cigana e outros costumes na perspectiva sociocultural e ainda, outros significativos sobre a história do povo; no entanto, há carência de textos que tratem do léxico cigano numa abordagem

lexicológica e sociolinguística, já que não se pode desprezar o envolvimento de fatores extralinguísticos como características essenciais dos falantes.

Diante do quadro desenhado, este estudo – acerca de “Comunidades ciganas da Bahia e de Pernambuco: léxico, cultura e sociedade” – contribui para um melhor conhecimento da realidade linguística brasileira e está em consonância com o que propõe o Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, além de oferecer aos estudiosos da área elementos para considerações nos campos da Linguística, Sociolinguística e Dialetoлогия e permitir a interface com estudos no campo da Antropologia.

Reside aqui a importância desta pesquisa, por se tratar de um campo de investigação com potencial considerável e dentro de comunidades sem registros. A referida pesquisa contribui com os estudos linguísticos nessa área específica e fornece dados significativos de itens lexicais usados pelo povo cigano nos dois estados, preenchendo um espaço vazio no que diz respeito ao conhecimento dessa temática, já que é perceptível o desconhecimento das lexias usadas por esse grupo de pessoas.

As discussões estão divididas em quatro seções a partir desta introdução.

Na seção 2, intitulada Ciências da linguagem, aborda-se o léxico amparado pelas ciências da linguagem, como um patrimônio importante para a identificação de uma dada comunidade, assim como sua cultura; abordam-se ainda os passos iniciais dos atlas linguísticos brasileiros e a variação lexical existente em nossas regiões. Há as subseções: 2.1 A lexicologia (variação lexical); 2.2 A Sociolinguística e a Dialetoлогия: interfaces, partes importantes integradas ao estudo. Outra subseção é 2.3 Os atlas linguísticos do Brasil.

A seção 3, Breve mapeamento sócio-histórico dos ciganos, traz algumas informações sobre origem do povo cigano, chegada ao Brasil, preconceitos sofridos através do tempo; mostrando, ainda, a força dessa cultura, marcada por uma identidade bastante singular. Ainda segue com as subseções 3.1 Origem e Chegada ao Brasil; 3.2 O povo e seus costumes; 3.3 Afinal, o que é ser cigano; outra subseção 3.4 *Romani tcha tchipe*.

A seção 4, Caminhos metodológicos, traz a metodologia qualiquantitativa, abordando o objetivo geral e os específicos, tendo como principal foco os passos percorridos durante e após as gravações dos inquiridos, assim como discorre sobre o ALiB, o QSL, os informantes e os municípios onde vivem as comunidades pesquisadas. As subseções 4.1 Um ponto de partida: O Projeto ALiB; o 4.2 O *corpus* da pesquisa; o 4.3 A rede de pontos; o 4.4. Os informantes; o 4.5 A amostra; 4.6 Critérios adotados para levantamento de dados; 4.7 Classificação e tabulação dos dados; 4.8 Mapeamento linguístico.

Na seção 5, consta a Análise e Discussão dos resultados, baseados em pesquisas lexicográficas – para as quais foram adotados os dicionários de língua portuguesa, Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2012) – e dados quantitativos e, por fim, nas Considerações Finais, abordam-se os questionamentos, as conclusões e o futuro da pesquisa. Segue-se a isto, na seção 6, as referências utilizadas como aporte teórico, metodológico e de análise; além dos apêndices e anexos.

2 CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

A língua é apreendida ou na forma natural, no convívio com os seus, ou de forma metalinguística, a partir de gramática e dicionários, o que a torna artificial. A língua materna vem de forma natural, quando o indivíduo ainda é criança, e será aperfeiçoada no ambiente escolar pelo uso de instrumentos da metalinguagem. Já o estudo da segunda língua, dá-se por verificações da conversação e exercícios estruturais, nessa ocasião especificamente, de forma artificial, já que existe também a aquisição por imersão.

Se esses instrumentos metalinguísticos – gramática e dicionário – cumprissem seu papel de descrever a competência natural que o falante ideal precisa para dar conta de uma língua, o domínio deles corresponderia a tal falante; no entanto, o que se verifica é uma fragilidade entre essas linhas delimitantes. A língua, então, vai além desse domínio, necessita estar mergulhada no contexto social para que o léxico possa ter uma produção e uma compreensão eficientes pelos seus interlocutores ao serem submetidos às regras da gramática da língua.

É importante também salientar que o léxico não só se constrói no social, mas permite ao homem construir sua visão de mundo e tornar inexistente aquilo que não tem nome. Ainda que no mundo mitológico, na existência sociocultural, se o ser, a coisa, o sentimento, o conhecimento, a mitologia, a ideologia existem, o léxico é testemunho; embora nenhuma pessoa conheça perfeitamente todas as palavras da sua própria língua e assim, haverá sempre palavras desconhecidas do falante nativo.

O léxico de uma língua é infinito porque é proativo e, por extensão, consegue adaptar-se aos diversos contextos que seus falantes necessitam. Tais falantes são capazes de organizar o léxico por verbetes e domínios conceituais em dicionários, comprovando as variadas acepções já registradas, ao mesmo tempo em que possibilitam ao léxico oferecer alternativas no uso de processos como, por exemplo, os das figuras de linguagem – metáfora, metonímia, catacrese, antonomásia – para dar conta da polissemia que a unidade lexical comporta. Revelando ainda por ausência do verbe, na compilação, novos sentidos de uso ainda não dicionarizados.

Borges (2000, p. 69-70 apud HERRERA, 2015, p.508) revela que é a necessidade dos usuários da língua, no seu dia-a-dia, que faz desenvolver o léxico, dinâmico e flexível com as relações no mundo

[...] suponho que uma nação desenvolve as palavras de que precisa, o que equivale a dizer que uma língua não é, como o dicionário nos leva a crer, invenção de acadêmicos ou filólogos. Pelo contrário foi desenvolvida ao longo do tempo, durante

muito tempo por camponeses, pescadores, caçadores, por cavaleiros. Não veio das bibliotecas, veio dos campos, do mar, dos rios, da noite, da madrugada (BORGES, 2000, p. 69-70 apud HERRERA, 2015, p. 508).

O léxico não está cristalizado, ele circula na língua viva dos falantes, é fonte inesgotável de possíveis combinações nessa mesma língua. Ao selecionar uma determinada lexia, deixa-se de fazê-lo a tantos outros do eixo paradigmático, concretamente traz-se para o contexto da fala/escrita toda a carga semântica projetada naquela escolha.

Entre outras funções, o referido léxico nomeia seres e objetos e todo o repertório de palavras existentes numa língua, marca não apenas o percurso do conhecimento humano sobre o universo, mas serve também para, através da identificação de semelhanças e /ou traços distintivos – desse léxico – estabelecer a identidade do indivíduo; delimitando assim, a busca de pertencimento. Torna-se uma possibilidade entre os fenômenos identitários que produzem efeitos pela e na língua. Muitas são as faces do léxico e da identidade, fruto de inúmeras reflexões e visualizados por vários ângulos; no entanto, alguns estudiosos e suas questões norteiam nossos olhares.

Para Hall (2006), a identidade do sujeito é constituída e transformada ao longo da História. Sinteticamente, o autor aborda três tipos de sujeitos: I. O sujeito do Iluminismo dotado de razão, consciência e ação, o qual é revestido por uma concepção individualista e masculina; II. O sujeito sociológico (da Modernidade), deixa de ser autônomo e autossuficiente, passa por uma concepção interativa da identidade e do eu que media valores, sentidos e símbolos (a cultura) do mundo que habita – ainda que tenha um centro interior; III. O sujeito da Pós-Modernidade não tem identidade fixa, essencial e permanente, não se compõe de uma única, mas de várias identidades, por vezes até contraditórias e não resolvidas, dadas as interpretações e representações dos sistemas culturais que nos rodeiam.

As sociedades globalizadas vivem mudanças constantes, rápidas e permanentes segundo Hall (2006). Isso causa um alto impacto sobre as identidades, uma vez que as sociedades – por serem constantemente mexidas – desarticulam as identidades estáveis do passado, ao mesmo tempo em que surgem novas possibilidades de articulações.

Sabemos hoje que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso (SOUSA SANTOS, 2000, p.135).

Sousa Santos (2000) reconhece que o conceito de identidade não é novo, mas que está desintegrado de um contexto na pós-modernidade, por questões como o subjetivismo e o coletivo e até da ausência do espaço definido. A identidade tornou-se transitória e efêmera (assegurada pelo mundo virtual), e por isso mesmo, o sentimento de pertencimento pode ser uma ilusão de intimidade, uma reprodução imperfeita da comunidade, algo sem profundidade, mas também, por ser fruto de identidades móveis. Afinal, no mundo de hoje, não é bem-visto quem se acomoda em uma identidade fixa.

No grupo cigano, esta identidade líquida não é tão explícita e nem presente. A institucionalização da escola, por exemplo, é causa forte da padronização de identidades, colocando os jovens em “tribos”, nas quais se destacam uma caracterização bem semelhante dos indivíduos. Todavia, é muito comum no universo desta etnia, a escola ser substituída pela família – que é, por sua vez, aquela que o estrutura social, econômica, política e etnicamente. Grupos ciganos alegam que ao cigano basta aprender a ler, escrever e contar para não ser ludibriado. Discordam, também, da temática escolar que, no geral, nada tem a ver com a sua realidade, podendo assim distanciá-los do grupo. Mas também, não se pode falar de uma identidade fixa entre eles, já que fazem uso de aparelhos celulares, televisões e rádios e, por conseguinte, experimentam o mundo externo ao núcleo familiar.

É papel da língua marcar a identidade do indivíduo, ao mesmo tempo que são os indivíduos na sua coletividade que identificam uma língua, um contínuo estado de fluxo. Como afirma Rajagopalan (1998)

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior e fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato da própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Entre outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades em questão estão sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41).

O léxico, por sua vez, será marca desta identidade. Os valores, crenças, costumes, comportamentos sociais, diversões de uma comunidade, entre tantos outros itens, manifestam-se a partir do léxico, ele

[...] representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas em uma sociedade (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001. p.9).

A forma como a comunidade se organiza é fruto da consciência lexical dos seus membros, que assim deixam transparecer uma relação direta entre léxico e cultura. O patrimônio vocabular de uma comunidade linguística é, portanto, uma riqueza cultural imaterial.

Aqui não se leva em consideração que a realidade linguística advém de modelos abstratos, que não há uma relação de coerência entre o significante e o significado das palavras; mas, no entanto, há aquela relação na qual campos semântico-lexicais compartilham elaborações específicas de dada cultura. Na realidade linguística, cada indivíduo possui um acervo de palavras que ele emprega e compreende – léxico individual – está, portanto, à sua disposição e oportunamente lança mão dele para construir sentenças e nomear.

O léxico é um conjunto de nomeação baseado na realidade e, por isso mesmo, tem uma ampla área de investigação, o que se tem verificado pelo grande número de publicações científicas na área. A lexicologia, lexicografia e terminologia, também chamadas ciências do léxico, detêm-se no mesmo objeto de estudo por diferentes dimensões de análises, objetivos e métodos específicos. Os termos de um campo de conhecimento específico dizem respeito à terminologia; já a lexicografia estuda a descrição da língua através de técnicas de elaboração de dicionário; enquanto que a lexicologia tem como objeto de estudo o conjunto de unidades lexicais de diferentes naturezas de uma língua.

O léxico, ao contrário da sintaxe, morfologia e fonologia é um sistema aberto e a todo o momento, seja por novas nomeações ou por aplicação de novo significado ou por empréstimos linguísticos, é renovado. Em francês, por exemplo, há uma renovação da ordem de 10% em 25 anos para cerca de 50.000 palavras, segundo a lexicógrafa Josette Rey-Debove (1984, p.57).

Biderman abordou essas questões (2001a, p. 132) e afirma que

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. Nesse processo em desenvolvimento, o Léxico se expande, se altera e, às vezes, se contrai.

Apesar de toda renovação, o léxico não é destituído de toda e qualquer estabilidade de significado, criando-se sentidos a partir do zero, mas é um sistema

aberto, inesgotável, constatemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, mas também pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para o outro, de um tempo para o outro (ANTUNES, 2012, p. 29).

Ribeiro (2012, p. 107) amplia essa visão de mudança de sentido das palavras que compõem o léxico, associando-as ao coletivo e, portanto, à comunidade linguística, quando revela que

Diariamente, nas diversas situações de uso da língua, empregam-se os vocábulos com sentidos diferentes do seu sentido de base, diferenciação que é fruto de um processo lento e constante de mudança de sentido das palavras que são efetivamente usadas pelos falantes. Quando um novo sentido é assimilado pela coletividade e se generaliza, aquela palavra amplia seu campo de significação, tornando-se polissêmica (RIBEIRO, 2012, p. 107).

Quando se admite que os signos linguísticos são rótulos que permitem ao homem interagir cognitivamente com seu meio, que as línguas naturais possuem uma riqueza cultural abstrata e que o léxico delas representa um patrimônio imaterial de uma dada comunidade linguística, reconhece-se uma zona de troca entre língua e mundo, léxico e sociedade.

Segundo Isquierdo (2006), a variante brasileira da Língua Portuguesa ampliou o seu repertório lexical por influência do convívio com os povos indígenas habitantes da nossa Pindorama, na chegada do colonizador, e também, pelo contato com línguas de outros povos imigrantes desde os primórdios. Para a pesquisadora, “[...] o léxico de uma língua tende a renovar-se e a ampliar-se, em decorrência de contatos lingüísticos e interculturais e de necessidades de nomeação de novos referentes da realidade circundante” (ISQUERDO, 2006, p.11).

Vale ressaltar que, sendo por meio do léxico que as pessoas se comunicam, expressam sentimentos e expõem pensamentos e que, esse léxico é uma ponta do *iceberg* da língua, é preciso observá-los – língua e, portanto, léxico, – como um bem cultural que revela em sua prática o caráter identitário de um indivíduo e/ou comunidade que faz uso sistemático deste sistema de signos. E, observando, poder analisar que eles variam porque

[...] uma língua não se fixa nunca. O espírito humano está sempre em marcha, ou melhor, em movimento, e a língua com ele. As coisas são assim. Quando o corpo muda, por que não mudaria o traje? [...] Toda época tem suas ideias próprias, é preciso que ela tenha também palavras próprias para essas ideias (CARVALHO, 2001, p. 65).

O léxico é uma espécie de rótulo, um saber partilhado, um acervo vocabular que existe num grupo sócio-linguístico-cultural e que para ter funcionalidade linguística, existe na

consciência dos falantes de uma língua, sendo assim objeto formador e reconhecedor de identidades de uma comunidade de fala. Segundo Biderman (2001c, p. 14), “[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade lingüística ao longo de sua história”.

Confirma-se assim, que a sociedade e a cultura têm um poder de causar alterações no léxico. Em decorrência de tais alterações, uma lexia pode ser marginalizada, outra entrar em desuso, até podendo desaparecer; todavia, em contrapartida, uma lexia é capaz de ressurgir e ressignificar-se. Todo esse processo que tem a alavanca no social amplia e enriquece o léxico, caracterizando-o por ser ilimitado e com grande potencial para uso dos falantes.

Um dos progressos da Linguística moderna está em tentar unir ou aproximar o estudo das línguas, pondo um olhar especial sobre o fato de que a língua é coletiva e, portanto, social; uma herança cultural, revestida de contribuições individuais. No entanto, tais ciências irão abordar a linguagem de uma maneira distinta, cada uma ao seu modo.

2.1 LEXICOLOGIA

No mundo contemporâneo, é preciso que o homem amplie seu repertório lexical para dar conta de objetos, seres, de sentimentos, de lugares, de ações, estando assim o léxico mergulhado num processo de expansão permanente. A memória humana armazena o léxico e tem capacidade de relacionar conceitos e conteúdos já registrados aos processos de derivação e flexão, economizando assim, na capacidade de armazenar palavras, e garantindo a possibilidade de criação de novas palavras a partir de morfemas já existentes e de processos disponíveis para construir palavras, porque o léxico da língua é suscetível a expansões nos limites da gramaticalidade e da semanticidade, portanto sem prejuízo para a intercompreensão dos usuários. A leitura e a cultura impedem que léxicos de gerações passadas caiam completamente em desuso ou até desapareçam por falta de quem os utilize.

José Horta Nunes (2010, p.149), caracterizando a ciência, revela que “[...] a lexicologia identifica e descreve as unidades lexicais [...] [e que] o estudo do léxico tende para um saber especulativo”, portanto, leva-se em consideração a possibilidade de sentidos diferentes para a mesma palavra, a depender das posições sustentadas pelos sujeitos e o valor na relação com os outros, em relação aos outros. Com isto, embora ele possa parecer finito, “[...]o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo” (HENRIQUES, 2010, p. 101).

Segundo Biderman (2001c), o estudo e análise das palavras, a categorização lexical e a estruturação do léxico são os objetivos básicos da Lexicologia. No entanto, apesar de ser uma ciência antiga enfrenta problemas de diversas ordens, como os da categorização léxico-gramatical, reforçando a ideia dos “limites imprecisos e indefinidos”, basta lembrar que “[...] a palavra inserida numa cadeia paradigmática se articula em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto infinito de significações lingüísticas” (BIDERMAN, 2001, p. 16).

Para Abbade (2011, p. 1333), “[...] é uma ciência recente, mas os estudos acerca das palavras remontam a Antiguidade Clássica”. A autora ainda relata que a lexicologia ficou em segundo plano durante muitos anos e que apenas “[...] nos finais do século XIX, com a marca triunfal da geografia lingüística e conseqüentemente o florescimento da onomasiologia, o interesse lingüístico passa pouco a pouco da investigação fonética para o dos problemas lexicais”

Em suma, Lexicologia é o ramo da lingüística contemporânea que estuda o léxico, mas que

Tradicionalmente os estudiosos da Lexicologia tem-se ocupado da problemática da formação de palavras, província em que essa ciência confina com a Morfologia, dita lexical. Os lexicólogos, vêm-se dedicando também ao estudo da criação lexical, ou seja, dos neologismos (BIDERMAN, 2001c, p. 16).

Hoje, é uma ciência de limites tênues com a lexicografia, terminologia, semântica, etnolingüística, psicolingüística, dialetologia, sociolingüística e outras, isso porque precisa considerar uma série de dimensões baseadas no léxico, ora para descrevê-lo, ora para significá-lo, ora para especificá-lo em uma área do conhecimento humano, ora para territorializá-lo, etc. Lorente (2004, p. 20) ao descrever o léxico como ponto de encontro para tantas ciências, “uma intersecção de caminhos”, revela preferência pela metáfora que

ilustra com muita propriedade a idéia de que as perspectivas no estudo do léxico podem ser bem diversas e que esta diversidade não implica necessariamente incompatibilidades ou contradições. A contribuição das ciências costuma ser sempre parciais.

A lexicologia faz diferenciação, em meio a outras, entre palavra, vocábulo e lexia. A primeira é termo genérico usado por todos os falantes, como significado social e gramatical, o segundo – vocábulo – como conjunto de um determinado grupo de falantes e a lexia é a unidade que tem significado social, ou seja, só a significação externa (lexemática ou semântica estrutural). Diante do exposto, Abbade (2011) reforça que interjeições, partículas

de afirmação e negação, artigos, preposições, pronomes, numerais e nomes próprios não são lexicais, porque não possuem significado, no entanto, são palavras e vocábulos.

A lexicologia é, sem dúvida, uma ciência que estuda uma cultura, um povo nos seus aspectos sociais, históricos, políticos, econômicos e linguísticos também, além de estudar o léxico nas suas diversas relações com os mais variados sistemas da língua. Para Abbade (2011) “[...] estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza” (ABBADE, 2011, p. 1332).

A lexicologia concebe suporte para os estudos lexicais e sociolinguísticos de comunidades ciganas da Bahia e de Pernambuco, baseados em extrato do QSL do ALiB, no ponto em que ela se faz interdisciplinar com a Sociolinguística e a Dialetologia.

2.1.1 Variação lexical

Léxico (do grego *lexicon*) é uma entidade dinâmica que reflete a cultura e a sociedade, por isso mesmo, sofre constantes variações. Ribeiro (2012, p. 100) revela que o léxico “[...] é um conjunto virtual, incompleto, pois depende sempre da realidade exterior à língua para se completar, se reescrever, e está sempre em processo de mudança (em sentido duplo: evolução e ampliação)”.

A variação lexical é uma das variações linguísticas, ocorre quando “[...] duas formas diferentes permitem dizer ‘a mesma coisa’, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social” (CALVET, 2002, p. 102-103).

Verifica-se, portanto, que o significante / a forma não é o elemento mais importante, tal papel caberá à função que essa variação exerce; assim, o peso maior está sobre o significado, seja ele de base linguística ou social.

Como muitos dos outros elementos da língua quando variam, a variação dos itens lexicais mantêm o mesmo sentido. Essa propriedade semântica do item lexical é reflexo das relações de contato com contextos reais e falantes potenciais, ou seja, quando estão inseridas numa comunidade linguística. Por isso mesmo “[...] os estudos lexicais em uma língua abrem diversas possibilidades de se conhecer a história sociocultural do povo que a utiliza. Cada palavra tem o seu significado próprio de acordo com a época, o grupo social, a região em que a mesma é utilizada” (ABBADE, 2015, p. 73).

A escolha que o falante faz, na relação paradigmática, de uma significação do item lexical quando codifica suas mensagens só é possível porque estas refletem a ampla e

contínua variação existente no léxico, devido à língua estar inserida num contexto social e não poder ser isolada de fatores externos; “[...] a língua, pois, não se impõe ao falante, mas se lhe oferece: o falante dispõe dela para realizar a sua liberdade expressiva” (COSERIU, 1979, p. 69 apud FERREIRA; CARDOSO, 2012, p. 45).

O Dialeto Caipira de Amadeu Amaral, em 1920, e *O linguajar carioca em 1922* de Antenor Nascentes, em 1922, iniciaram as investigações sobre o léxico entre as variações de diversos níveis da língua; hoje, retratar a variação lexical de cunho diatópico é uma ação dos atlas linguísticos. Muitas produções em curso, algumas concluídas e um saldo parcial de esforços bem sucedidos.

No nível do léxico, a variação diatópica é muito significativa, nesta encontram-se marcas delimitadoras dos falares regionais. De acordo com Aragão (2012, p. 114), “[...] em termos de atlas linguísticos as variações lexicais estão intimamente ligadas ao contexto regional, social e cultural do grupo estudado. As motivações semânticas são responsáveis pela grande variação de itens lexicais para um mesmo conteúdo”.

Da heterogeneidade da língua, caminha-se suavemente para variação lexical que se dá não só conforme uma região, mas também como uma época, classe social, sexo, idade, escolaridade e serve de interação entre os homens e deles com sua realidade, nomeando-a e identificando-a. Assim, ao nível lexical, não se pode negar o papel fundamental da variação linguística, uma vez que se encontra naquele uma relevante variação regional e sociocultural, reafirmando que a relação entre sociedade e cultura é o que permite ampliar o léxico.

O léxico que aparece no acervo linguístico de um povo está relacionado a uma série de fatores como, por exemplo, o costume cultural, a questão do sexo, da região, entre outros. Afinal, o repertório lexical de uma comunidade de fala reproduz a visão de mundo de um determinado grupo como também fornece pistas sobre aspectos da identidade dos falantes, como faixa etária, classe social, origem geográfica, cultura, valores, crenças, que podem ser construídos, mantidos e projetados (PAIM, 2012, p. 235).

Importante ressaltar que as unidades lexicais podem ser neutralizadas, mas não se pode afirmar, segundo alguns pesquisadores, o estabelecimento de equivalência entre as variantes. Isto seria complicado, pois entraria na discursão da sinonímia, principalmente quando o léxico vem revestido de impressões próprias, uma conotação em que o emissor aplica seus critérios para a seleção lexical, o qual pode passar despercebido pelos outros interlocutores.

Enfim, estudar variação lexical é buscar explicar a alternância em uso das formas léxicas em determinadas condições linguísticas e extralinguísticas. Algumas vezes é

complicado estabelecer onde termina a variação morfológica e começa a lexical, onde termina a lexical e começa a variação do discurso, por exemplo. A variação lexical é determinada por fatores extralinguísticos e não completamente determinada por fatores linguísticos.

Simplificadamente, a variação lexical é a possibilidade, natural, de usar um item diferente para falar das mesmas coisas, ao invés de expressar unidades de valores semânticos diferentes.

Conhecer como se origina esta variação requer o auxílio de ciências como a Sociolinguística e a Dialectologia, porque é habitual que fatores extralinguísticos estejam implicados nesta variação.

2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA E A DIALETOLOGIA: INTERFACES

A língua é heterogênea devido a seu dinamismo inerente; em maior ou menor escala, evidenciam-se diversos sistemas variacionais sejam estes linguísticos (fonéticos, morfológicos, sintáticos, semânticos, lexicais, pragmáticos, discursivos) ou sociais (idade, sexo, escolaridade, classe social, nível de renda, profissão, religião, origem geográfica, etnia e outras características circunstanciais que envolvem o falante ou o evento da fala). Todas essas variações se sobrepõem e se intercalam de diversas maneiras, do que resulta uma situação extremamente complexa, mesmo quando é a observação da língua de um só indivíduo. Todavia, as referidas variações são passíveis de serem descritas e analisadas cientificamente, há um princípio geral e universal que pressupõe as alternâncias de uso sobre quaisquer que sejam as influências, sem comprometer o funcionamento da língua. Assim enquanto muda, o sistema é utilitário.

Acreditar que a língua seria um sistema unitário e invariável, preservando a homogeneidade, é ter uma visão estruturalista desse objeto engendrada por Saussure (1916). Mattos e Silva (2012) pontuou que a variação, a mudança e a norma foram varridos, de início, das preocupações estruturalista, uma vez que Saussure (2016) se orientou fundamentalmente no caminho teórico de captar a estrutura abstrata, ou o sistema que permitia que as línguas funcionassem como funcionam. Posteriormente, os modelos abstratos radicais de orientação gerativista (teorizados por Chomsky, em 1965) fundamentaram-se teoricamente no falante-ouvinte ideal e na comunidade linguística homogênea. Também não tinham preocupação de explicar as línguas humanas como fenômenos sócios-históricos. Mas, ao longo das décadas seguintes, a língua se tornou um objeto de investigação de muitas teorias; em uma delas, a

investigação correlaciona grupos de fatores estruturais e os de natureza social no seio da comunidade de fala. Surge, então, a Sociolinguística.

Nesta ciência, temos um modelo de análise da língua probabilístico e preditivo, o qual toma amostragens da língua para análise de *corpus* considerando as variantes – formas linguísticas alternativas – da variável dependente – o fenômeno variável. Essas variantes são influenciadas por aqueles grupos de fatores, que podem ser de natureza interna ou externa à língua e, com o tempo, podem aumentar ou diminuir a frequência dos usos.

As variantes, no entanto, são possibilidades que podem permanecer estáveis ou continuar se alternando ao longo dos séculos ou num tempo de curto período. Elas podem também ter uma das formas desaparecidas, que é quando acontece a mudança.

Essa mudança a longo prazo, através dos séculos, não se processa de maneira instantânea ou abrupta, como se numa determinada manhã a população inteira acordasse falando de maneira diferente da do dia anterior. De fato, as mudanças linguísticas normalmente se processam de maneira gradual em várias dimensões (NARO, 2008, p. 43).

Em condições concretas de uso da língua, a variação é fato. Cabe à Sociolinguística então, investigar o grau de mutabilidade ou de estabilidade dessa variação, uma vez que elas são contextualizadas e têm origens e níveis diversos. A exemplo das variáveis externas, os fatores podem ser inerentes ao indivíduo, propriamente sociais e até circunstanciais.

A chave para uma concepção racional da mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade. Argumentamos que o domínio de uma falante nativo [*nativelike command*] de estruturas heterogêneas não tem a ver com o multidialetalismo nem com o “mero” desempenho, mas é parte da competência linguística monolíngüe. Um dos corolários da nossa abordagem é que a língua serve a uma comunidade complexa (i.e., real), a ausência de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional (WEINREICH; LABOV; HERZOG, [1968] 2006, p. 36).

Todavia, é importante ressaltar que há uma complexidade inerente a tais fatores, os quais, por sua vez, não permitem a previsão de todos os agentes que se relacionam simultaneamente no processo de variação linguística.

O perfil sociolinguístico do falante projeta a variação, enquanto que as variáveis não agem isoladamente, operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes.

Fatores sociais como escolaridade e nível econômico marcam diferenças linguísticas entre os falantes. Deixar de fazer a concordância de número no SN (artigo, núcleo nominal e eventuais adjuntos) é um indício de baixa escolaridade, que em geral vem de mãos dadas com

baixo nível econômico, é um fenômeno inegavelmente marcado socialmente. Desse modo, indivíduos com maior nível de escolaridade e melhor situação econômica possivelmente tendem a evitar realizações como “as pessoa”. Exemplo claro de que as atitudes linguísticas não são delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também por fronteiras sociais. Por outro lado, esse mesmo indivíduo com alto nível escolar e econômico pode fazer uso de variantes sem concordância nominal dentro da sua comunidade.

Se por um lado a variação diatópica/geográfica e a diastrática/social originam aqueles padrões mensuráveis preditivos e probabilísticos, há uma série de outros que não têm suas fronteiras, em determinadas ocorrências, nitidamente demarcado, a exemplo dos discursos monitorados ou não, estilos formais e informais para acomodar-se ao seu interlocutor, grau diferenciado de envolvimento dos falantes, com o tema ou familiaridade desse falante com o evento comunicativo, os traços descontínuos de urbano e rural, entre outros.

E apesar de toda a variação, a língua não está apenas sujeita à dinamicidade e às inovações. Ainda que inerente e motivada, contextualizada com regularidade, essa característica tem uma mão contrária que mantém a língua coesa, com padrões estruturais para o entendimento entre a comunidade linguística. Lembre-se da comunidade linguística homogênea com seu falante-ouvinte ideal, teorizada por Chomsky, em 1965, como bem caracteriza Kato (1999). É uma língua interna porque se constitui na representação mental, é intencional, pois se baseia em princípios e parâmetros e é individual, uma vez que exclui a porção social, política e geográfica. Claramente temos uma oposição ao objeto de estudo tomado como pilar da Sociolinguística.

As diretrizes maniqueístas do tipo certo/errado predominantes nas práticas pedagógicas exercidas nas aulas de língua materna foram reafirmadas neste momento. Oferece-se munição ao preconceito linguístico, criando-se uma estigmatização linguística que desqualifica e procura suprimir a língua natural e legítima. Por isso, tal preconceito também tem sido alvo de análises e combate dos sociolinguistas.

A homogeneidade da língua é um conto, um encanto, que não se sustenta como modelo hegemônico, inevitavelmente supera-se o Estruturalismo e o desejo de Saussure (1916) de manter a análise da língua como objeto invariável no seu desempenho efetivo – em uso. A Sociolinguística trará para esses estudos da gramática da comunidade de fala o traço coletivo, focando na variação linguística dentro da interação social. O objeto é o mesmo, muda-se a maneira de apreensão dele.

O sistema linguístico – que não só existe na abstração sincrônica – possui funcionalidade na realidade histórica da língua mesmo enquanto muda, porque não abarca o

sistema inteiro e sim, como revelam Weinreich, Labov e Herzog ([1968] 2006, p. 123), altera gradualmente um conjunto limitado de variáveis.

A variabilidade é inerente à linguagem humana, todas as línguas mudam com o tempo, “[...] a variação nada mais é do que a atualização de um processo de mudança em um dado momento da língua, e uma característica essencial de qualquer língua viva é a sua incessante e ininterrupta mutação” (LUCCHESI, 2011, p. 241).

Nessa mesma linha de pensamento, pode-se ainda tratar do questionamento radical acerca da funcionalidade e homogeneidade da língua. Não ficam dúvidas, portanto, de que as línguas funcionam enquanto mudam.

Afinal, se uma língua tem que ser estruturada a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda, isto é, enquanto passa por períodos de menor sistematicidade? Em outras palavras, se pressões esmagadoras forçam uma língua à mudança e se a comunicação é menos eficiente nesse ínterim (como seria forçoso deduzir da teoria) por que tais ineficiências não têm sido observadas na prática? (WEINREICH; LABOV; HERZOG [1968], 2006, p. 35).

É óbvio que a variação do sistema linguístico não deixa confortáveis muitos linguistas formalistas, ainda que na modernidade; desde Saussure (1916), acredita-se que o sistema perfeito era o que permitia a comunicação entre os indivíduos. Reconhecer a variação é aceitar a heterogeneidade ordenada; se a língua muda, há variação no sistema.

O sistema linguístico é flexível. Vê-se então, nos atos verbais, as escolhas lexicais, a estruturação do enunciado, a imagem social transmitida, as hesitações intencionais, uma série de escolhas possíveis devido a essa flexibilidade; além do mais, a língua não serve apenas à comunicação, mas a uma série de outras funções. Constata-se a imperfeição em universos culturais tão distintos. Apesar de único, o sistema também é plural; tal “imperfeição” chama-se de variação linguística.

A língua homogênea proposta por Saussure no Estruturalismo, no início do século XX, advém da dicotomia de *langue* e *parole*, firma-se no fato de que é social na sua essência e independente do falante, portanto dissociada do meio onde é falada; a língua adotada pelo Gerativismo incide na concepção de um sistema linguístico composto por um falante-ouvinte ideal, também homogênea como objeto de análise. Em contrapartida, nos anos de 1960, Labov propõe uma teoria linguística que se aprofunda nas implicações da definição de língua como fato social, mostrando que a variação ou a diversidade não acontecem livremente, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas.

Em sua Teoria da Variação, Labov ([1972] 2008) desloca a definição de língua de ‘homogênea’ para a heterogênea, e sua realização passa de ‘idêntica’ à repleta de diversidades e marcas singulares da comunidade de fala. A Sociolinguística, assim, estuda situações naturais de fala, de interação social em que a língua sofre variações condicionadas por fatores que excedem o limite da gramática e das normas linguísticas pré-estabelecidas.

Para Rey-Debove (1984, p. 59), “[...] cada pessoa sente que compreende melhor as pessoas de sua região, de sua idade, de seu meio social e profissional que as outras”. Acrescente-se a estes fatores dados como sexo, religião, escolaridade, contato com agentes de padronização capazes de influenciar o léxico ativo e passivo, e é com eles que a Sociolinguística analisa fenômenos.

É inequívoco que a língua é um comportamento social direcionado à interação com outros falantes, os seres humanos a usam num contexto social, prova disso é que crianças que são isoladas não têm competência para usá-la. Os membros da comunidade trocam ideias, partilham saberes, expõem emoções, confidenciam suas necessidades, tudo em contingências sociais; constituem-se assim, as comunidades de fala explicadas por Moreno Fernández (1998):

Una comunidad de habla está formada por un conjunto de hablantes que comparten efectivamente, al menos, una lengua, pero que, además, comparten un conjunto de normas y valores de naturaleza sociolingüística: comparten unas mismas actitudes lingüísticas, unas reglas de uso, un mismo criterio a la hora de valorar socialmente los hechos lingüísticos, unos mismos patrones sociolingüísticos [...] Los miembros de una comunidad de habla son capaces de reconocer se cuando comparten opinión sobre lo que es vulgar, lo que es familiar, lo que es incorreto, lo que es arcaizante o anticuado. Por eso, el cumplimiento de las normas sociolingüísticas al que obligala pertinencia a una comunidad puede servir de marca diferenciadora, de marca de grupo, y por eso los miembros de una comunidad suelen acomodar su discurso a las normas y valores compartidos [...] Una comunidad de habla es básicamente una comunidad de consenso, de sintonía entre grupos e individuos diferentes, donde el conflicto está minimizado (MORENO FERNANDEZ, 1998, p.19-20 apud OLIVEIRA, 2014, p. 27).¹

¹ Uma comunidade de fala é formada por um conjunto de falantes que compartilham efetivamente, pelo menos, uma língua, contudo, além disso, compartilham um conjunto de normas e valores de natureza sociolinguística: compartilham as mesmas atitudes linguísticas, as mesmas regras de uso, um mesmo critério na hora de valorizar socialmente os fatos linguísticos, os mesmos padrões sociolinguísticos [...] Os membros de uma comunidade de fala são capazes de se reconhecerem quando partilham opiniões sobre o que é vulgar, o que é familiar, o que é incorreto, o que arcaizante ou antiquado. Por isso, o cumprimento das normas sociolinguísticas que obriga o pertencimento a uma comunidade pode servir de marca diferenciadora, da marca de grupo, e por isto os membros de uma comunidade costumam acomodar o seu discurso a normas e valores compartilhados [...] Uma comunidade de fala é basicamente uma comunidade de consenso, de sintonia entre grupos e indivíduos diferentes, onde conflitos são minimizados. (Tradução constante de OLIVEIRA, 2014, p.27).

No entanto, muitas barreiras ideológicas foram postas antes que se aceitasse o estudo da língua na vida diária, advinda das comunidades de fala. Restrições no fato da variação não poder ser condicionada, da mudança sonora não poder ser diretamente observada, dos sistemas estruturais de presente e passado necessitarem de estudos separados e até, que as variantes sociais não deviam ser analisadas, uma vez que eram inacessíveis, povoaram os estudos de Saussure (1916), Martinet (1946), Bloomfield (1933), entre outros pesquisadores no assunto. Diferente do que se via na primeira metade do século XX, constantes eram as preocupações direcionadas a debates sobre língua e sociedade, na segunda metade deste século.

A superação de tais restrições se dá com as convicções e senso de direção linguística do professor Uriel Weinreich, aprendizagem absorvida e facilmente aproveitada pelo orientando William Labov, nos anos de 1960. O mistério da estrutura de uma língua permite a variação e não emudece as pessoas nestes períodos de menor sistematicidade, isso direcionou o olhar de Labov para o fato de que o falante nativo tem competência para dominar a heterogeneidade da língua.

O olhar agora – para a Sociolinguística – é que o conhecimento linguístico pode ser encontrado também na fala. Todas as barreiras ideológicas se fragilizam e “[...] a língua tal como usada na vida diária por membros de ordem social, este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos, e ludibriam seus inimigos” (LABOV, [1972] 2008, p.13) passa a ser observada sistematicamente por pesquisadores, os quais captam claramente a relação de influências da língua e da sociedade – ou da sociedade na língua?

Vê-se que as propriedades inerentes à cultura e à identidade têm relação direta com a língua e conseqüentemente trazem para essa discussão linguística aspectos sociais e culturais, entre outros, além das já agregadas razões políticas, geográficas e históricas.

O próprio falante promove variação no léxico,

Todo falante está constantemente adaptando seus hábitos de fala aos de seu interlocutor; ele abre mão de formas que tem usado, adota novas e, talvez mais frequentemente que tudo, muda a frequência das formas faladas sem abandonar inteiramente as velhas ou aceitar qualquer uma que seja realmente nova para ele (BLOOMFIELD, 1933, p.327-328 apud WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 93-94).

Explicar e justificar pela lexicologia a variação – como a citada adaptação ao interlocutor – a que o léxico, assim como de toda a língua, está submetido, é se não

impossível, difícil; já que os contextos socioculturais em que a língua ocorre são muitas vezes determinantes da variação.

O foco é identificar e entender os meios em que podem interagir o estudo da língua e o estudo da sociedade. Os fatores sociais como faixa etária, grau de escolaridade, sexo, grupo profissional e religioso, etnia, entre outros, estão nitidamente relacionados à variação linguística, mas não comprometem a interação entre os indivíduos, já que o contexto em que se fala é capaz de sanar alguns momentos do que poderia ser visto como incoerente.

As variáveis sociais servem para observar a variação linguística em foco; no entanto, não se deve esperar que elas produzam sempre respostas de análise que se debrucem sobre elas. Assim, é importante entendê-las, as mais tradicionais são:

(i) idade do falante – uma vez que os fatores sociais podem ser analisados cientificamente para mostrar a flexão da língua, examina-se agora a idade do falante em relação à variação linguística. Salienta-se antes, que os fatores se dão em interação com outros, assim a idade, por exemplo, interage com a escolaridade e assim sucessivamente.

Não se sabe ao certo até que ponto o indivíduo pode mudar realmente sua fala ao longo dos anos, acredita-se também que no início da puberdade – mais ou menos – a língua do indivíduo se estabiliza, o que significa dizer que a gramática desse adolescente não sofrerá mudanças significativas, apenas as esporádicas, entre elas as do léxico – troca de uma palavra por outra; a escolaridade exerce um papel importante nesta fase.

Inúmeros estudos revelam essa relação de variação e idade e destacam que

[...] os falantes adultos tendem a preferir formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos a primeira vista; existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto, isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos os lados são capazes de utilizarem ambas as formas. Trata-se apenas de uma tendência em direção a outra forma. Com o correr do tempo, é provável que a forma nova seja adotada por todos (NARO, 2008, p. 44).

O pesquisador pode arriscar um prognóstico, uma projeção, dentro da variante clássica, quando observa, por exemplo, que um adulto de 60 anos reflete o estado de sua língua de 45 anos atrás, quando tinha 15 anos. Assim, pode-se estudar pessoas com idades diferentes e observar a língua do período em que elas estavam na puberdade. Essa escala em tempo aparente é caracterizada a partir da gradação etária, a idade cronológica do indivíduo representa a passagem do tempo, assim analisa-se o comportamento do fenômeno em função das faixas etárias. Temos o estudo de Labov (pronúncia da centralização de dois ditongos),

em 1972, em Martha's Vineyard, Massachusetts, nos Estados Unidos, sobre o tempo aparente como um famoso exemplo.

Seguidos de outros estudos da mesma linha, o processo de mudança se espalha na fala das sucessivas faixas etárias. No entanto, a hipótese clássica esconde umas dificuldades, já que nem toda variação na fala representa mudança linguística em progresso e ainda, em alguns casos, o falante muda a língua no decorrer dos anos, conforme relata Naro (2008). Temos ainda o registro de que a fala muda com o passar do tempo, mas não atinge precisamente a mesma posição em que os falantes mais velhos estão hoje, é o que apontam estudos de mudança em tempo real.

Por outro lado, a hipótese não clássica acredita que, ao longo dos anos, o adulto vai modificando sua língua, criando uma marca identitária dialetal, permitindo também que pesquisadores possam estudá-la através da análise da variação, observada em cada estado da língua.

Fato é que o fenômeno estudado pode variar de acordo com a faixa etária do falante, inclusive porque quanto maior a diferença de idade, maior a probabilidade de diferenças na forma de falar dos indivíduos serem encontradas.

(ii) sexo – em muitas sociedades, há de se reconhecer uma distinção entre a fala de homens e de mulheres, a diferença de gênero se reflete nos usos linguísticos.

Entre as pessoas, de uma maneira geral, causa estranheza quando se fala que existe diferença entre a fala dos homens e das mulheres. Mas quem não se lembra de ter ouvido dos pais, ou tios, ou mesmo professores, expressões como: “Fale como uma mocinha” ou “Homem não fala assim”? A educação doméstica ou formal já conduz o indivíduo a determinadas posturas sociais e também linguísticas, em que se ressalta essa oposição, fala dos homens e fala das mulheres (LOPES, 2013, p. 31).

Homens e mulheres, no entanto, vêm apresentando semelhança no comportamento linguístico, principalmente quando concorrem e disputam vagas no mercado de trabalho. Historicamente, esse é um dado atual, tendo em vista a condição desigual a que a mulher estava submetida; sua ascensão por um espaço social fez, durante algumas décadas, com que elas cuidassem mais da língua padrão que os homens – menos cobrados, sofrem mais influência dos amigos da mesma idade e adotam um uso linguístico marca de “prestígio”/representativo do grupo; assim, acabam por deslizar mais no padrão.

As diferenças mais evidentes entre a fala de homens e mulheres se situam no plano lexical. Parece natural admitir que determinadas palavras se situam melhor na boca de um homem do que na boca de uma mulher. Nas sociedades ocidentais, a existência de um vocabulário feminino e de um vocabulário masculino parece menos acentuada e tende, progressivamente ao desaparecimento. O que não impede,

entretanto, que ainda possamos ouvir e utilizar expressões como “não fica bem para uma garota falar dessa forma” (PAIVA, 2008 p. 33).

A expectativa social para que a mulher interagisse com mais formalidade serviu/serve como trampolim de superação a uma variante estigmatizada socialmente, impondo-lhe uma língua mais próxima da de prestígio para ter maior aceitação social; dá-se aqui e assim, em parte, a construção do papel social feminino. Infere-se então, que a escolaridade se tornou fundamental para as mulheres, entrelaçando duas variáveis, já que o efeito da variável sexo depende de uma relação com o grau de escolaridade.

(iii) a variável escolaridade – interfere em muitas variáveis dependentes da língua; no geral, quanto maior o nível de escolaridade, maior a probabilidade de se realizar a norma padrão, uma vez que os anos de escolarização de um informante condicionam o mesmo a se aproximar mais de uma norma socialmente prestigiada.

Pesquisas revelam que a permanência na escola tem relação proporcional do efeito da norma padrão – ensinada / cobrada nas aulas de Língua Portuguesa – na fala do indivíduo. Estaria aquela instituição atuando como força conservadora de língua padrão ou, no mínimo, retardando a mudança linguística em falantes que avançam nos estudos e sofrem os efeitos da pressão escolar.

(iv) o fator socioeconômico representa desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, para este último destaque para inclusão digital, uma vez que o acesso está, no mundo moderno, altamente relacionado ao *status* socioeconômico.

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, [1972] 2008, p. 140).

A posição social do indivíduo, colocando-o numa classe de baixa a alta (sem levantar aqui em conta a discussão de classes), também pode servir como indicador de variação linguística. Agregue-se a ela o fator econômico, que em geral vem também de mãos dadas com a escolaridade. Acaba-se por ter um grupo de fatores que influenciam a variação e podem, como os demais, levar a uma mudança linguística, uma vez que a variável econômica possibilitará, via de regra, ao indivíduo mais favorecido acessos a grupos prestigiados socialmente, incluindo escolas mais bem estruturadas física e pedagogicamente.

(v) coexistências de outras variáveis – nas variações geográficas (diatópicas) a mesma língua pode ser articulada de maneiras diferentes ou ainda ter um léxico diferente em diversos

pontos do país para um mesmo objeto/coisa/fruta, além da variação na estrutura fônica e sintática. Isso faz com que sejam socialmente percebidas características regionais, as quais são graduais e nem sempre coincidem com as fronteiras geográficas; no entanto, como já visto, as atitudes linguísticas não são delimitadas apenas por fronteiras geográficas, mas também, por fronteiras sociais.

Embora aquelas (i, ii, iii, iv) sejam variáveis sociais clássicas, outras podem ser agregadas ao processo a partir da especificidade do objeto estudado. A profissão e a religião, por exemplo, podem levar o indivíduo que protagoniza a fala a adequá-la ao grupo a que pertence (ou quer parecer pertencer), usando o recurso linguístico que lhe foi concebido em seu processo de assimilação e aprendizagem para efetivar uma comunicação afinada com os seus pares, sendo portanto, condicionador de seu repertório linguístico.

A correlação entre as variantes aponta que não há um padrão de comportamento a ser seguido, não procede a uma generalização ao relacioná-las a uma variável dependente; o que se tem é uma relatividade que pode ser mais ou menos acentuada em função das correlações estabelecidas.

No geral, nenhum indicador individual sozinho está tão estreitamente correlacionado com as variáveis linguísticas quanto a um índice combinado. Mas é preciso se considerar que o indivíduo pode evidenciar aspectos diferentes (idade, classe social, sexo, escolaridade, profissão, religião) a depender de com quem ele está interagindo; assim, nenhuma categoria é fixa, já que a ênfase pode ser maior ou menor naquele aspecto a depender da intenção do falante.

Há muito ainda a ser respondido e, muitas perguntas cujas respostas precisam ser revisadas para que o conhecimento da Sociolinguística seja cada vez mais preciso.

Lexicologia e Sociolinguística juntas, explicam tal fenômeno. Procuram dar conta através dos postulados teóricos e da metodologia de trabalho daquilo que durante anos ficou esquecido aos olhos da ciência, afinal “[...] o lingüista que entra no mundo só pode concluir que o ser humano é herdeiro legítimo da estrutura incrivelmente complexa que nós agora estamos tentando analisar e compreender” (LABOV, [1972] 2008, p. 18).

Para compreender essa estrutura incrivelmente complexa, é preciso aproximar esse estudo lexical também para o meio do indivíduo, já que o léxico vem entranhado de carga sociocultural e regional. Assim não só a Sociolinguística, mas também a Dialetoлогия pode contribuir intensamente com os estudos lexicais.

A Dialetoлогия, na sua versão mais tradicional, é apoiada por uma metodologia cartográfica e, apesar de ter havido trabalhos anteriores, embora sem muita extensão das áreas

territoriais, o *Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral, em 1920, é tido como marco inicial, revela Callou (2012). Dentre estes trabalhos iniciais, o baiano Domingos Borges de Barro, o Visconde de Pedra Branca, em 1826, apresenta, a pedido do geógrafo Adrien Balbi, uma manifestação com a descrição do português brasileiro em confronto com o português europeu.

A partir da década de 50, do século passado, chegava a hora de uma nova visão na abordagem dos fenômenos da variação linguística, pedia passagem a Geografia Linguística, a implantação para um novo momento da Dialectologia brasileira. As figuras pioneiras foram Antenor Nascentes, Celso Cunha, Serafim da Silva Neto e Nelson Rossi.

Tem-se o começo dos estudos sistemáticos, no campo da Geolinguística, mas não ausentes estudos de natureza teórica, produção de léxicos regionais e glossários e elaboração de monografias. Em 1996 – definida como início da 4ª fase da referida ciência, segundo Cardoso e Mota – acontece o Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para Geolinguística no Brasil; nele, pesquisadores em Dialectologia do Instituto de Letras da UFBA, retomam através do Projeto ALiB, a ideia do mapeamento linguístico geral do Brasil. Nova semente plantanda, surgiria, no final do século XX, nas universidades brasileiras, a implementação de muitas pesquisas na área, refletindo-se em publicações, comunicações em congressos, atlas regionais, além da incorporação de novas dimensões (pluridimensionais).

Do ponto de vista metodológico, incorporam-se os princípios implementados pela Sociolinguística, abandonando-se a visão monodimensional (monostrática, monogeracional, monogenérica, monofásica) da geolinguística tradicional. O *haras/norm*, “homem adulto, rurícola, analfabeto e sedentário” na Geolinguística Pluridimensional Contemporânea cede lugar ao parâmetro diatópico (essencialmente), diassexual, diastrático, diageracional, diafásico.

Essa nova fase, para além desta visão pluridimensional, é marcada pela ampliação do campo de estudo quanto aos fenômenos que forneceram dados, e também, passa a uma apresentação destes dados, nos atlas atuais, com inserção de comentários e CD’s para reprodução de vozes dos informantes.

Estes estudos dialetais contribuem para eliminação de visões distorcidas que privilegiam uma variante tida como culta e estigmatizam as demais variantes. Antes de qualquer estigma, é preciso compreender que o Brasil é um país continental, suas diferentes manifestações linguísticas em uso são fruto de um trajeto histórico dos dialetos, falares, sotaques, empréstimos, influências indígenas e africanas. As variações e mudanças ocorridas no português do Brasil são motivadas pelas diferentes procedências dos portugueses que vieram para cá e pela presença de diferentes raças que habitavam o país nos primórdios; mas

tantos outros fortes argumentos têm sido mostrados pela Dialetoлогия e Sociolinguística a partir de pesquisas.

Debruçando-se sobre a realidade e cientes de que as comunidades linguísticas jamais são perfeitamente homogêneas, fica fácil admitir que quanto maior a extensão territorial ou quanto mais acentuadas são as divisões sociais, maiores as possibilidades de dialeção. A dialeção individualiza-se por ser um processo pelo qual uma língua se diversifica em variedades regionais ou sociais, adotando assim características diferentes de acordo com as regiões onde é falada e também em conformidade com os grupos sociais que a utilizam.

De acordo com Cardoso (2010, p.26)

Apesar de “consideradas até certo ponto sinônimas”, dialetologia e sociolinguística, ao se ocuparem da diversidade de usos da língua, atribuem um caráter particular e individualizante no tratamento do seu objeto de estudo. [...] A dialetologia, nada obstante considerar fatores sociais como elementos relevantes na coleta e tratamento de dados, tem como base da sua descrição a localização espacial dos fatos considerados, configura-se, dessa forma, como eminentemente diatópica. A sociolinguística, ainda que estabeleça a intercomparação entre dados diferenciados do ponto de vista espacial, centra-se na correlação entre os fatos linguísticos e os fatores sociais, priorizando, dessa forma, as relações sociolinguísticas.

A dialetologia inclina seus estudos sobre os usos que os grupos de determinada região fazem da língua, estuda os traços linguísticos no Brasil, por exemplo, vinculando o léxico a distintos níveis da língua. Essa ciência propõe-se a investigar dentro do sistema linguístico não só os aspectos variáveis de acordo com a variação geográfica e, por isso mesmo, Cardoso (2010, p. 26) menciona que “[...] a Dialetoлогия tem, assim, duas diretrizes, dois caminhos, no exame do fenômeno linguístico, que se identificam nos estudos dialetais: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico”. Está aqui a interface.

E diante de toda a dinamicidade evidenciada da língua, através do léxico, podem ser verificadas marcas regionais bastante afastadas entre si, sendo isso proveniente ou das grandes extensões territoriais ou dos hábitos linguísticos das comunidades, variações estas que só a Dialetoлогия pode atestar, como apresenta Adolfo Elizaincín (2010, p. 16)

A Dialectologia é a ciência da variação (Coseriu, 1955, 1982), melhor ainda, de variação diatópica. Ocupa-se de uma das dimensões de variação, dimensões que caracterizam a língua histórica entendida, novamente segundo Coseriu, como oposta à língua funcional. É o lugar onde se manifesta a arquitetura das línguas, com conceito oposto a estrutura das mesmas. Pois, então, se se ocupa de um objeto naturalmente variável (que é a língua histórica) em uma de suas possíveis variações, aquela na qual o espaço incide como um agente da variação, não é possível confundi-la com outras disciplinas linguísticas que se ocupam da língua funcional, como a gramática, ou a fonologia (que descrevem um estado de língua ideal diacrônico, diatópico, diastrático, diafásico) nem pretende que as técnicas e métodos

próprios das disciplinas que estudam a língua funcional possam ser aplicados a ela ² (Tradução nossa).

Enquanto a Sociolinguística detém-se, em princípio, na variação diastrática e diafásica, a Dialectologia ocupa-se da variação diatópica. Essa, por sua vez, apoia-se no método possível e recomendado da geolinguística, e faz bom uso da sofisticada bateria de técnicas de coleta de dados e representação cartográfica. No entanto, a língua é altamente sensível à influência de fatores externos, em maior ou menor relevância, também a escolaridade, o sexo, a religião, a frequência e o tempo de “viagens”, entre outros, podem causar variação. Tais fatores são também controlados pela Dialectologia Pluridimensional.

O reconhecimento de uma realidade linguística brasileira é também reflexo das contribuições do trabalho da Dialectologia. Orientadas metodologicamente para elaboração de atlas linguísticos, as pesquisas voltadas para essa base de teoria formulam um papel muito importante na documentação e registros da variação. E, não se pode perder de vista que a Dialectologia, além de proporcionar enriquecimento para a linguística, também apresenta-o para outras áreas como: História, Sociologia, Antropologia e Etnologia.

Dar conta dessa diversidade existente no território nacional, ou seja, da dialeção do português, a fim de tornar viável a tão complexa delimitação de áreas próprias a cada fenômeno linguístico é objetivo da Dialectologia; no Brasil, especificamente, essa tarefa vem sendo empreendida, com grande amplitude, há 20 anos, pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil. Portanto, sendo ele responsável por “colher” dos informantes dados para serem analisados por um método de apreensão e explicação da diferenciação geográfica das línguas.

A visão da língua em uso é privilegiada com a união de tais ciências e métodos, ramos da Linguística, por gerar um ambiente de extrema interação, com olhares em várias direções e que, tornam o objeto de estudo mais precioso e delimitado, além de fortalecido.

2.3 OS ATLAS LINGUÍSTICOS DO BRASIL

² La dialectología es la ciencia de la variación (Coseriu, 1955, 1982), mejor aun, de la variación diatópica. Se ocupa de una de las dimensiones de la variación, dimensiones que caracterizan a la lengua histórica, entendida, nuevamente según Coseriu, como opuesta a lengua funcional. Es el lugar en que se manifiesta la arquitectura de las lenguas, como concepto opuesto a estructura de las mismas. Pues entonces, se si ocupa de un objeto por naturaleza variable (la lengua histórica) en una de sus posibilidades de variación, aquella em la que el espacio incide como agente de la variación, no es posible ni confundirla com otras disciplinas linguísticas que se ocupan de la lengua funcional, como la gramática, o la fonología (que describen un estado de lengua ideal, sincrónico, sintópico, sinstrático, sinfásico) ni pretender que técnicas y métodos propios de las disciplinas que estudian la lengua funcional puedan aplicarse a ella.

Leituras revelam que a busca por um atlas linguístico da fala no Brasil é uma aspiração dos dialetólogos brasileiros; iniciada com o decreto do Governo Federal nº 30.643 de 20 de março de 1952 que “[...] institui o Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre o seu funcionamento”. As bases para elaboração de tal atlas só seriam publicadas, em 1958, por Antenor Nascentes; todavia, pesquisadores da época relatavam a impraticabilidade de atlas que não regionais, naquele momento, dada a amplitude do território nacional. Em consonância com os acontecimentos, Nelson Rossi, em 1963, com a publicação do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* dá um significativo passo inicial para os trabalhos da Geografia Linguística no território nacional.

Pioneiramente, em 1963, portanto, seria publicado um atlas regional, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, pela equipe da Universidade Federal da Bahia, de autoria de Nelson Rossi, com colaboração de Carlota Ferreira e Dinah Isensee; seguido de 14 atlas estaduais desenvolvidos entre 1963 e 2012: *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)* – 1977, *Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)* - 1984, *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)* – 1987, *Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)* – 1990 – 1994, *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)* – 2002, *Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA)* – 2004, *Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM)* – 2004, *Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II)* – 2002 – 2005, *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul (ALMS)* – 2007, *Atlas Linguístico do Paraná (ALPR – II)* – 2007, *Micro-Atlas Fonético do estado do Rio de Janeiro (Micro AFERJ)* – 2008, *Atlas Linguístico do Ceará – (ALECE)* – 2010, *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás (ALG)* – 2012. Todos revelam fatores brasileiros que podem ser usados para reflexão dos estudos dialetais e sociolinguísticos da Língua Portuguesa no Brasil. Há ainda, outros atlas regionais em andamento, em diferentes estágios, cobrindo distintas regiões.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, publicado em 1963, foi o pioneiro, o impulso inicial. Três anos antes, o autor Nelson Rossi e suas colaboradoras Dinah Maria Isensee e Carlota Ferreira, iniciaram a elaboração que percorreria 50 localidades e tinha como um dos objetivos o mapeamento da área baiana dos “Falares Baianos” (proposta de Nascentes, em 1956) e para alcançá-lo contactaram 100 informantes analfabetos ou semi-analfabetos.

Chegando ao final da outra ponta, está a décima quarta obra divulgada, *Atlas Semântico-Lexical do Estado de Goiás – (ALG)* –, publicado em 2012. Resultado da tese de doutorado de Vera Lúcia Dias Santos Augusto, realizado em nove pontos de inquéritos,

resultando em 202 cartas linguísticas semântico-lexicais baseadas no instrumento de coleta do ALiB.

O número de trabalhos publicados, elaborados e em andamento, nessa área, são promissores. No Brasil, dos 14 atlas já publicados, cinco são da região Nordeste. Mas além de atlas, teses, dissertações, monografias que são publicados; há comunicações e conferências que são apresentadas e muitas vezes resultam em artigos e capítulos de livros publicados também.

Aragão (2012) afirma sobre um dos estados pesquisados neste trabalho (a saber, publicado em 2013, fruto da tese de doutorado de Edmilson Sá)

O Atlas Linguístico de Pernambuco, resultado de uma tese de doutorado, está assim estruturado: 20 localidades, 80 informantes de faixa etária entre 18 e 65 anos, homens e mulheres, com nível de instrução entre 5ª série do fundamental e superior completo (ARAGÃO, 2012, p. 110).

Muitas foram e têm sido as contribuições dos dialetólogos para deixarem registrada uma fotografia da língua, um retrato linguístico do país, dando conta da diversidade existente, ainda que em um momento determinado.

É, em meio a esse desenvolvimento da ciência, nesse mapeamento linguístico do território brasileiro, que muitos atlas estaduais e regionais deram o pontapé inicial que desembocaria no projeto Atlas Linguístico do Brasil, iniciado em 1996. Este, por sua vez, retomou a ideia de construção de um atlas nacional. O ALiB (a ser retratado no capítulo destinado à metodologia da pesquisa – cf. 3.1) ultrapassa limites geográficos, tradicional da Dialetoлогия, e incorpora pressupostos da Sociolinguística para se fazer presente em todas as comunidades de fala. A chegada do ALiB não apaga os méritos dos já retratados, como apresenta Ribeiro (2012, p. 78) “[...] a elaboração e publicação de um atlas nacional não invalidará o trabalho já realizado, muito pelo contrário, fomentará o diálogo entre as obras e a melhor descrição da variante brasileira da língua portuguesa”.

3 MAPEAMENTO SÓCIO-HISTÓRICO DOS CIGANOS: ALGUMAS NOTÍCIAS

Povo cigano é uma denominação genérica na qual há uma unidade na tradição – no comportamento, no modo de pensar, de vestir, de agir. Mas tal unidade não é plena, existem diferenças incontestáveis entre grupos desse povo, sejam eles os principais – *rom, caló, e sinto* – ou não. Há quem não goste sequer de chamá-los de povo dada à ausência de unidade política ou leis escritas. O fato de serem nômades ou seminômades – poucos eram os sedentários – gerou um convívio com os outros povos e culturas, o que se refletiu em processo de assimilação da língua, do comportamento, da religião entre outros aspectos, das regiões por onde andaram, um pouquinho daqui e dali. Mas nada que os fizessem perder a própria identidade, como revela Pereira (2009),

[...] a vida nas barracas, o contato direto com a natureza, a viagem, a estrada, a possibilidade de exercer ofícios compatíveis com o nomadismo – comércio ambulante, atividades circenses, artesanato, quiromancia –, de vestir cotidianamente seus trajes característicos identificam-nos de imediato com o conceito que se tem de cigano. Seu modo de vida, com psicologia, sociologia e filosofia próprias de pessoas que transitam, se movimentam, alimenta o bem mais preciso para esse povo: a liberdade (PEREIRA, 2009, p. 48).

Os termos “pátria” e “nação” são polissêmicos porque o lugar do discurso os faz assim, mas se se entende que “pátria” é a existência de um território, de um espaço geográfico onde se concentram vínculos afetivos, culturais, valores e história de um povo. Por outro lado, “nação” é ideológica, centrada no sentimento de fidelidade a iguais, não tendo caráter politizado e sim de identificação. Os ciganos, embora não tenham pátria, são uma nação, por sua especificidade sociocultural – língua, religião, maneira de agir, base biológica da raça – etnicidade confirmada pela União Romani Internacional reconhecida pela ONU, em 28 de fevereiro de 1979. Em 8 de abril, comemora-se o Dia Internacional do Povo Cigano; já no Brasil, o Dia Nacional do Cigano é festejado em 24 de maio, instituído por Decreto Presidencial desde 2007.

A fidelidade à sua tradição, à sua história e aos seus costumes tem feito eles se unirem em torno de organizações como a União Cigana, no Rio de Janeiro; a Embaixada Cigana do Brasil Phralipen Romane, entre outras sociedades civis, buscando uma resistência cultural e o reconhecimento integral dos direitos coletivos desse povo de tradição oral, de cultura ágrafa. Enquanto nascido no Brasil, todo ser, inclusive o portador da cultura cigana, é cidadão

brasileiro e, portanto, tem assegurado todos os direitos constitucionais desse país: à saúde, à educação e à cultura, aos benefícios, à defesa, ao registro civil.

Segundo dados da UNESCO de 2003, transcrito das revistas Ciganas Europeias, dos 1,5 milhão de ciganos da América Latina, cerca de mais de 500 mil estão espalhados por todo território brasileiro, entre nômades, seminômades e sedentários. Isso sem nos referirmos aos que negam a própria ciganidade, os chamados criptociganos, o que aumentaria ainda mais este número (PEREIRA, 2009, p. 44).

Alvo de inúmeras práticas discriminatórias, xenofóbicas, racistas, intolerantes e excludentes, hoje e ao longo da história, o povo cigano nunca pretendeu impor sua cultura a outros povos, e contrariamente caracteriza-se por ser respeitoso à diversidade e à pluralidade, embora muitas vezes considerados com piores e mais pejorativos qualificativos.

Imagina-se então, quanto de inclusões e exclusões situam-se no sujeito da etnia cigana, uma vez que muitos conseguem manter um alheamento radical em relação aos brasileiros e edificar culturas tipicamente ciganas, mantendo na identidade costumes e tradições do povo, muitas vezes alvo de preconceitos. A ausente ou baixa escolaridade, o raro acesso à era digital e o distanciamento do restante da comunidade como degenerescência da autenticidade da etnia retardam, em parte (como se verá adiante) entre eles, a identidade transitória da pós-modernidade.

Precisa-se, contudo, assegurar que há instabilidade em algumas destas identidades também, uma vez que a mesma reflete e é atravessada por vários aspectos da vida contemporânea. Fraser (1998) revela que a vida dos ciganos contemporâneos é

[...] afetada por evoluções no seu relacionamento com a sociedade que os rodeia, seja o aumento de população e a progressiva escassez de terrenos, a sedentarização, terem que viver perto dos *gadjé*, o transporte motorizado, a industrialização ou as flutuações nas oportunidades de ganhar à vida. Muitas vezes se tem previsto a morte da sociedade cigana: o facto de a língua, os costumes, as tradições e todo um estilo de vida estarem em constante mutação e adaptarem elementos de outras sociedades é tido como indicador de declínio (FRASER, 1998, p. 290-291).

3.1 ORIGEM E CHEGADA AO BRASIL

Sendo as ambiguidades constantes em torno deste povo, não seria diferente sobre sua origem e sua dispersão pelo mundo. Embora não confirmadas, a mais forte teoria é que os ciganos são originários do Noroeste da Índia, atual Paquistão, tendo, portanto, uma origem hindu. A Índia inclusive, em 1977, concedeu-lhes a condição de cidadãos hindus em exílio. Quanto à dispersão dos grupos, primeiramente em território indiano em regiões mais inóspitas, deu-se devido à chegada de uma tribo nômade – os árias – que dominou o território

e que reestruturou o sistema social da Índia implantando o regime das castas que usa critérios para classificar os grupos sociais. Os ciganos, pelo ofício que exerciam – músicos, ferreiros e forjadores de metal, amestradores de animais, adivinhos, quiromantes – pertenciam ao grupo dos párias (os *dalits*, os intocáveis) que realizavam trabalhos considerados degradantes e eram mal pagos, representando o que há de mais imundo, capaz de poluir pessoas, famílias e casas apenas com suas sombras. Encontravam-se, portanto, numa zona inferior deste regime; tempo depois acabaram por iniciar a peregrinação por não se submeterem a ele.

Importante ainda ressaltar que quando se fala da “[...] emigração dos ciganos da Índia, não significa uma população inteira, na mesma época, mas parte dela” (PEREIRA, 2009, p.20) e que a escassez de documentação coloca carência de dados científicos nas explicações, ao mesmo tempo em que contribui para alimentar o clima de mistérios relacionados a esse povo.

A maioria dos estudiosos acredita que os ciganos deixaram a Índia em algum momento do século X. Aqueles que procuram traçar um retrato heróico dos primeiros ciganos, defendem uma data consideravelmente mais antiga para o êxodo: um grupo de *zotts* teria chegado à Pérsia (então parte do Império Árabe) por volta do ano 700. Segundo essa teoria baseada no trabalho do historiador holandês do século XIX, M.J. de Goeje, os ciganos chegaram não por terra, mas por mar. E à força (FONSECA, 1996, p. 112).

Coelho ([1892] 1995) apresenta uma série de extratos de documentos no seu livro sobre a presença dos ciganos em Portugal e suas colônias. Em 1538, um pedido de que os ciganos não entrem no reino

senhor, pedem a vossa alteza que nunca em tempo alguõ entrẽ çiganos em vossos reynos; porque deles não resulta outro proveito se não muytos fartos que fazem: e muytas feytyçarias que fingẽ saber: em que o pouo recebe muyta perda e fadiga” , “e entrando sejam presos e publicamẽte açoutados com baraçõ e pregam (COELHO, ([1892] 1995, p. 198).

Data de 1579 que a proibição seja estendida também para as pessoas que andam com ele “nẽhas pessoas que amdãõ ã sua companhia andem [...] os ditos çiganos e pessoas não deixãõ por jssõ de estar e andar nelles [...] recebe grande opressãõ, perda e trabalho” (COELHO, ([1892] 1995, p. 200-201). Já em 1592, a Lei de 28 de agosto comunica que não haverá apelação para os que não saírem de Portugal “ou não avizinhassem nos Lugares sem andarem vagabundos, não podendo andar, nem estar, ou viver em ranchos, ou Quadrilhas; tudo **sob pela de morte natural**” (grifo nosso) (COELHO, ([1892] 1995, p. 202). Em 1602, a punição se estende mais severamente para as pessoas que andarem com os ciganos “serãõ além das sobreditas penas degradados dous anos para Africa” (COELHO, ([1892] 1995, p. 204). Um decreto de 1648 acrescenta “que as pessoas, que lhe derem, ou alugarem casas

incorrerão nas penas, que mandarei declarar” (COELHO, ([1892] 1995, p. 210-211); um ano depois, a publicação de um Alvara “serião embarcados e leuados para seruirem nas conquistas divididos” (COELHO, ([1892] 1995, p. 211).

Ao longo dos anos e dos documentos, verifica-se que as práticas racistas não diminuem; em decreto de 1649 “andão actualmente algumas Ciganas; as quaes, posto que digão vem seguindo seus maridos, visto não terem ellas licenças para usarem traje, lingoa, ou giringonça, seria conveniente a meu serviço, e bem da República lança-las delas, e **alimpar a terra**” (grifo nosso) (COELHO, ([1892] 1995, p. 212-213).

Em 1708, o decreto nº 28 da Coroa Portuguesa, sequência de uma série que normatiza sobre a presença dos ciganos naquele reino, alegando estarem eles envolvidos frequentemente com furtos, enganos e delitos,

[...] manda que não haja nesse Reyno pessoa alguma de um, ou de outro sexo, que use de traje, língua, ou Giringonça de Ciganos [...] não morem juntos mais, que até dous casaes em cada rua, nem andarão juntos pelas estradas, nem pousarão juntos por ellas, ou pelos campos, nem tratarão em vendas, e compras, ou trocas de bestas, senão que no traje, lingua, e modo de viver usem do costume da outra gente das Terras [...] (COELHO[1892]1995, p. 223).

No mesmo decreto ordena “e o que contrario fizer; por este mesmo facto, ainda que outro delito não tenha, incorrerá na pena de açoutes, e será degredado por tempo de dez anos: o qual degredo para os homens será de galés, e **para as mulheres, para o Brasil**” (grifo nosso) (COELHO[1892]1995, p. 223). Mas esse não é o primeiro ano que se documenta a presença de ciganos pelo nosso país, já em 1574 há um documento que trata de uma pena de galés³, comutada em desterro para o Brasil.

Perseguidos, discriminados, punidos, exilados para colônias que ofereciam condições particulares, eles se atreviam a praticar violências, andavam em grupos e portavam armas. Por mais que as medidas legislativas tentassem, verifica-se que não conseguiam desaparecer com os ciganos, nem sequer com os costumes e tradições. A língua, os trajes, endogamia, o andar em grupo, a esperteza para o comércio, a não devoção católica, tudo era motivo para não serem aceitos.

³ “Um ambiente sujo, sem ventilação, com um calor insuportável. Neste lugar, os homens conviviam com alimentos estragados e corriam o risco constante de contrair doenças. Esses e outros percalços eram enfrentados pelos galerianos, condenados a fazer trabalhos forçados em galés.[...] muitos homens foram submetidos a grandes privações e dificuldades. As galés estavam entre as principais embarcações de guerra europeias [...] Elas possuíam velas que, apesar de serem muito rudimentares, auxiliavam em sua movimentação. Mas, para que ganhassem os mares, era necessário recorrer à força de cerca de 250 homens, recrutados de diversas formas. Eles podiam ser escravos condenados pela Justiça, que trocavam suas penas por trabalhos temporários nas galés, ou voluntários em busca de salário” (SILVA, 2011, p.1).

Mota (1982) relata que a Inquisição desenvolveu terrível perseguição também aos ciganos, que eram incluídos como feiticeiros. A prática de ler a mão era considerada uma assinatura de pacto diabólico e, portanto, tornavam-se merecedores de castigos corporais e até deportação. Eram por isso, considerados perniciosos, ameaçadores de unidade espiritual inclusive dos baluartes da fé católica.

Os ciganos, no território nacional, chegavam sozinhos, em família e até em bandos. O certo é que os primeiros ciganos que aqui chegaram, na segunda metade do século XVI, eram degredados, alvos de várias disposições legais, em Portugal, e que continuaram os perseguindo aqui. Pereira (2009, p. 32-33), sobre a presença deles, relata:

O primeiro cigano a chegar ao Brasil foi João Torres, em 1574, na condição de degredado, acompanhado de mulher e filhos. Ele veio chefiando várias outras famílias de ciganos. As mesmas leis, decretos e alvarás que os perseguiram em Portugal acompanharam e reprimiram seus passos no Brasil Colônia. Do século XVI ao século XVIII, foram chegando outras levas de ciganos de Portugal que se constituíram em comunidades na **Bahia**, em **Pernambuco**, no **Rio de Janeiro** e em **Minas Gerais** (grifo nosso).

O século XVI, no início da formação da sociedade brasileira, ficou marcado pela emigração dos ciganos de Portugal para o Brasil e também de outras partes da Península Ibérica, relata Senna (2005). Na mesma obra, o autor declara haver, naquela época, pequena população no Brasil, mas a acentuada endogamia acionava a expansão do grupo cigano. E acrescenta, “[...] é bem verdade que vieram, em grande parte, empurrados pela acusação de crimes de furto ou blasfêmia, enquadramento preconceituoso do estado português alicerçado no etnocentrismo edificado pela moral...” (SENNA, 2005, p. 74).

Esses povos nômades e seminômades, pelo menos a princípio, começaram a se estabelecer no Sertão do Semiárido do Nordeste brasileiro, especificamente nos estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão. Conforme afirma Teixeira (2008, p. 29) “com a escolha da Coroa pela capitania do Maranhão esperava-se que os ciganos ajudassem a ocupar extensas áreas dos sertões nordestinos, então ainda ocupadas por índios” assim foram chegando ao território nordestino.

Então, em virtude de serem expulsos de Portugal, começaram a compor o cenário do sertão nordestino. Teixeira (2008) trata de um decreto, do ano de 1689, assinado por Portugal, destinando os ciganos ao Maranhão. Posteriormente, entre os anos de 1718 e 1740, Portugal assinava outros decretos degredando – prática do procedimento penal comum ao regime de Portugal - os ciganos para Pernambuco e Bahia. “Os ciganos penetravam com as primeiras entradas baianas pelo Rio São Francisco” (TEIXEIRA, 2008, p. 33), assim vinham como

degradados, e como vinham servi na dita conquista de exploração do Vale do São Francisco, tinham concedido o perdão ao termino deste trabalho.

Felipe (2012 p. 43) aborda, que neste vale, a barganha de animais era uma das atividades exercidas por eles, mas também que “[...] dentro desse contexto, circunscreve um lugar em que os ciganos modificaram seu modo de vida, convertendo-se em lavradores, caldeireiros, comerciantes de escravos, o trabalho de saltimbancos e circenses”.

Retrata-se também que como chegavam a Bahia e a Pernambuco na condição de degradados, facilmente desenvolviam a “semente da insubordinação” e fugiam para o interior; em consequência disso, nestas capitânicas eram em número, proporcionalmente maior, que os colonos.

3.2 O POVO E SEUS COSTUMES

A imaginação da humanidade e a fantasia das pessoas sempre foram povoadas pelos ciganos. Cada cigano é um universo pela tradição que traz enraizada dentro de si na tentativa de garantir a sobrevivência de seu povo, de sua língua (e dialetos). Ao mesmo tempo em que não se pode conhecer um cigano isolado dos condicionamentos socioculturais de sua etnia.

O *Oxford English Dictionary* (1989 apud FRASER, 1998, p.8) trata a acepção da palavra cigano como

Gipsy, gypsy... membro de uma raça nômade (por se próprios chamados *Romany*) de origem hindu, [...] têm a pele morena e o cabelo preto. Ganham a vida fabricando cestos, negociando em cavalos, lendo a sina, etc.; são por vezes alvos de suspeitas devido à sua existência e hábitos nômadas.

O termo rapidamente ganhou um tom pejorativo, usado por pessoas de fora dos grupos ciganos, não ficou livre de ambiguidades, incluindo discriminação racial. Muitos delitos eram atribuídos a eles, apenas pelas implicações que o nome cigano trazia; isso fez o Supremo Tribunal Britânico, em 1967, decidir “[...] portanto que ‘cigano’ devia passar a ser entendido como ‘pessoa que leva vida nômada sem emprego fixo e sem domicílio fixo’” (FRASER, 1998, p.9); no entanto, na sequência disseram que uma pessoa num dia podia ser cigano e no outro não ser, depondo isto contra suas origens étnicas e culturais. É determinante para a definição de cigano então, o estilo de vida? A verdade é que pode até constituir identificação, mas não atinge uma resposta plena já que desconsidera o sedentarismo e a mistura da linhagem pelos ancestrais, por exemplo.

Apesar de imersos numa extensa curiosidade dos outros, que muitas vezes acabam por significá-los, os ciganos têm consciência de si, conservam uma identidade diferente e reconhecem uma divisão fundamental entre eles e os *gadjé*⁴; entre eles, não são iguais, ao mesmo tempo em que têm uma quantidade de coisas em comum.

Conceituar cigano não é tão simples, traz um problema de ordem semântica para aqueles que definem ciganos expressamente por seu estilo de vida, desconsiderando razões étnicas e culturais. Mergulhado numa série de estereótipos, sua aparência física, por exemplo, não ficaria a parte. Em 1816, Henry Koster, percorrendo o Nordeste do Brasil, especificamente Pernambuco, ouviu falar dos ciganos “[...] como homens de pele amorenada, feições que lembram os homens bem feitos e robustos”, dizem também dos cabelos pretos e brilhantes, corpos ágeis, sobretudo nos homens, derivado do nomadismo. Já os olhos “vivos” é ponto de partida para a compreensão entre as pessoas; olhos nos olhos, palavra dada ao confirmar um compromisso é mesmo que ter assinado um documento. O olhar firme e que não se desvia do olhar do outro muitas vezes incomoda, deixando-o constrangido; no exotismo, é visto como olhar mágico e poderoso capaz de lançar maldições e pragas.

Quanto à religião, diziam serem eles hereges, pagãos, ateus, idólatras, umbandistas; hoje são também católicos e evangélicos. Tantos estereótipos confirmam ser “bode expiatório”, principalmente dos moralistas que atacavam e atacam com maior vigor, inclusive o não cumprimento ao ritual do sacramento matrimonial da Igreja Católica porque, tradicionalmente efetuam suas próprias cerimônias. Da relação a dois, os testemunhos afirmam sobre a fidelidade das mulheres ciganas.

Entre os valores importantes da identidade cigana está o fato de ser filho de um cigano, daí ser muito raro o casamento de um cigano com um *gadjo*, embora haja exemplos ao longo dos tempos. Filhos são a garantia da permanência da tradição, valoriza-se assim a prole numerosa. No entanto, não se sabe se sucedido da literatura de Cervantes, no século XVII, o cigano ganhou fama de ladrão de crianças. O que se tem comprovado é que dada a movimentação econômica de Minas Gerais⁵, no oitocentismo, muitos filhos ilegítimos foram

⁴ Masculino plural de *gadjo*, pessoa não cigana. Para os ciganos, todos os estranhos à sua raça são chamados *gadjé* ou *payo*, que em *romani* quer dizer literalmente aquele que não é cigano. A forma feminina é *gadji*.

⁵ O ciclo do ouro, ou a corrida do ouro como ficou conhecida, foi um período de extração e exportação do ouro, em Minas Gerais, a partir dos anos finais do século XVII. Passou a figurar como principal atividade econômica do Brasil, dada a decadência das exportações da cana de açúcar, e acabou por atrair inúmeros homens – solteiros ou não – como mão de obra para a extração do minério.

gerados, abandonados e adotados por casais ciganos porque assim, fortaleciam o grupo e reconstituíam, para os que não podiam ter filho, o *status* de casal.

Adotavam filhos abandonados de mães não ciganas, adoções sem formalização nas quais, às vezes, havia o arrependimento dos pais legítimos, gerando uma disputa pela criança. Associava-se a isto o fascínio de algumas crianças pelo modo de vida cigano e as apresentações artísticas e circenses – uma de suas funções –, elas desejavam seguir com eles e eram acolhidas. Havendo ainda histórias de canibalismo, assassinato e comércio; nada comprovado, apenas suspeitas que, agregadas a eventuais trapaças, solidificavam a ideia do cigano ladrão.

Para o professor Ático Vilas-Boas da Mota o assunto se completa em

O que ajuda a fama de que os ciganos roubam crianças e que, na Checoslováquia, havia uma espécie de história em quadrinhos sobre a forma de baralho, onde apareciam ciganos roubando crianças. Porém, ao final da história, aparecia Nossa Senhora (a Virgem Maria em idioma cigano, *Debla Ostelinda* ou *Debla Temeata*) devolvendo aos pais as crianças bem vestidas e bem alimentadas (apud PEREIRA, 2009, p.91).

Rege também que no mesmo século, em Minas Gerais, os ciganos levaram a culpa de muitos roubos que não foram seus, uma vez que ladrões não-ciganos passavam a aumentar seus furtos quando sabiam da proximidade de um grupo cigano. Dada à frequência de tais acusações, foi-se reforçando uma imagem imposta; os ciganos então reverteram esta imagem moral, em princípio da negativa, passaram a se orgulhar dela em determinadas circunstâncias. Assim como o uso de artimanhas para ludibriar os *gadje*, tornou-se uma forma de afirmação frente ao grupo.

Construindo ainda a imagem associada à criminalidade por um comportamento social suspeito, o próprio nomadismo do povo cigano veio contribuir com ela. Há quem defenda o fato de que o nomadismo lhes foi imposto devido às constantes perseguições, preconceitos e hostilidade de que foram e continuam sendo vítimas. Não estando vinculados ao relógio e a trabalhos formais para construção econômica de uma cidade, as tarefas realizadas por eles não são mensuráveis conforme o padrão capitalista, nem realizadas de forma rotineira. Muitas vezes vivem de contatos informais para os negócios, visitas familiares e festas. Para alguns, tem-se aqui um potencial para preguiçoso, parece ser ociosidade e reforça, portanto, a ideia do enriquecimento ilícito, a imagem do desonesto e a falta de vínculos sociais aprisionados no nosso inconsciente coletivo, mas construídos a partir da história, a exemplo da negação do acesso a bens e serviços, já que aviso do tipo <<proibido a ciganos >> eram encontrados em botequins.

Um exemplo está em Fraser (1998, p. 10), quando o autor apresenta uma fotografia “The it Guardian” de Frank Martin, captura em Kent, 1966; na qual aparece um aviso na porta da taberna “no gipsies” (Ver Figura 1).

Figura 1 – The it Guardian de Frank Martin, captura em Kent, 1966



Fonte: FRASER, Angus. **História do povo cigano.** Tradução de Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1998, p. 10.

Senna (2005) também abeira-se deste aspecto, uma vez que é inegável o preconceito e a política de segregação que os coloca à margem

A reputação de ladrões tem, além, da astúcia comercial, o referencial histórico do costume de apanharem animais soltos nas estradas por onde as caravanas e tropas trafegavam. Ainda hoje existe, como herança comportamental, o procedimento de verem com certa *naturalidade* (destaque do autor), o furto feito por crianças que, por esse motivo, não são castigadas: apenas aconselhadas a não repetirem o ato de pegar algo de alguém (SENNÁ, 2005, p. 78).

Os trajes por eles usados são um importante aspecto da cultura, não só porque obedecem às tradições, mas também, porque têm significado próprio dentro dos costumes. No geral, são de cores fortes e vibrantes, o que é um atrativo; o preto é uma cor complementar usada nos funerais – embora não vistam luto – ou junto com branco e vermelho, reservados para rituais.

As mulheres usam saias longas na altura do tornozelo, assim como as blusas não possuem ousados decotes, a fim de demonstração de recato e até sedução. As saias são rodadas com várias outras sobrepostas ou com muitos babados, trazem fitas e bordados para serem grandiosas. Utilizam ainda lenços lisos, bordados, enfeitados com pedrarias ou joias para cobrir os cabelos (em alguns grupos específicos, para mulheres casadas) ou ainda sobre os ombros como uma espécie de xale. Na cabeça, costumam colocar ainda uma espécie de bandana bordada ou presilha de flores para prender os cabelos. Muito vaidosas e faceiras, as ciganas veem nas roupas e adereços uma forma de fascínio; gostam de brincos, colares, anéis, pulseiras, no geral de prata e ouro. Mas não é uma indumentária comum apenas a elas, os homens também usam joias; para ambos, além da vaidade, é marca de poderio econômico e em alguns casos elementos de proteção.

A roupa estilizada é própria das mulheres, quanto mais exótica mais autêntica; no entanto, os homens possuem suas marcas identitárias também: usam calças largas – ou até jeans – metidas nos canos das botas, camisas de colorido berrante, cinto de fivela volumosa, coletes e casacos com botões resplandecentes.

Ao longo das aparições deles nas viagens pelo mundo, fala-se misticamente que gostam também de andar descalços para descarregar a energia negativa na terra; há registro, todavia, de roupas andrajosas, trapos que pareciam cobertores de roupas pobres, apesar do uso de ouro e prata.

Seus trajes eram e são vistos por parte da sociedade como estranhos, esquisitos, até ofensivos, mas isso nunca foi motivo para abandoná-los. O motivo do abandono, na verdade, dá-se devido às constantes mutações decorrentes das assimilações das sociedades que tiveram e têm contato e ainda, mais fortemente do sedentarismo; tais assimilações deixam morrer aos poucos velhos adereços, junto com alguns costumes. O que não destrói, nem diminui o sentimento identitário; eles, na sua maioria, extravasam de orgulho.

Profissionalmente, tendem sempre a demonstrar as mesmas tendências: soldadores, trocadores de animais, caldeiros; as mulheres lendo a sorte na palma da mão, traçando baralho e adivinhando o futuro. No entanto, o contínuo processo de sedentarização vem, gradativamente, minando esses comportamentos seculares. A endogamia com suas alianças econômicas estão, paulatinamente, enriquecendo ou remediando as *colônias ciganas* (destaque do autor). Torna-se, muitas vezes, prósperos comerciantes, fazendeiros ou agiotas; funções e papéis frequentemente múltiplos, complementares e intercambiáveis (SENNÁ, 2005, p. 77).

É verdade que existem aqueles que querem apagar sua ligação com a etnia, misturando-se aos *gadjé*, muitas vezes como forma de isolarem-se do preconceito. Teixeira

(2008) relata que no Rio de Janeiro existiram ciganos ricos; mas pobres eram a maioria. Advindo de uma classe econômica mais baixa, alguns homens procuravam por razões práticas não serem imediatamente identificados. O autor narra

Já os homens, tal como se verifica nas pranchas de Debret de 1823, utilizavam roupas como quaisquer outros homens de suas classes sociais; pois para negociar não era interessante que fossem identificados como sendo ciganos. Era, portanto, uma estratégia de ocultação da identidade (TEIXEIRA, 2008, p. 67).

Assim, é preciso cuidar para que não se caia nas generalizações involuntárias de aspecto da vida, reconhecer os riscos de destacarmos assim os trajes enquanto comuns a todos eles, porque há também os que usam vestimentas sóbrias condizentes com as funções sociais que ocupam, uma vez que ascenderam a diversas profissões no mundo moderno.

3.3 AFINAL, O QUE É SER CIGANO?

Mas afinal, o que é ser cigano? Todo cigano é reduzido ao *status* dessa imagem cigana, construída por uma série de dúvidas e prejulgamentos, todavia já cristalizada como natural, imutável e indestrutível. Ser cigano é ser a síntese do que se pensa sobre ciganos? E a síntese infelizmente, muitas vezes, é um conjunto de estereótipos, em suma negativos, de humanos de natureza perigosa e imorais. Este é o discurso de uma sociedade idealizada para que não houvesse diversidade cultural, nem transformação social, uma homogeneização da população e que se perpetuou até nossos dias.

Diante dessa realidade, Augus Fraser escreve

Quando se consideram as vicissitudes que eles encontraram – porque a história a ser relatada agora será antes de tudo uma história daquilo que foi feito por outros para destruir a sua diversidade – deve-se concluir que a sua principal façanha foi a de ter sobrevivido (FRASER, 1998, p.7).

Isso porque os ciganos destruíram quase todas as situações desfavoráveis construídas para sua imagem, adaptaram-se para sobreviver, criaram-se socialmente depois de terem sido rejeitados, são repletos de multiplicidades das novas relações com os não-ciganos, das identidades dos grupos e, acima de tudo, das novas imagens que se formam dos ciganos. Seria ingenuidade acreditar que a imagem construída desde a colonização se apagaria completamente, mas explicitando a origem de tantos mitos, ajuda-se a desfazê-los.

O fato de não haver uma educação escolar diferenciada, intercultural e de qualidade corrobora para o abandono da sala de aula – mas não é o único dado à tradição da etnia –, deixando rastro de uma imagem imprecisa (negativa) dos ciganos; mas, não é apenas no ambiente escolar que essa se apresenta, ela ecoa e reflete a imagem do sujeito em toda sociedade. Em Miguel Calmon – BA, especificamente, mesmo vivendo no centro da cidade em casas próprias, na sua maioria, o cigano não possui representação nos diversos campos sociais para além de seu núcleo familiar – o que é comum em todo território nacional.

Ao questionar alguns membros desse grupo cigano sobre o que é ser cigano, revelou-se uma série de sentidos convocados pela formulação do conceito que eles têm deles próprios e determinados pela constituição daquilo que são. Quando os informantes 05Mm3b⁶ e 13Mm4a dizem sobre cigano – na atualidade – eles estão revelando uma historicidade, uma memória.

É raça antiga da gente, é porque meus avôs e bisavôs que nem conheci morava não sei aonde e a gente veio ‘praqui’ e nós nascemos e estamos aqui. Quase não há diferença nenhuma, brasileiro mora em casa e nós também mora em casa... A diferença é só na fala e os estudos (05Mm3b /Homem/ 50 anos).

Já a lei completa, já vem com os avôs que é cigano, o bisavô que é cigano, aí fica pro cigano também (Ex 01Mma /Homem/ 77 anos).

O fato de que há um já dito, de uma filiação de dizeres, de uma memória, de uma identificação em sua historicidade, de uma significância sustenta a possibilidade de todo dizer. As falas vão revelando também uma hereditariedade quando observamos a fala dos idosos, paralelamente a de um jovem de 14 anos “Ser cigano é uma coisa boa. Seguir a tradição, as regras dos avôs, respeitar os mais velhos e ter educação” (Ex 02 Mme / homem / 14 anos). Assim, em cada sujeito individualmente, pode-se deduzir que há uma relação entre o que se está dizendo e o já-dito, por isso, revela-se uma constituição de sentido e sua formulação.

Todos os sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, mesmo que muito distantes, têm efeito sobre a resposta do que é ser cigano. Tem-se uma gama de sentidos convocados pela formulação, dizeres de uma situação discursiva dada estarão disponibilizados; ainda que tais formulações tenham sido feitas e já esquecidas, elas determinam o que está sendo dito por cada membro dessa etnia, abordado nessa pesquisa.

⁶ No anexo, Quadro 1 – Características dos informantes da Bahia e Quadro 2 – Características dos informantes de Pernambuco, apresenta-se a codificação dos sujeitos da pesquisa marcando número, localidade, sexo, faixa etária e escolaridade.

Pra você ver nós somos ciganas porque temos o nome de cigana, mas nós nascemos no Brasil. Cigana é viajante, mas depois que Deus abençoou cada um tem sua casinha e nunca mais ‘nois viajô’. Cigana só casa com ciganos, mas os ciganos homens casam também com brasileiras. Tem diferença nas roupas, essa roupa que eu visto é o que Deus deixou pra mim (Ex 03 Mfa / mulher / 70 anos).

O ser cigano pelos sujeitos ciganos vai mostrando um pouco da sua história, da sua tradição das vestimentas e interrupção dos estudos, abarcando inclusive dificuldades da época nômade; mas também, vai despontando um discurso perpassado por outro, como em 10Mf2c, que baseia a crítica à vestimenta das outras mulheres num discurso das instituições religiosas. Constata-se também que ao distanciar os ciganos das delegacias, a informante leva ao não dito, contrariando o fato hegemônico socialmente de que cigano rouba, corroborando para o fato de que a noção do sujeito é determinada pela posição, pelo lugar de onde ele fala.

É nossa cultura, eu amo nossa cultura porque um lado eles são unidos, quando um vê que um precisa dos outros, eles serve, não tem desunião, são tudo alegre, tudo feliz. É difícil um cigano ir preso numa delegacia por roubo, eles têm o movimento deles de agiota, mas toma quem quer, eles não obrigam, né? Se vem, dizem assim: o juro é tanto. Dá pra você? Se não der, nós não vamos brigar, tão livres, não estão tomando apulso. Não toma. Eu tenho um prazer de ser cigana porque a nossa cultura se veste bem. Eu fico terrorizada, eu fico num terror grande quando eu vejo uma mulher passar com o toco de short, saia curta, aquelas banhas descendo, para elas é tão bonito ali, mas não é bonito. Elas passam e quem vê está a coisa mais horrível. A pessoa se veste bem, a pessoa que tem caráter, tem honra e tem Deus. Deus ama aquela pessoa que se veste bem, Deus ama quem se veste com caráter, Deus ama aqueles que têm capacidade e não ‘veve’ se prostituindo, a pessoa que não ‘veve’ em mentira, a pessoa que não ‘veve’ no adultério, a pessoa que não ‘veve’ prejudicando os outros, não ‘veve’ desejando mal aos outros, não ‘veve’ levantando falso testemunho. Esse povo Deus ama, Deus guarda (10Mf2c / mulher / 40 anos).

Quando o homem 02Mm1d fala do orgulho de ter as mulheres ciganas elogiadas pelas belezas das vestimentas, traz um efeito de sentido ligado a autoestima, uma vez que nesse ponto, apesar da constante discriminação que sofrem, “os brasileiros” têm algo para admirar na cultura da sua etnia. Ciganos gostam de exibir bons trajes, não medem gastos para isso; as falas das ciganas 08Mf1c, de 30 anos, e Ex 04 Mfe, de 15 anos, revelam a valorização do traço identitário a partir das roupas.

Ser cigano é bom, é uma tradição de cigana boa, não é igual a brasileiro... as ciganas vestem aquele vestidos e os povo fica olhando aí, cria aquele nosso ar. Tenho muito orgulho, “ó as cigana estão passando, as cigana são bonitas” (02Mm1d / homem / 26 anos).

É a tradição da roupa, do conversar, do jeito. Eu já disse muitas vezes isso (08Mf1c / mulher / 30 anos).

É uma cultura, é um gesto da gente, da roupa. Eu gosto de ser cigana (Ex 04 Mfe / mulher/ 15 anos).

Observa-se que a baixa escolaridade, o não domínio da escrita como parte da cultura, frente a uma sociedade letrada que se impõe, acaba por silenciar esse sujeito. Embora no comportamento, nos trajes, na prosódia da fala, na observação e respeito aos mais velhos mantenha a identidade do povo; acaba, por outro lado, por ser passivo a inúmeros atos racistas e preconceituosos. Isto porque, na lógica do pensamento ocidental, de um lado temos o ser legitimado que precisa ocultar e silenciar o outro; do outro, encontram-se os inferiores, errados, anormais, que transitam na ilegalidade. Posta a separação, os ciganos acabam instaurados no espaço da inexistência, do não reconhecidos.

Idêntica a tantas outras, a representação socialmente construída dos ciganos é a maneira como eles pensam que outras pessoas os veem e avaliam-lhes. Dito de outra forma, a identidade do cigano é a ideia cultural sobre o *status* social de quem deveria ser e não de quem realmente é.

É a tradição da gente ser cigana mesmo. Há diferença na roupa da gente, a conversa, o jeito, o modo de viver (10Mf2c / mulher / 40 anos).

Ser cigano é uma pessoa de uma cultura diferente, de uma etnia diferente, onde possui seus valores, sua tradição, não é? Pessoas felizes, alegres, pessoas que respeitam o mais novo, o mais velho, né? (16Jm2j / Homem / 40 anos).

Os valores culturais fazem com que a autoestima do sujeito oscile a depender da posição ocupada na sociedade; todavia, vivendo o cigano à “margem da sociedade”, é difícil mensurar uma autoestima, uma vez que os ciganos não estão preocupados na interação social com outras pessoas – a não ser para comercializar – e também, a partir do que se observou na pesquisa, não se preocupam em promover mudanças. O ciclo social fecha-se no grupo da própria etnia.

3.4 ROMANI TCHA TCHIPE⁷

O Brasil, pela sua história, destaca um processo de interação linguística e cultural das diversas línguas que convivem no seu território; no entanto, é fato a superioridade numérica dos falantes da língua portuguesa, que apesar de toda influência mútua direta e permanente como outras línguas, ao longo dos tempos, manteve-se por questões estruturais e até fatores de ordem extralinguística (prestígio econômico, social, literário, gramatical) exercendo o

⁷ Só em *romani* se diz a verdade. Pensamento cigano que demonstra a importância da língua.

domínio e cultivando a ascensão dessa língua chegada com o colonizador. Ainda que línguas como as negro-africanas buscassem resistência e continuidade, ficaram resguardadas em espaços e convívios específicos, sucumbiram à língua portuguesa do Brasil, conforme Castro (2009, p. 180-181):

Depois de quatro séculos de contato direto e permanente de falantes africanos com a língua portuguesa no Brasil, imposta como segunda língua e adquirida de qualquer maneira, as línguas africanas então faladas terminaram por ser incorporadas, imantadas pelo português [...].

E outros tantos povos viram sua língua percorrer o mesmo percurso: se as afro-brasileiras resguardaram-se em linguagem religiosa afro-brasileira, o tupi ficou nas demarcações das aldeias, o *romani* no convívio recatado dos grupos ciganos. Línguas que não tiveram visibilidade e voz diante da opressão. Quase nada temos acerca do *romani*, as influências que exerceu e que sofreu ao longo desses anos de convívio dos ciganos no Brasil, ainda que parciais.

Muitos são os pontos de correlação da língua dos ciganos – o *romani*, *romanês*, *romaneske*, *romanê* – com o sânscrito e muitos também são os dialetos e as incorporações de outras línguas; porém, devido ao calão e outras formas dialetais de base linguística comum, ciganos de diversas partes do mundo podem se entender bem.

Quanto à influência no *romani* das línguas por onde passam, Pereira (2009) observa que

[...] com a aquisição de vocábulos novos, aliada à distribuição geográfica dos ciganos pelos mais diversos países, além da readaptação ou substituição de outras palavras na língua *romani*, cada grupo acabou modificando, de uma certa maneira, o conteúdo linguístico do *romani*. Exemplo disso é o cigano espanhol – *gitano*, *calon* –, que fala um *romanês* com fortes características da língua espanhola, inclusive no que diz respeito à estrutura linguística: o dialeto *caló* ou *zíncale* (PEREIRA, 2009, p. 49).

Fica-se, por fim, com a influência da língua cigana no nosso vocabulário, evidência sonora da mistura cultural. E assim, a língua portuguesa enquanto língua de berço é comumente usada para a comunicação dos nativos. No entanto, diversos segmentos nacionais portadores de outra língua também a usam para produzir e expressar enunciados verbais. O fato dela ser a língua oficial e majoritária brasileira não distanciou da mesma uma diversidade, tendo em vista a heterogeneidade das situações aculturativas, por exemplo, o tupi indígena ou o *romani* cigano, fruto de graus de contato existentes entre nativos linguísticos diferentes.

Fraser (1998) reconhece que as diferenças linguísticas têm servido como importante fator de distinção não só entre as etnias e os ciganos, mas também para eles – entre si. Afirma que “[...] nenhuma língua é estática... O *romani* é particularmente dinâmico. Todos os falantes do *romani* passada a infância são bilíngues e ... são constantes as importações de elementos das culturas anfitriãs” (FRASER, 1998, p. 288). Por outro lado, algumas das suas variantes já estão reduzidas a um léxico relativamente escasso, usado apenas num contexto de uma língua, outras vezes assumiram significados diferentes, embora submetidos à gramática *romani*. Apesar da rede de talvez mais de sessenta dialetos, afirma o autor, não há dificuldade de compreender os outros, há uma coesão na diversidade.

Os grupos ciganos são frutos de uma tradição geral de adaptabilidade social, geográfica e ocupacional, portanto, há uma prolongada exposição a diversos contatos linguísticos, os quais no decorrer dos tempos trazem grande diversidade de inovações, seja no léxico, na construção ou na pronúncia, se não para o *romani* – base de contato entre eles – com certeza para a língua de identidade nacional.

Os ciganos falam além da língua materna do país que vivem – quando não várias, dada ao nomadismo – uma língua própria entre si. Adolfo Coelho ([1892] 1995), em *Os Ciganos de Portugal* se propõe a realizar um estudo de vocabulário próprio dos ciganos, influenciado ou não por palavras espanholas ou portuguesas com significação própria ao cigano. Nessa obra considera

Os ciganos do Alentejo, segundo os dados precedentes e os que me comunicou Sr. Pires, falam o português, o espanhol, e esse falar a que eles chamam *rumaño*, *romanó* ou ainda *romano*. [...] Noutros países da Europa os *tsiganos* falam verdadeiros dialectos ou antes sub-dialectos particulares aparentados com os dialectos neo-hindus (COELHO, 1995, p. 61-62).

No uso do português, há grupos que o realizam de forma cantada, com sotaque arrastado, nasalizado; usam-no em contato com os *gadjé* e até entre eles em algumas situações. Mas o fato é que o *romani*, eles não têm interesse em desvendá-lo aos não ciganos, isso porque, segundo Teixeira (2008), tal língua exerce dupla função: excluir os *gadjé* dos assuntos internos dos grupos e reforçar a identidade.

Pouco se tem para que se possa reconstituir a origem de tal língua, sabe-se que é da família indo-europeia. Alguns pesquisadores declaram uma correlação com o sânscrito devido à gramática e ao vocabulário; porém, o que se pode afirmar é que o *romani* é pautado na oralidade, os grupos não desejam escrevê-la com vistas à publicação

Na Europa, por causa das inúmeras organizações representativas do povo cigano, existem algumas publicações que divulgam a língua por meio de cartilhas de alfabetização, gramáticas, além de diversas revistas e jornais dessas organizações que, mesmo escritos na língua local (espanhol, francês, italiano, inglês, russo etc.), apresentam vocábulos ciganos (PEREIRA, 2009, p. 48-49).

A existência dos inúmeros dialetos não facilita a comunicação dos ciganos do mundo interno, mas devido à base linguística ser o *romani*, mesmo que de diversas partes do mundo, eles conseguem se entender razoavelmente.

Pereira (2009) propaga que, dada a distribuição geográfica deles em vários países, por um lado houve a aquisição de novos vocabulários, por outro a readaptação ou substituição de palavras do *romani*, o que acabou por, naturalmente, modificar tal língua por cada grupo. O que resultou, em determinada medida, em novo conteúdo linguístico para essa língua própria.

Observando alguns dados apresentados por Pereira (2009), na lista seguinte, constata-se a semelhança entre o *romani* e o sânscrito.

Quadro 1: Semelhanças entre *romani*, o sânscrito e o português.

<i>ROMANI</i>	SÂNSCRITO	PORTUGUÊS
Kako	Kakka	tio
Kalo	Kala	negro
Suv	Suci	agulha
Host	Hástah	mão

Fonte: Adaptado de Pereira (2009, p 51).

Já no sistema de declinação, assemelham-se muito ao latim, mudando de terminação de acordo com o caso gramatical (cf. Quadro 02)

Quadro 2: Comparação entre as terminações casuais no *romani* e no latim.

Raklesa	com um rapaz
Rakleske	a um rapaz
Raklengo	dos rapazes

Fonte: Adaptado de Pereira (2009, p 51).

O alfabeto é o latino e possui 26 letras, além dos diacríticos como trema, acento agudo e circunflexo. As desinências verbais mudam para conjugar pessoas e tempos; o substantivo atrai a concordância apenas do artigo definido e dos adjetivos. Isso prova que a língua não é limitada como se costuma dizer

Aos que, ao longo dos tempos, vêm argumentando que o *romani* é uma língua pobre, limitada, com um vocabulário que corresponde a objetos, qualificações e ações restritas aos seus usos e costumes, pode-se contrapor o fato de o literato inglês Borrow, em 1843, ter publicado o livro chamado *A Bíblia na Espanha*, onde se incluía a tradução em *calo* do evangelho de São Lucas (PEREIRA, 2009, p.52).

Ainda de acordo com a autora, quando os ciganos saíram da Índia, o *romani* possuía três gêneros. Hoje conta com dois, o neutro desapareceu, durante a Idade Média.

De acordo com Coelho ([1892]1995), observa-se na fonética, variações de acentuação entre os dialetos (*poria* = *poriá*); algumas palavras agudas, aparecem graves (*balunés* = *balunes*); troca de consoantes de *t* por *k* (*tallardí* = *kallardí*); troca do *e* pelo *a* em vogais acentuadas (*apalé* = *apalá*), entre outras. O *i* é um artigo feminino, a exemplo de *i daj*, “a mãe” e é bastante utilizado também em nomes próprios, assim como o artigo “o” é masculino, p.e. “o Kalo”.

A língua dos ciganos não é oficial em nenhum país; considerada um grupo de dialetos, aproxima-se dos idiomas da Índia, reforçando então a suposição da origem. Alguns membros desta etnia nem chegam a falar o *romani*, mas na Sérvia, por exemplo, é padronizado e reconhecido como língua das minorias.

A mistura cultural deixou no léxico brasileiro influência da língua cigana, a exemplo, segundo Coelho ([1892] 1995), de *calão*, *gandaiar*, *pileque*, *encalhar*, *alisar* (no sentido de furtar), *encaixotar* (no sentido de enterrar), *pardal* (no sentido de espião policial), *presunto* (no sentido de pessoa morta) entre outras que foram incorporadas à língua portuguesa. Assim como eles também adotaram o léxico do território nacional no seu dia a dia. Mas não se fala de perder a língua própria, sobretudo porque não tendo pátria, tal perda implicaria em avaria na tradição.

O convívio do cigano com situações sociopolíticas que exigem o domínio do dialeto padrão, alerta para a necessidade de transmissão de regras gramaticais da norma culta brasileira e o domínio de adequação ao contexto para que o mesmo esteja munido de um instrumento que lhe favoreça na luta pelos seus direitos. Unindo o domínio do *romani* à inevitabilidade de se comunicar em Língua Portuguesa, o que se tem são cidadãos bilíngues.

É necessário um trabalho político que atinja uma extensão significativa da sociedade, para que se fomentem condições essenciais de manutenção e revitalização da língua *romani*, dentre outros aspectos culturais dos *gipsy*.

Há sem dúvida uma necessidade de efetivo conhecimento do *romani*, (i) se não pela questão linguística que envolve a valorização de qualquer língua, (ii) como enriquecimento da humanidade pelo aspecto cultural, (iii) ou pela “obrigação” de documentar uma língua que

sempre foi segregada – do sentido de separada à secreta, até marginalizada –, mas que aponta um risco de desaparecer.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta seção tem como intuito apresentar como se desenvolveu a pesquisa que culminou nesta dissertação, partindo de uma breve apresentação do Projeto ALiB, suas características e seus objetivos, uma vez que o caminho metodológico aqui seguido buscou estabelecer uma relação de consonância entre esse Projeto e uma amostra constituída para análise na pesquisa, resultante de um extrato do Questionário Semântico-Lexical do referido Projeto. Apresentam-se, também, nesta seção, os processos que envolveram a escolha do ponto, dos informantes da pesquisa bem como trata da seleção do extrato utilizado, detalhando particularidades de cada um. Na sequência, descrevem-se o procedimento de coleta e transcrição dos dados, os critérios adotados para a análise lexicológica e agrupamento de lexias, o olhar para a estatística e, por fim, os critérios para elaboração de cartas linguísticas.

4.1 UM PONTO DE PARTIDA - PROJETO ALiB

§3º - A comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo da filologia portuguesa – fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas, bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do “Atlas Linguístico do Brasil” (BRASIL, 1952).

O decreto oficial nº 30.643, de 20 de março de 1952, regulamentado no mesmo ano por uma portaria, é, sem dúvida, uma investida nos estudos dialetológicos no Brasil e, ao mesmo tempo, um impulso para a criação de um atlas de cunho nacional.

Em meio a tantas discussões, nomes como os de Serafim da Silva Neto e Celso Cunha iniciaram os trabalhos; no entanto, defenderam a elaboração de atlas regionais, por ser uma tarefa menos complicada, árdua e dispendiosa. O fato do território brasileiro ser tão extensivo, associado a outros fatores, como dificuldades de ordem financeira, inexistência de equipes de pesquisadores, precariedade da rede de estradas, engrossava o coro daqueles que acreditavam na necessidade de se iniciarem os trabalhos por atlas regionais. Em 1958, Antenor Nascentes somou-se ao grupo e publicou o primeiro volume das *Bases para elaboração de um atlas linguístico do Brasil* (NASCENTES, 1958).

Sendo estes os pontapés iniciais, ao longo dos anos, registrou-se a publicação de alguns atlas regionais (cf. seção 2.3), muitas dissertações de Mestrado e teses de Doutorado pautados no tema da variação dialetal e da Geolinguística, método da Dialetologia, os quais

buscaram atender “um tripé básico: a rede de pontos, os informantes e os questionários, cujo estabelecimento se molda sob diferentes perspectivas, orientadas por procedimentos teóricos variados” (CARDOSO, 2010, p.89). Esses trabalhos trouxeram as notas sobre a localidade e o motivo de sua escolha, a anotação de dados sobre o informante e o questionário dividido em níveis de análise da língua. Para o ALiB, Questionário Fonético Fonológico, Questionário Semântico Lexical, Questionário Morfossintático, entre outros. Os primeiros atlas, contudo, só se detinham no nível lexical, embora possam fornecer dados fonético-fonológicos em alguns casos.

O ALiB nasce no ano de 1996, como um projeto macro, pautado na Dialectologia e na Geolinguística, que reconhecia a exigência da construção imediata de um atlas nacional. O *Seminário Caminhos e Perspectivas para Dialectologia no Brasil*, realizado na Universidade Federal da Bahia – UFBA, “[...] assinalou o renascimento da ideia que foi impulsionada com entusiasmo e afincado pela comunidade de geolinguistas brasileiros presentes e, posteriormente, pelos que vieram a associar-se ao projeto, e lançou as bases de nova investigação” (CARDOSO, 2014a, p. 20).

O que antes não era possível transforma-se devido à nova configuração da realidade do país; os obstáculos são superados, desde as dificuldades financeiras à formação dos pesquisadores, passando-se pela malha rodoviária, incluindo a distância, o custo e o tempo que se necessita para estudar um ponto da rede.

A estruturação do projeto e a implementação da pesquisa, no ALiB, é de responsabilidade do Comitê Nacional; o Diretor científico e a Diretoria Executiva controlam o planejamento e a execução da pesquisa, e também se responsabilizam pela estruturação da equipe regional de pesquisadores.

O projeto, segundo Cardoso (2014a, p. 23-24), tem como objetivos gerais:

- (i) Descrever, com base em dados empíricos, sistematicamente coletados, a realidade linguística do país, no que tange à língua portuguesa, fornecendo dados linguísticos atualizados não só da diversidade diatópica, mas também da variação diagenérica, diastrática, diagenérica e diafásica;
- (ii) Disponibilizar, via *internet* e/ou por meio de CD-ROM, o acesso aos dados coletados, possibilitando a audição das realizações de cada área linguística;
- (iii) Analisar a variação linguística sob diversos pontos de vista, contemplando os níveis fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico e pragmático-discursivo;

- (iv) Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos, e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados;
- (v) Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. –, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil;
- (vi) Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos e, especialmente, aos estudiosos da língua portuguesa, um significativo volume de dados, ampliando, consideravelmente, as informações hoje disponíveis;
- (vii) Fornecer subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, com dados linguísticos que venham a possibilitar à adequação de material didático a realidade linguística de cada região e o entendimento do caráter multidialetal do Brasil;
- (viii) Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

Documentar a língua portuguesa, cobrindo o território brasileiro, do Oiapoque ao Chuí, é tarefa extensa que requer participação de muitos. De acordo com Ribeiro (2012, p. 122), no ALiB,

[...] estão envolvidas, hoje [dado de 2012], 16 universidades brasileiras [...] Executar um plano de tão grande amplitude e visibilidade requer empenho e compromisso de muitos pesquisadores brasileiros vinculados a cada universidade participante, o que vem se confirmando ao longo de mais de uma década de trabalho da Equipe de pesquisadores do ALiB.

O ALiB abarca 250 pontos em sua rede de localidades, 25 capitais (excluídas Brasília e Palmas, por questões metodológicas), reúne 1.100 informantes; concretiza reuniões nacionais para avaliar o andamento do projeto e traçar metas; realiza *Workshops* nacionais - *WorkALiB* para aprofundamento teórico e discussão de questões metodológicas.

O Atlas possui uma ampla rede de colaboradores solidários (instituições oficiais e privadas, personalidades, igrejas, agremiações sociais, escolas, entre outros), que, sempre que possível, são contatados para indicarem caminhos para se chegar aos informantes, inclusive endossando a seriedade da pesquisa.

A cobertura de um território de 8.515.767,049 km² é um desafio para escolher uma rede de pontos representativa da realidade linguística. Isquerdo, Teles e Zágari (2014, p. 37)

tratam a escolha da rede como procedimento fundamental, uma vez que ela tem “[...] a finalidade de assegurar a representatividade da documentação da variação espacial da língua, a comparação posterior dos dados e a sua respectiva distribuição num determinado espaço geográfico por meio das cartas linguísticas”. Busca-se depreender a variação diatópica da língua em uso e, para isto, é necessário recolher dados expressivos nas localidades escolhidas.

Tanto as diferenças dialetais quanto a uniformidade linguística nos dados coletados irão ser representativos do território nacional, a partir dos dados selecionados. O *corpus* do ALiB inclui questionários fonético-fonológico (QFF com 159 temas mais 11 questões de prosódia), semântico-lexical (QSL possui 202 questões), morfossintático (QMS contém 49 questões), temas para discurso semi-dirigido (TDS 4 temas - relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal), metalinguístico (QM foram 6) e texto para leitura (1 texto “Parábola dos sete vimes”). “Os questionários destinavam-se, sobretudo, à documentação sincrônica da variação diatópica e diastrática, contendo algumas questões dirigidas a denominações mais antigas, de modo a possibilitar o registro de variantes diageracionais” (MOTA, 2014, p. 79).

O questionário linguístico do Projeto ALiB foi elaborado pelos membros do Comitê Nacional tomando-se por base os questionários linguísticos utilizados nos atlas estaduais e regionais publicados ou em andamento no Brasil e os questionários do ALiR – *Atlas Linguistique Roman* e do *Atlas Lingüístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (RIBEIRO, 2012, p. 126).

Esses questionários foram analisados e discutidos por um Comitê, sendo as versões experimentais testadas, para melhor adequação à realidade do país como um todo. A versão definitiva foi publicada em 2001 e é a que hoje se aplica nas pesquisas.

O QSL é composto por questões de cunho onomasialógico⁸ para se chegar às formas de uso comum/individual e geral, é dividido em 14 áreas semânticas⁹ e visa à investigação da

⁸ A onomasiologia é um ramo da lexicologia que detém seus estudos sobre os significados, concretos ou abstratos, existentes na realidade, usa-se o contexto da ideia para se chegar à palavra. É a designação que parte do conceito para chegar ao nome (forma); enquanto que a semasiologia estuda os significados a partir dos conceitos (formas em uso), oferece-se o referente na busca de encontrar o conceito. É a significação que parte do nome (forma) para se chegar ao conceito. Ambas percorrem o mesmo percurso, só que em sentidos opostos. Pesquisadores como Heger, Babini e Pottier ajudaram a difundir tais estudos. Além de suas obras, Ullmann (1964), Baldinger (1966), Sousa (1995) ajudam a aprofundar a temática.

⁹ Nesta pesquisa, optou-se denominar o campo de investigação dos Jogos e brincadeiras infantis do Questionário Semântico-lexical por “área semântica”, em conformidade com aquele empregado pelo próprio Projeto ALiB na elaboração dos questionários. Todavia, reconhece-se a existência, nas correntes teóricas da Semântica e da Lexicologia, de discussões conceituais sobre área temática e área conceitual, e também campo lexical, campo semântico e campo conceitual, pautadas, entre outros, em teóricos como Coseriu (1987), Pottier (1974), Ullmann (1964).

variação lexical e, por isso, não procura a realização de um vocábulo específico¹⁰. Suas áreas estão apresentadas no Quadro 3.

Quadro 3: Áreas semânticas do QSL do ALiB

ÁREAS SEMÂNTICAS	Nº DE PERGUNTAS
1. Acidentes geográficos	06
2. Fenômenos atmosféricos	15
3. Astros e tempo	17
4. Atividades agro-pastoris	25
5. Fauna	25
6. Corpo humano	32
7. Ciclos da vida	15
8. Convívio e comportamento social	11
9. Religião e crenças	08
10. Jogos e diversões infantis	13
11. Habitação	08
12. Alimentação e cozinha	12
13. Vestuário e acessórios	06
14. Vida urbana	09
TOTAL	202

Fonte: Cardoso et al., 2014.

Aguilera (2014), ao tratar do QSL, apresenta as dificuldades deparadas para elucidação das respostas. Destacam-se, aqui, os três trechos retirados do capítulo sobre a metodologia do ALiB, por serem pertinentes à análise que se propõe na seção seguinte.

Sobre Jogos e diversões infantis, das treze questões propostas, quatro delas foram obstáculos para a maioria dos informantes, independentemente de sua região ou perfil: questão 164 (Chicote-queimado / Lenço atrás), 163 (Ferrolho / Salva / Picula / Pique) – o ponto combinado no jogo de pega-pega –, 162 (Pega-pega) – o próprio jogo – e 159 (Pipa / Arraia) (AGUILERA, 2014, p. 101).

Para Ciclos da vida, as questões 128 e 129 (Ama de leite e Irmão de leite, respectivamente), não parecem fazer parte do vocabulário ativo dos informantes. Os partos em maternidades, os berçários, os bancos de leite materno parecem ter bloqueado a necessidade de uma mulher amamentar o filho de outra (AGUILERA, 2014, p. 102).

Quanto à Religião e crenças, a questão que apresentou a maior dificuldade de obtenção de resposta foi a 150 que pedia o nome do ‘objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males’. Os informantes manifestaram dificuldade de resumir, em um hiperônimo, *amuleto*, *patuá* ou *talismã*, o que eles só identificavam pelos hipônimos, como *pé de coelho*, *trevo de quatro folhas*, *semente de romã*. As abstenções na questão 154 (Presépio) estão ligadas, provavelmente, à religião do informante: ou católico pouco praticante ou evangélico (AGUILERA, 2014, p. 102).

¹⁰ A ênfase, aqui, dá-se por ser o questionário do ALiB adotado nessa pesquisa, do qual se trabalha com a área semântica de jogos e diversões infantis.

Outros pesquisadores também expuseram os principais itens (positivos e negativos) observados na aplicação do questionário e que revelam aspectos diversos. A exemplo, Ribeiro (2012, p. 132 e 133)¹¹, ao tratar de *cambalhota*, afirma que

a grande dificuldade observada foi a de não ênfase, por parte de alguns inquiridores, do sema "cair sentado", o que motiva especulações sobre possibilidade de validação de variantes como "mortal", "aú", "ginástica", as quais podem suscitar dúvidas interpretativas quanto a se tratar ou não do movimento acrobático objeto da questão.

Com relação à questão 159, e (como se chama) um brinquedo parecido com o _____ (cf. item 158), também feito de papel, mas sem varetas, que se empina ao vento por meio de uma linha?, a pesquisadora declara que “a proposição da pergunta revelou dificuldades de compreensão por parte de alguns informantes, e necessidade de várias reformulações por parte dos inquiridores, sempre objetivando obter o máximo de esclarecimentos”. Registrou também sobre *gangorra*, atestando que a “proposição da pergunta, em geral, não apresentou problemas de compreensão por parte dos informantes, embora haja registro de informante que não entendia imediatamente a formulação “tábua apoiada no meio”” e completou ainda que, na mesma questão, “o uso de mímica e a posterior adoção da gravura foram suficientes para permitir registros adequadamente apurados pelos inquiridores”. A pesquisadora trata no seu texto de todas as questões de 155 a 167 do QSL.

Muito do que observou Ribeiro (2012) sobre as questões tem validade para a pesquisa com o grupo cigano; na seção seguinte, de análise e discussão de dados, a medida que as brincadeiras forem tratadas, foram levantadas as observações.

Abrindo um parêntese e aproveitando o momento das observações, registra-se aqui a experiência de ter ido a campo:

- (i) Enfrentar as adversidades das estradas não é para os fracos, some-se a isto a ausência de inquiridor auxiliar e, portanto, a solidão desses percursos;
- (ii) O receio pela inserção nas comunidades, advindo do próprio preconceito socialmente difundido à etnia; sentimento de apreensão materializado em quase todas as gravações de Pernambuco;
- (iii) Vivenciar a frustração dada à impossibilidade de contornar ruídos e interrupções durante o inquérito: conversas paralelas, brincadeiras e choros de crianças, interrupções constantes, entre outras adversidades, acabaram por

¹¹ Escolha pontuada pela semelhança com a área temática trabalhada na pesquisa.

desviar a atenção que o momento do inquérito requer. Ressalta-se que, num número significativo de entrevistas, os ciganos só admitiam que a porta de casa fosse o lugar da realização do inquérito (é uma prática da cultura, ficarem ‘amontoados’ nas calçadas);

- (iv) A ausência de formação específica para inquerir e sendo essa a primeira experiência, portanto, sem domínio prático da ação, levou a lacunas nos dados e informações que se queria apurar, e poderiam ter sido sanadas se assim não o fosse. Assinala-se aqui, especificamente, a queima de sema, o não estímulo a outras respostas e, por vezes, o não pedir descrições detalhadas do referente, o que em alguns inquéritos conduziu a uma resposta não válida;
- (v) Acredita-se que, pela ausência da convivência com situações “formais” na cultura própria, em muitas ocasiões, o entrevistado, mesmo tendo marcado para responder ao questionário, não queria fazê-lo naquele momento; também não houve revelação alguma de constrangimento por parte dele em cancelar a gravação. Assim, muitas viagens foram improdutivas;
- (vi) Quão é dispendioso!
- (vii) Mas o lado doce está ali: adentrar a comunidade, ganhar o respeito, construir laços amigáveis, ouvir tantas histórias da vida de nômades (ou não), ser recebida dentro dessas residências e dos festejos, experimentar uma cultura tão diferente, ganhar a confiança desses informantes (sujeitos de toda essa pesquisa, sem os quais essa dissertação não estaria aqui) e também, a aprendizagem da metodologia de trabalho (ainda que a duras penas!).

Voltando ao ALiB, os informantes que responderam aos questionários são diversificados quanto ao sexo e à idade; o grau de escolaridade diferenciado só foi levado em consideração nas capitais. Visando à apreensão da variação diasssexual dos 1.100 informantes, 550 foram homens e os outros 550, mulheres; no interior, dois informantes de cada sexo e na capital, dobra-se para quatro. Quanto à idade, duas faixas definidas; a primeira com os limites de 18 a 30 anos, e a segunda, entre 50 e 65 anos. O grupo intermediário, de acordo com Mota (2014), não foi incluído por razões operacionais, mas o ALiB reconhece a importância da faixa etária II para trabalhos de natureza sociolinguística.

Também por questões operacionais e/ou metodológicas, não foram incluídos indivíduos com profissões que exigissem muita mobilidade ou fossem marginalizados pela sociedade, moradores de bairros classe A ou favelas, ou ainda indivíduos pertencentes à

mesma família; evitaram-se pessoas analfabetas ou profissionais da área de Letras, Comunicação ou cursos que abarcassem a linguagem. Por outro lado, observou-se serem os informantes naturais da região linguística pesquisada, filhos de pais brasileiros, preferencialmente nascidos na localidade, e sem ter morado em outro lugar por mais de um terço de sua vida (informação apresentada na ficha de informantes) e “[...] que os inquéritos para o ALiB seriam feitos individualmente, com aplicação integral dos questionários a todos os informantes” (MOTA, 2014, p. 93) e não com a presença de outros informantes. No entanto, exceções foram abertas pelo Comitê Nacional quando envolviam questões bem pontuais, passando-se a admitir “[...] indivíduos bilíngues, desde que fossem brasileiros, naturais da área pesquisada e filhos de pais também da mesma área” (MOTA, 2014, p. 92).

Os informantes responderam a uma ficha que procurava verificar sua inserção no ambiente sociocultural, sendo questionadas a profissão, a renda, contato com meios de comunicação, diversões preferidas, participação em atividades religiosas que poderão servir para elucidar alguns fatos que se mostrassem divergentes nas análises dos dados. A investigação por tais informantes procurava, inicialmente, buscar e selecionar o informante e, depois, ter desse informante uma produtividade de respostas.

Em 2014, o ALiB lançou dois volumes do Atlas. Sendo o primeiro, uma introdução que apresenta os atlas nacionais, os informantes, a rede de pontos, as bases, procedimentos e metodologia, questionário e a cartografia dos dados; e o volume dois, a apresentação das cartas linguísticas das capitais brasileiras e as próprias cartas (introdutórias, fonéticas, semântico-lexicais, morfossintáticas), além do perfil dos informantes.

4.2 O *CORPUS* DA PESQUISA

O processo da pesquisa exige paciência, dedicação, disciplina e fôlego, além de significativos recursos financeiros. Firmado em etapas, compreende um antes, um durante e um depois, que seriam a preparação, a execução e análise dos dados (FERREIRA; CARDOSO, 1984).

O presente trabalho fundamenta-se na Lexicologia e nas interfaces entre a Sociolinguística e a Dialetoleologia. A coleta de dados tomou por base o extrato Questionário Semântico-lexical¹² (QSL) do ALiB, na área semântica *jogos e diversões infantis*, que, originalmente, apresenta 13 questões.

¹² É integrante do questionário 2001 (COMITÊ NACIONAL, 2001) e constituído de 202 perguntas divididas em catorze áreas semânticas.

Apresentam-se, no Quadro 4, os rótulos¹³ para as respostas propostas pelo ALiB na área semântico-lexical em questão, objeto deste estudo, com o número referenciado de suas questões.

Quadro 4: Área semântico-lexical do ALiB – Jogos e diversões infantis

ÁREA SEMÂNTICO-LEXICAL	QUESTÃO NÚMERO	RÓTULO
JOGOS E DIVERSÕES INFANTIS	155	Cambalhota
	156	Bolinha de gude
	157	Estilingue/ Setra / Bodoque
	158	Papagaio de papel / pipa
	159	Pipa / arraia
	160	Esconde-esconde
	161	Cabra-cega
	162	Pega-pega
	163	Ferrolho / Salva / Picula / Pique
	164	Chicote-queimado / Lenço atrás
	165	Gangorra
	166	Balanço
	167	Amarelinha

Fonte: CARDOSO et al, 2014.

Ao adentrar as comunidades ciganas para a realização dos inquéritos, não se tinha clareza de qual ou quais seriam os dados analisados. Gravaram-se quatro áreas semânticas do QSL: *ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças e jogos e diversões infantis*. Destas, aceitando a sugestão da banca do exame de qualificação, optou-se pelo recorte em *jogos e diversões infantis*, sendo possível estabelecer comparações com os resultados encontrados por Ribeiro (2012), na área do *Falar Baiano*, e por Sá (2013), nas mesorregiões pernambucanas. No entanto, o Atlas Linguístico de Pernambuco, de autoria de Sá (2013), só contempla cinco questões das 13 consideradas por Ribeiro (2012) e que são a totalidade da área semântico-lexical do ALiB. Elegeu-se, então, trabalhar com as mesmas questões sobre as quais Sá (2013) se debruçou. Foram selecionadas, neste sentido, duas brincadeiras – *cambalhota* e *amarelinha* – e três brinquedos – *gude*, *estilingue* e *gangorra* –, além de *balanço*, que está intimamente associado à *gangorra* e, mesmo não tendo sido objeto

¹³ Assim como escolha pela terminologia “área-semântica”, nesta pesquisa, optou-se por manter o termo “rótulo” em conformidade aquele empregado pelo próprio Projeto ALiB na elaboração dos questionários, para denominar o que tem sido mais comum em Dialetoлогия ser denominado de “cabeça de pergunta”.

do estudo pernambucano, sendo assim inviável um estudo comparativo, optou-se por analisá-la também traçando comparações com o outro brinquedo alvo da questão 165 do QSL e os resultados de Ribeiro (2012).

Durante a aplicação dos questionários, e como já abordado em relatos na subseção anterior, perceberam-se muitos aspectos relevantes do método elaborado e proposto pelo Projeto ALiB, no entanto, encontram-se também pontos negativos: alguns referentes aos instrumentos propriamente ditos, no sentido de haver relativa distorção na formulação. Há também outros pontos negativos vinculados à pesquisa, por exemplo, ligado ao referente que é desconhecido do informante e, por isso mesmo, ele não consegue definir um item lexical. Não obstante, já está difundindo o conhecimento de que um questionário só fica pronto quando se aplica e a pesquisa acaba, confirmando que é a execução que aponta os problemas.

Após a seleção adequada das áreas semânticas a serem empregadas nas comunidades ciganas, foram estabelecidos contatos com a Secretaria de Ação Social dos Municípios, Coordenadores do Programa Bolsa Família, diretores de escolas do Ensino Médio que tinham alunos ciganos matriculados e personalidades das cidades onde a pesquisa aconteceria, formando uma rede de colaboradores solidários. A partir disso, essas pessoas passaram a ser os contatos iniciais e atuaram como facilitadores do acesso aos informantes, e até mesmo para dar crédito à seriedade da pesquisa, junto à comunidade.

É relevante salientar que foram realizados inquéritos experimentais que visavam a testagem do instrumento para uma possível adequação à realidade do grupo étnico.

Na Tabela 1, destacam-se os percentuais de não obtenção de respostas.

Tabela 1: Total de respostas não obtidas

ÁREA SEMÂNTICO-LEXICAL	QUESTÃO NÚMERO	RÓTULO	RESPOSTAS NÃO OBTIDAS
Jogos e diversões infantis	155	Cambalhota	8,33%
	156	Gude	2,77%
	157	Estilingue	-
	165	Gangorra	36,11%
	166	Balanço	2,77%
	167	Amarelinha	33,33%

Fonte: Elaborado pela autora

No total de 36 inquéritos analisados do QSL, na área de *Jogos e diversões infantis*, 216 respostas eram esperadas; destas, 30 questões não foram respondidas, correspondendo a

um valor relativo de 13,88%, o que leva a inferir que os referentes em questão são bem conhecidos pelas comunidades. Detalhando os dados encontrados, 13 informantes não responderam à questão 165 – *gangorra* – e 12 não designaram uma lexia para a questão 167 – *amarelinha*, ficando estas com 36,11% e 33,33%, respectivamente, maiores percentuais de respostas não obtidas; em contrapartida, *estilingue* apresentou 100% de aproveitamento.

4.3 REDE DE PONTOS

A escolha da rede de pontos adequada ao fenômeno que se deseja estudar é primordial para se submeter uma investigação dialetal, fatores como características linguísticas do espaço geográfico e o próprio espaço são cruciais nessa escolha.

Ferreira e Cardoso (1984) estabelecem que aspectos como a situação geográfica do ponto e seu entorno, a história da localidade (como se deu o seu povoamento, quais interferências ela sofreu), situação demográfica e econômica da origem e/à atual, além de outros dados que sejam relevantes para a escolha e distinção, entre as demais, carecem de olhar cuidadoso para se definir a rede de pontos. Dos aspectos pelas autoras apontados, interessa também, a esta pesquisa, a relação do ponto com as demais áreas pesquisadas, que aqui estão ligadas pelo assentamento de comunidades ciganas no seu território há, no mínimo, 15 anos.

Para adquirir os dados, selecionaram-se, na Mesorregião do Centro-Norte Baiano (Figura 2), as cidades de Miguel Calmon e Jacobina, as quais possuem comunidades ciganas sedentárias para a pesquisa *in loco*. A partir dessas gravações, agregam-se mais duas cidades do Estado de Pernambuco (advindas da necessidade de um projeto piloto), Flores, no Sertão do Pajeú, e Ouricuri, no Sertão do Araripe, ambas na Mesorregião do Sertão Pernambucano (Figura 3), perfazendo um total de 4 pontos.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística dividiu os atuais 417 municípios da Bahia em sete mesorregiões (grandes regiões do estado), cada uma com suas microrregiões. A Mesorregião do Centro-Norte Baiano compreende grandes municípios como Feira de Santana, Irecê, Itaberaba, Jacobina e Senhor do Bonfim.

Figura 2 – Mapa da Mesorregião do Centro-Norte Baiano

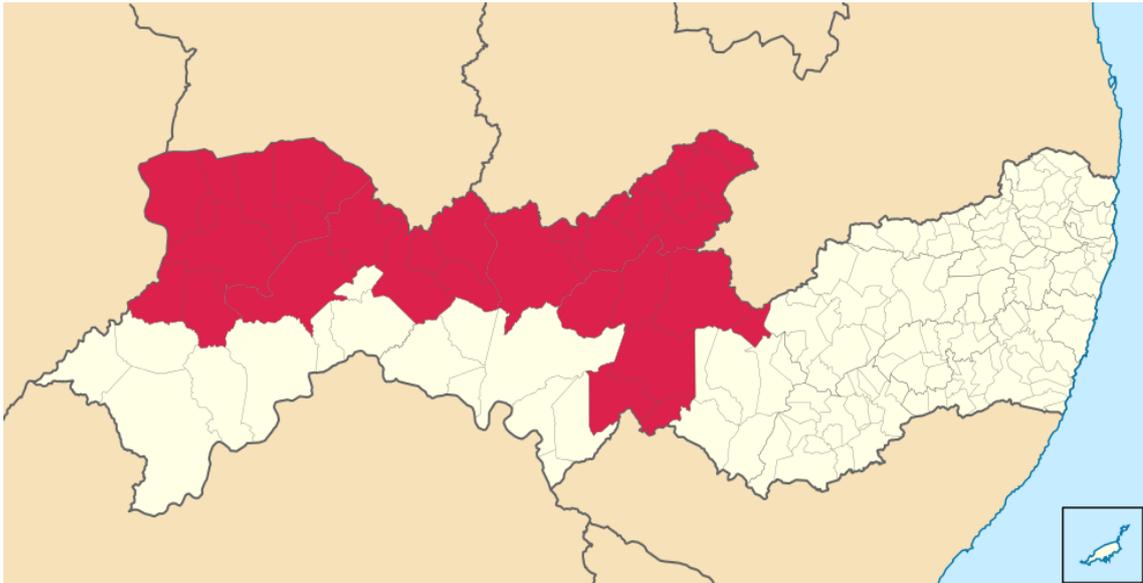


Fonte: Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesorregi%C3%A3o_do_Centro-Norte_Baiano >. Acesso em: 23 jan. 2017.

O Território do Piemonte da Diamantina, dentro da Mesorregião do Centro-Norte Baiano, apesar de pequeno, do ponto de vista de área territorial, em comparação com as demais microrregiões (27 cidades, no total), difere-se por sentido de organização, gestão colegiada e, principalmente, no que diz respeito a sentimento de pertencimento, apesar de ainda não ter instância política de deliberação. Esse território compreende os municípios de Capim Grosso, Orolândia, Umburanas, Várzea Nova, Serrolândia, Mirangaba, Caém, Saúde e os municípios de Miguel Calmon e Jacobina, pontos da pesquisa.

O estado de Pernambuco é composto de cinco mesorregiões, dentre elas a Mesorregião do Sertão de Pernambuco (Figura 3), composta de um clima semiárido, que enfrenta longos períodos de seca; tem sua fauna rica em aves e sua vegetação é a caatinga. É uma região pobre e com menor densidade demográfica de Pernambuco. Entre as maiores cidades, estão Serra Talhada, Salgueiro e Arcoverde; possui quatro microrregiões, duas das quais, Microrregião de Araripina e do Pajeú, território de pontos usados na pesquisa, onde se situam, respectivamente, Ouricuri e Flores.

Figura 3 – Mapa da Mesorregião do Sertão Pernambucano



Fonte: Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Mesoregi%C3%A3o_do_Sert%C3%A3o_Pernambucano >. Acesso em: 23 jan. 2017.

Com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, construiu-se o Quadro 5 para uma comparação de população, área, densidade demográfica e bioma de cada uma das quatro cidades que foram pontos de rede da pesquisa. Apesar de Jacobina – BA e Ouricuri – PE terem área em Km² bem semelhante, Jacobina – BA tem uma população 20% maior que a cidade pernambucana; Miguel Calmon tem a menor densidade demográfica, enquanto Flores – PE tem a menor população. Os quatro municípios estão em área de caatinga.

Quadro 5 - Características das localidades

ESTADO	LOCALIDADE	POPULAÇÃO (HAB)	ÁREA (KM ²)	DENSIDADE DEMOGRÁFICA (HAB/KM ²)	BIOMA
Bahia	Miguel Calmon	27.536	1.587,976	16,88	Caatinga
Bahia	Jacobina	84.811	2.358,690	33,60	Caatinga
Pernambuco	Flores	22.588	995,558	22,27	Caatinga
Pernambuco	Ouricuri	67.676	2.379,385	26,56	Caatinga

Fonte: IBGE (estimativa para 2015) *adaptado

4.3.1 Bahia: Miguel Calmon e Jacobina

Os municípios de Miguel Calmon e Jacobina fazem parte da microrregião de Jacobina, que possui uma população estimada em 308.073 habitantes e possui 16 municípios. A microrregião está destacada na Figura 4, que segue.

Figura 4 – Mapa da Microrregião de Jacobina - BA



Fonte: Disponível em: <
https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_Jacobina
 >. Acesso em: 23 jan. 2017.

Miguel Calmon localiza-se na região da chapada-norte baiana, que fora habitada por tribos indígenas, principalmente por "payayás" (grupo Cariri). As famílias Valois Coutinho (de origem francesa) e Marcelino de Miranda (de origem portuguesa), vindas de Jacobina, são as primeiras a habitar a então Fazenda Canabrava, no início do século XIX, com o intuito de cultivar boas plantações de cana. Nesta época, a fazenda pertencia à cidade de Jacobina, até virar povoado e ser emancipada no dia 6 de agosto de 1924.

A principal atividade destes silvícolas era a confecção de cerâmica: cacos, vasos, garrafões, todos avermelhados e resistentes. Algumas das suas peças de barro foram “encontradas” por caçadores, em fazendas da região e encontram-se, hoje, no Museu do Instituto Histórico da Bahia, na cidade de Salvador; além destes poucos objetos e indícios não se conhecem outros registros que possam resgatar a memória deste povo livre que habitou esta microrregião. Pelas informações circuladas até então, nada foi registrado sobre o

desaparecimento dos “payayás” na região. Existem, contudo, suposições que explicam o fato: (i) podem ter sido catequizados pelos Franciscanos e se encontraram integrados à civilização (embora a população atual da região não denuncie por traços fenotípicos tal descendência); (ii) podem ter sido dizimados pelas armas dos brancos, fato improvável, pois tratavam-se de índios muito pacíficos; (iii) podem ter se mudado para outro lugar, dada a invasão do seu território (mas não se sabe para onde).

A “nem grande, nem rica, feliz”, atual Miguel Calmon, originou-se da Fazenda Canabrava, que pertenceu ao mestre-de-campo e desbravador de terras, sogro do VI Conde da Ponte, que a adquiriu em sesmarias. Era uma fazenda, com uma área de 170 léguas, instalada em região vizinha aos “payayás”. O nome Canabrava provém da farta vegetação semelhante à cana-de-açúcar, porém de haste mais vertical, a cana-brava (*authoxathiungigans*). Um dos primeiros proprietários das terras desbravou as vazantes repletas dessa planta e, em seguida, plantou mandioca e milho, depois feijão e café, além de criar gado.

Em 1885, outras fazendas surgiram das mesmas terras e houve instalação de engenhos, levados avante em virtude do braço negro. Moradores das fazendas e viajantes, juntos, iam, em lombo de burros, a Jacobina, aos sábados. Tropeiros e mascates de Jacobina começaram então a circular pela região, com o material necessário aos habitantes locais, iniciando um pequeno comércio de compras e venda de mercadorias, ali mesmo na entrada da fazenda, dando início à feira livre, que, ainda hoje, acontece aos sábados, na qual pode-se observar a presença maciça dos grupos ciganos moradores da cidade.

Nesta época, a Fazenda Canabrava já era um florescente povoado, que passou a distrito, e depois à Distrito de Paz, com instalação de cartório. Foi promovida à vila, em 1924, com o nome de Miguel Calmon, desmembrando-se de Jacobina; elevado à categoria de cidade pelo decreto nº 311, de 2 de março de 1938. Hoje, o município é composto da sede e dos distritos de Itapura e Tapiranga, e mais 67 povoados, sendo os mais importantes e desenvolvidos os de Brejo Grande e Palmeiras.

A segunda cidade baiana eleita como ponto desta pesquisa foi Jacobina, a “cidade do ouro”, criada em 1722 e, segundo IBGE, em 2016, chegou a uma população estimada de 83.435 habitantes. Situada na região norte da Bahia, no extremo norte da Chapada Diamantina, o município se apresenta como excelente destino para os apreciadores do turismo ecológico, pois é rodeado por serras, morros, lagos, rios, fontes e cachoeiras. Além das belezas naturais e das minas, Jacobina possui um rico patrimônio histórico-cultural, que pode ser percorrido com auxílio de guias turísticos.

Diante da pesquisa histórica da escritora Doracy Lemos (2013), observa-se que, acerca da história da Cidade de Jacobina, a habitação daquele território geográfico se deu, inicialmente, pelos índios Payayás, pertencentes ao tronco indígena Cariri – os mesmos que habitavam a região onde, atualmente, está localizada a cidade de Miguel Calmon – e viviam espalhados por toda a Chapada Diamantina, juntamente com outras diferentes tribos. Lemos (2013) retrata que os indígenas dessa região resistiram por três séculos às investidas dos colonizadores, contudo tiveram o primeiro contato com homens brancos por volta dos anos de 1580 a 1590.

A corrida de bandeirantes e portugueses às minas de ouro descobertas ali (em princípios do século XVII) foi a origem da corrente inicial do devassamento e povoação de Jacobina. A notícia de exploração de minérios fluía e atraía ao lugar numerosos contingentes humanos, advindos de recantos diversos, para alí se aglomerarem, sedentos de ouro fácil. Alguns exploradores chegavam acompanhados de muitos colonos e escravos, implantando, nesta época, atividades adicionais de criação de gado e de culturas agrícolas essenciais. Assim, a margem do rio Itapicuru Mirim ia crescendo rapidamente, reunindo população inicial bastante densa e heterogênea.

O barulhento arraial tornou-se vila em 1720, com o nome de Vila Santo Antônio de Jacobina e foi, em 1880, elevado à categoria de cidade. Habitada pelos índios “payayás”, sede de missões indígenas, tinha um território que se estendia por cerca de 300 léguas, abrangendo desde o Rio de Contas e indo até os limites de Sergipe, incluindo a Cachoeira de Paulo Afonso.

O Município é composto de sete distritos (Caatinga do Moura, Itaitu, Itapeipu, Novo Paraíso, Lages do Batata, Cachoeira Grande e Junco) e 22 povoados; é caracterizado pela caatinga, vegetação típica da região.

4.3.2 Pernambuco: Flores e Ouricuri

Dentre as localidades da mesorregião do Sertão Pernambucano, foram selecionadas Flores, do Sertão do Pajeú, e Ouricuri, do Sertão de Araripina como pontos de pesquisa.

Flores (Figura 5) é um município composto pela sede, pelos distritos Sítio dos Nunes e Fátima e por sete povoados. O IBGE declarou a estimativa de sua população, em 2016, de 22.577 habitantes e uma área de 995,558 km².

Figura 5 – Município de Flores - PE



Fonte: Disponível em: <http://www2.condepefidem.pe.gov.br/web/condepefidem/cartografia> >. Acesso em: 23 jan. 2017.

Na segunda metade do século XVI, diversas expedições partiam em diversos rumos e empenhavam-se na colonização das terras às margens do Rio São Francisco; tais expedições eram compostas de portugueses e índios capturados para servirem como escravos, a fim de explorarem os territórios e irem fundando aldeias.

Uma daquelas expedições, em meados do ano de 1589, seguiu as margens do Rio Pajeú chegando a uma aldeia de índios tapuias, lugar hoje denominado Alto das Flores. Em 1783, foi criada a Freguesia de Flores do Pajeú. A vila foi criada em 1810, oficialmente considerada a data de criação do município e, em 1833, criou-se a Comarca do Sertão de Pernambuco. Depois que o Estado foi dividido em municípios (1891), Flores tornou-se município autônomo. A antiga Comarca de Flores compreendia a vasta área onde estão, hoje, os municípios de Afogados da Ingazeira, São José do Egito, Triunfo, Serra Talhada, Floresta, Tacaratu e Tabira.

É vigente uma lenda, de domínio público, de como se deu a origem do município. Conta-se que os Tapuias Rtama estavam em festa, em homenagem ao chefe de uma aldeia na serra da Baixa Verde em Triunfo, na ocasião da expedição. O guerreiro Aruan ordenou a prisão dos componentes da mesma, que mais tarde seriam trucidados pelos selvagens. Salvaram-se apenas duas meninas, decorrente de suas belezas, e que os índios começaram a adorar como divindades. Tempos depois, deram-lhes os nomes de Aracê – à mais velha – e Moema – à mais nova. Aquelas meninas ficaram sob a proteção dos guerreiros mais fortes, uma vez que receavam serem capturadas por outros silvícolas.

Por volta de 1603, outra expedição chegou àquele local, mas encontravam os Tapuias Rtama “meio civilizados”, certamente devido ao contato com as duas meninas, que lhe

ministravam certos conhecimentos, não só do idioma português, mas também do cultivo da terra e outros. Eram uns vinte portugueses e mamelucos que, entendendo-se com os aborígenes, construíram melhores habitações para acomodamento para todos os integrantes da expedição da casa da torre, chefiadas pelo português Simeão Pereira Ganrrinho. Começou, assim, a fundação de um povoado, à margem direita do Rio Pajeú, mais tarde denominada Povoação de Flores, em alusão ao cultivo de flores a que se destinavam Aracê e Moema. Assim diz a lenda.

O segundo ponto desta pesquisa, localizado no território pernambucano, é a cidade de Ouricuri. O município ocupa uma área de 2 373,9 km² e representa 2,25% do Estado, distante 620,6 quilômetros da capital. O município possui uma malha rodoviária privilegiada, ocupando posição central e de destaque na Região de Desenvolvimento do Araripe. O município é formado pela sede e mais outros nove distritos: Barra de São Pedro, Santa Rita, Extrema, Cara Branca, Jacaré, Jatobá, Vidéu, Lopes e Agrovila Nova Esperança.

Figura 6 – Município de Ouricuri - PE



Fonte: Disponível em: <http://www2.condepefidem.pe.gov.br/web/condepefidem/cartografia> >. Acesso em: 23 jan. 2017.

Atualmente, Ouricuri é centro da microrregião, atraindo centenas de pessoas, todos os dias, pois abastece de bens e serviços pelo menos outras oito das dez cidades que compõem a área, além de ser sede de importantes instituições governamentais, bancárias e fiscais.

O topônimo "Ouricuri" provém da denominação popular da palmeira *Syagrus coronata*, nativa da região Nordeste do Brasil.

Toda a região do atual sertão pernambucano, até o século XVI, período da chegada dos europeus, era ocupada por povos indígenas não tupi, os chamados tapuia. Doenças novas trazidas pelos europeus, guerras, escravização e aldeamentos missionários foram, lentamente, exterminando esses povos, ao longo de todo o período colonial.

Sabe-se que, no século XIX, havia, no território, uma extensa fazenda de gado de propriedade de dona Brígida Alencar. Partes desta fazenda foram vendidas ao casal João Goulart, que denominou esta região de Aricuri (espécie de palmeira). Outra parte, em 1841, foi vendida ao padre Francisco Pedro da Silva, oriundo da cidade de Sousa, no estado da Paraíba, que comprou terras a fim de erguer uma capela em homenagem a São Sebastião. Ao transferir a documentação da propriedade, o padre mudou o nome para Ouricuri, nome de outra palmeira. O desenvolvimento do povoado ocorreu pelas atividades agropecuárias e em torno da capela.

Em 1844, foi criado o distrito que, posteriormente, em 1849, foi elevado à categoria de vila. Passou por município autônomo e, em 1903, foi chegou a cidade.

4.4 OS INFORMANTES

O *corpus* desta pesquisa é constituído pelas respostas ao extrato do QSL, na área semântica-lexical 10 – Jogos e diversões infantis –, constituído por 13 questões, das quais seis são analisadas na seção seguinte. Tais questões foram aplicadas em quatro cidades, duas do estado da Bahia (Miguel Calmon e Jacobina) e duas de Pernambuco (Flores e Ouricuri). Na Bahia, totalizaram-se 24 informantes, 12 de cada uma das localidades e, em Pernambuco, 12 informantes, unindo as duas cidades. Todos os 36 informantes são do interior.

Em cada localidade baiana, selecionaram-se seis homens e seis mulheres para a pesquisa, sendo dois de cada faixa etária: (i) 18 a 30 anos, (ii) de 31 a 49 anos, (iii) de 50 a 65 anos. Foi controlada a escolaridade, que é diversificada, a grande maioria não completou o Ensino Fundamental, conforme dados apresentados no Tabela 2.

Em Pernambuco, três informantes são de Flores (na faixa II, um homem e uma mulher; na faixa III, apenas um homem), todos os demais informantes (nove) são de Ouricuri. Não foi possível completar um grupo de 12 informantes em Flores, devido ao clima instaurado após um crime que vitimou uma cigana, levando muitos deles a irem embora da cidade e também ao grande número de pessoas acometidas de Chicungunha e hospitalizadas. Para manter um grupo completo de 12 informantes, recorreu-se a informantes de Ouricuri, também sertão pernambucano, com presença de ciganos sedentários. Devido ao contratempo encontrado e ao período restrito do Mestrado, não havia tempo hábil para se localizar outra comunidade, começar os contatos com o patriarca/matriarca e iniciar novos inquéritos. Mais pela adversidade que por opção, os informantes ficaram assim constituídos.

Tabela 2: Grau de escolaridade dos informantes

GRAU DE ESCOLARIDADE	BAHIA	PERNAMBUCO	TOTAL VALORES ABSOLUTOS	TOTAL VALORES RELATIVOS
a - Não alfabetizado	5	6	11	30,55%
b - Alfabetizado	6	-	6	16,66%
c – Fund. I – Incompleto	5	1	6	16,66%
d – Fund. I – Completo	3	1	4	11,10%
e – Fund. II – Incompleto	2	1	3	8,33%
f – Fund. II – Completo	-	-	-	-
g – Médio Incompleto	1	1	2	5,55%
h – Médio Completo	1	1	2	5,55%
i – Graduação Incompleta	-	1	1	2,8%
j – Pós-Graduação	1	-	1	2,8%
TOTAL GERAL	24	12	36	100%

Fonte: Elaborada pela autora

O contato direto com a comunidade linguística, em Miguel Calmon e Jacobina, foi com os patriarcas das famílias; já nas cidades pernambucanas, quem está à frente dos grupos são matriarcas, mulheres que tiveram seus maridos como patriarcas e com a morte destes, assumiram a função de arrebanhar filhos/ filhas solteiras, noras¹⁴, netos/ netas e bisnetos/ bisnetas.

No que se refere aos homens, as profissões estão ligadas à agropecuária (agricultores), ao comércio e serviços (carregador, cobrador), à educação (estudante, professor), construção civil (construtor), transporte (motorista) e outros (negociante, autônomo, agiota), essas últimas equivalem a 38,9% das profissões e representam a maior área de atuação. No entanto, isolando-se essa mesma área em relação aos informantes da Bahia, esse percentual sobe para 58,33%. Todas essas respostas equivaleram à primeira opção. Quatro dos que se declararam agricultores, também informaram (em segunda resposta, portanto não contabilizada na Tabela 2) exercer atividades de negociante e agiota e um dos autônomos também se declarou estudante. Ocupam a segunda posição em relação ao conjunto de atividades realizadas pelos informantes a área de agropecuária, representando 27,7%, dado que confirma o sedentarismo dos grupos.

As mulheres, em 100%, estão vinculadas às atividades que se desenvolvem no ambiente doméstico (donas de casa), o que retrata a aplicação da mulher em funções exclusivas para a família; apenas uma delas, no município baiano de Miguel Calmon,

¹⁴ A ação dos patriarcas/matriarcas não tem valor para os genros assim como para as filhas casadas, pois é sempre a mulher que ao casar passa a constituir membro da família do homem.

informou associar a função de dona de casa à de artesã; no entanto, confirmou não ser esse trabalho fonte de renda mensal da família.

Propondo uma melhor visualização da área de atuação dos informantes masculinos, e visando à constituição do seu perfil, a Tabela 3 resume as funções e seus percentuais correspondentes.

Tabela 3 – Informantes masculinos por área de atuação

ÁREA DE ATUAÇÃO	TOTAL DE INFORMANTES	TOTAL RELATIVO
Agropecuária	5	27,7 %
Comércio e serviços	2	11,1 %
Transportes	1	5,6 %
Construção civil	1	5,6 %
Educação	2	11,1 %
Outros (negociante, agiota, autônomos)	7	38,9 %
Total geral	18	100,0%

Fonte: Elaborado pela autora

Fugindo à regra das pesquisas sociolinguísticas e da metodologia proposta pelo ALiB, os informantes não são, necessariamente, naturais da localidade sob investigação, esta não era uma variável possível de ser controlada, uma vez que só nas últimas três décadas as famílias ciganas, especialmente as envolvidas neste trabalho, começaram a fixar-se¹⁵ nos atuais territórios onde se encontram. Também não foram selecionados os que viveram 2/3 de sua vida na localidade.

Em resumo, os informantes da pesquisa têm as seguintes características:

- (i) A população investigada é de 36 informantes (24 da Bahia e 12 de Pernambuco);
- (ii) Residem no interior dos estados;
- (iii) São do sexo masculino e feminino distribuídos com equidade;
- (iv) Quanto ao fator faixa etária, pertencem à faixa I (18 a 30 anos), faixa II (31 a 49 anos) e faixa III (de 50 a 65 anos) distribuídos com regularidade;

¹⁵ Para os ciganos, o nomadismo é um aspecto essencial de sua resistência cultural. “A dispersão que muitos consideram como prejudicial à existência dos ciganos como etnia, é tida, por eles mesmos, como fator fundamental para sua sobrevivência como povo” (PEREIRA, 2009, p. 18). É tão forte culturalmente o nomadismo que aqueles que mantêm essa prática, dão à palavra casa (*kher*) o significado de “morte da vida cigana” e também questionam a ciganidade daqueles que se tornaram sedentários. No entanto, as dificuldades são inúmeras para os que são nômades na contemporaneidade: são alvo de preconceito dos *gadjé* e muitas vezes não conseguem ser assistidos pelo Governo. Sedentários, por outro lado, não perderam esse traço cultural, pois aprenderam com suas famílias a não criar raízes em lugar nenhum. Ressalva-se que, na pesquisa, 94,44% dos informantes responderam “não” à pergunta sobre a pretensão de sair de onde moram atualmente. Os dois informantes de Miguel Calmon –BA que responderam “sim” e “talvez” ao questionamento são do sexo masculino e da faixa etária I.

- (v) Não são, necessariamente, naturais da localidade perscrutada;
- (vi) Apesar de se ter controlado a variável escolaridade, ela não apresentou relevância ao analisar os dados, não sendo significativa para este estudo lexical.

Na Tabela 4, visualiza-se a distribuição de informantes por estado, levando-se em conta as variáveis sociais (faixa etária, sexo, grau de escolaridade), já mencionadas.

Tabela 4 - Distribuição do total de informantes pelas variáveis sociais em valores absolutos

VARIÁVEIS SOCIAIS		TOTAL DE INFORMANTES	
		BA	PE
LOCALIDADE	M: Miguel Calmon – Bahia	12	-
	J: Jacobina – Bahia	12	-
	F: Flores – Pernambuco	-	3
	O: Ouricuri – Pernambuco	-	9
SEXO	m: Masculino	12	6
	f: Feminino	12	6
FAIXA ETÁRIA	1: 18-30 anos	8	4
	2: 31-49 anos	8	4
	3: 50-65 anos	8	4
GRAU DE ESCOLARIDADE	a - Não alfabetizado	5	6
	b - Alfabetizado	6	-
	c – Fund. I – Incompleto	5	1
	d – Fund. I – Completo	3	1
	e – Fund. II – Incompleto	2	1
	f – Fund. II – Completo	-	-
	g – Médio Incompleto	1	1
	h – Médio Completo	1	1
	i – Graduação Incompleta	-	1
	j – Graduação Completa	1	-

Fonte: Elaborado pela autora

4.5 A AMOSTRA: GRAVAÇÕES E AUDIÇÃO DOS INQUÉRITOS

A entrevista é sempre um momento de certa timidez, o informante se vê diante de um gravador e de um inquiridor sem nenhuma intimidade ou relação com ele, todavia, isso não tira a posição colaborativa desses informantes, ou seja, o que Labov ([1972], 2008) denominou de “paradoxo do observador”. Tais inquéritos foram gravados em aparelho digital (digital voice recorde da coby, modelo CXR190-4G) e apresentam boa qualidade de som, porém há presença de ruído externo – porque, no geral, os informantes querem realizar a entrevista na porta de casa, ou por hábito específico de permanecerem costumeiramente na

frente da casa, ou ainda pela tradição de nunca estarem sós. Assim, a entrevista acabou acontecendo na presença de alguém, ou era facilmente interrompida por eles, na maioria das vezes para matar a curiosidade das pessoas. Essas entrevistas, para aplicação do extrato do QSL nas áreas estudadas, tiveram, em média, a duração de 40 minutos.

Durante a aplicação dos inquéritos foram, sempre que necessário, usadas formas complementares para obtenção das respostas: gestos, mímicas e figuras impressas. Também, houve casos de haver necessidade de reformulação da pergunta.

Passada a fase das gravações, iniciou-se a audição dos inquéritos para realização da transcrição grafemática dos itens lexicais, a fim de documentar a variação. Essa fase exigiu bastante cuidado, já que se busca o levantamento de todas as variantes para cada forma lexical em estudo e a identificação da ordem (primeira, segunda, terceira) em que ocorreram tais itens. É importante ressaltar aqui, que não se buscou segunda resposta, nem noção de uso ao longo do tempo (variação diacrônica), nem esclarecimento, por parte do informante, quando se tratou de uma forma lexical ambígua ou até desconhecida (em alguns casos, o esclarecimento surgiu naturalmente).

Na busca por dados que marcam a variação lexical do povo cigano, a fase da transcrição representa o contato de análise prévia do *corpus*, por isso não se pode perder de vista que a sua especificidade é:

- (i) Analisar se os itens lexicais encontrados seriam a manifestação de um vocabulário que identificaria a variação lexical do povo cigano e se os fatores sociais (variação diageracional, diassexual, diastrástica) e ainda, a variação diatópica influenciariam na realização lexical dessas comunidades ciganas;
- (ii) Verificar os condicionantes extralinguísticos que influenciam na realização lexical da comunidade cigana.

4.6 CRITÉRIOS ADOTADOS PARA LEVANTAMENTO DOS DADOS

Quanto ao levantamento dos dados referentes às seis questões da área semântico-lexical abordada, foram classificados e organizados de maneira sistemática. O objetivo primordial dessa fase foi contabilizar as ocorrências. A Tabela 5 apresenta o número de ocorrências por questão, mas tais dados serão explorados na seção 5, de análise e discussão de dados, deste texto.

Tabela 5: Respostas válidas em número de ocorrências na área de Jogos e diversões infantis

ÁREA SEMÂNTICO- LEXICAL	RESPOSTAS VÁLIDAS	OCORRÊNCIAS		
		Bahia	Pernambuco	Total
Cambalhota	33	23	10	33
Gude	35	23	12	35
Estilingue	36	24	12	36
Gangorra	23	15	8	23
Balanço	35	24	11	35
Amarelinha	24	16	8	24
TOTAL	186	125	61	186

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela 5 indica que tendo 6 itens lexicais a serem pesquisados na fala de cada informante, 36 no total, busca-se atingir um mínimo de 216 ocorrências, caso não houvesse duas ou mais respostas por informante e também não houvesse “não sabe”, que, no caso da área pesquisada, atinge um valor absoluto de 30, revelando que 13,88% entre a relação questão versus abstenção do informante.

Consideram-se, para cada item lexical em estudo, a seleção de todas as ocorrências para cada um dos seis itens lexicais, em cada um dos 36 informantes; não se deu importância se era a primeira ou subsequente resposta produzida. As primeiras respostas estão analisadas lexicograficamente e também estatisticamente, as demais ocorrências foram descritas, na seção 5, sem considerar valores relativos, dando ênfase na descrição da análise. Sempre que o informante teceu algum comentário acerca do item lexical, este foi registrado para auxiliar na análise e/ou tornar-se uma nota.

Adota-se, para este trabalho, o critério de NS – não sabe – quando o informante declara não lembrar ou não saber ou ainda não se obtiver a resposta, uma vez que, ao adotar o Software Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin para compor a análise dos dados, o mesmo não faz distinção entre o NL, NS (embora para o NO da autora, tem-se o PT do SGVCLin) dos critérios adotados por Ribeiro (2012), que, segundo a qual,

Optou-se por organizar as respostas não obtidas em três grupos: (i) NL - não lembra - quando o informante declara não se lembrar o que se pede, mas afirma conhecer/saber o que está sendo perguntado; (ii) NS - não sabe - quando o informante declara não conhecer o que se pede e (iii) NO - não obtida - quando não se obteve a resposta, embora o documentador tenha tentado exaustivamente obtê-la, ou quando o documentador perde a pergunta (ou dá a resposta) ou quando não foi possível obter o dado através da gravação (RIBEIRO, 2012, p. 158).

Quanto à conceituação dos itens lexicais, utilizam-se os dicionários para as análises das formas encontradas. Os dicionários adotados na pesquisa são: Houaiss (2009), Ferreira (2010), Aulete (2012)¹⁶, apresentados nessa ordem ao longo da análise. Com tais obras, buscou-se verificar se os vocábulos são dicionarizados e quais definições possuíam, além de registrar as variantes que aparecem alistadas, ou ainda se não são dicionarizados. Em alguns casos, foi também possível verificar se as variantes apresentadas possuem uma relação de significação entre si.

Optou-se por destacar as lexias com fonte cursiva em *itálico* por uma questão estética do texto, na busca de uma maior “leveza” visual.

4.7 CLASSIFICAÇÃO E TABULAÇÃO DOS DADOS

Nesta fase, as lexias que apresentaram variação foram classificadas em agrupamentos lexicais. Optou-se por computar os itens com única ocorrência, todos reunidos, sob a categoria “outras designações”.

Os quadros das formas lexicais (agrupamentos) e as tabelas de respostas obtidas *versus* não obtidas foram criados, tomando por base Ribeiro (2012). Usaram-se tabelas de distribuição do item lexical por produtividade na Bahia e em Pernambuco, geradas pelo Software Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin para compor a análise dos dados. Elaboraram-se gráficos para mostrar o resultado do tratamento estatístico da produtividade por lexia – baseado em Ribeiro (2012) – e percentual de presença das formas lexicais por estado.

Os agrupamentos lexicais (padrão de tratamento que buscava apenas a variação lexical) seguiram um critério para organização, baseado em Ribeiro (2012, p. 158-159).

- (i) As variantes fônicas foram neutralizadas;
- (ii) As lexias flexionadas em gênero e/ou número são agrupadas às formas sem flexão;
- (iii) Simplificação da derivação por grau (diminutivo ou aumentativo) para agrupamento às não flexionadas;
- (iv) Simplificação de lexias complexas em lexias simples - presença x ausência de verbos de ação -, optando-se pela retirada dos verbos de ação: “pular”, “dar” e “brincar”;

¹⁶ Utilizou-se uma versão escolar por não ter acesso a versão impressa completa.

será mantido o verbo “virar” em “virar de bruço”, uma vez que, “de bruço” não dará significação de brincadeira;

(v) Simplificação de lexias complexas em lexias simples, em casos de uso de “brincar de” e “brincadeira de”, por serem lexias que são usadas durante a formulação das questões;

(vi) Reunião de lexias compostas (*pulo mortal*) a lexias simples (*mortal*); e

(vii) Definição de elemento aglutinador para simplificação.

Os agrupamentos foram identificados pelo “rótulo do agrupamento” (cf. nota de rodapé 13, p. 72). Centralizados, quase sempre, por um “elemento aglutinador”, geralmente um vocábulo dicionarizado ou, na ausência deste, pela lexia que, no conjunto, obteve maior frequência em número de ocorrências, como é o caso de *bila* para *bolinha de gude*, em Pernambuco. Na ausência de variação, o agrupamento recebeu o nome da forma lexical registrada em dicionário ou não.

É apresentado, nos Apêndices C ao N, um Quadro de Distribuição do item lexical por informante, contendo a distribuição das formas lexicais usadas por cada um. Tais quadros trazem todas as ocorrências registradas, com indicação de localidade e informante.

O tratamento estatístico dos dados é dividido em quatro partes:

(i) Gráfico em colunas da produtividade por lexia, sem separá-las por estado. O limite em cada gráfico será de no máximo a amostra, buscando uma melhor visualização do mesmo;

(ii) Tabela com valores relativos e absolutos por produtividade do item lexical por estado (um para Bahia e outro para Pernambuco). Tais tabelas foram geradas pelo Software Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin;

(iii) Tabela com base geral no total de ocorrências documentadas *versus* não documentadas;

(iv) Gráfico em pizza, retratando percentual da presença da forma lexical por estado.

Para referência em cada quadro, tabela, gráfico e carta linguística, adotaram-se as generalizações que serão feitas sobre cada *brinquedo* ou *brincadeira*, nomeando-os pelo rótulo. Estes dados constituíram quadros, tabelas e gráficos desta pesquisa, centrando-se na primeira resposta do informante.

4.8 MAPEAMENTO LINGUÍSTICO

A produção de cartas linguísticas, no século XIX, configura-se um domínio linguístico relevante, pois permite falar de um modelo cartográfico em Linguística, revelando interesse geolinguístico.

O resultado cartográfico permite também, por inovações metodológicas, acessar a perspectiva social da língua, saindo padrão monostrástico, monogeracional e monofásico, e torna-se bem significativo e relevante, permitindo, por hora, acrescentar dimensões pluridimensionais. Nesta pesquisa, verificou-se um caráter primordialmente diatópico, com a inserção de dados segundo a extensão territorial, mostrando a interferência geográfica na variação linguística, conferindo marcas nas comunidades por espaços físicos distintos.

A importância da diatopia está confirmada em Cardoso (2010, p. 48)

A preocupação diatópica, sejam porque os homens se situam, inevitavelmente, nos espaços, seja porque as línguas e suas variedades, pelas implicações culturais a que estão sujeitas e que indubitavelmente as refletem, têm um território próprio, ou seja, ainda, porque o homem é indissociável no seu existir e no seu agir, no seu ser e no seu fazer, tem sido uma constante nos estudos dialetais e desde os seus primórdios.

O padrão horizontal da diatopia (espacial) foi ratificado na maioria das cartas linguísticas usadas para análise de dados e as demais dimensões que seguem o padrão vertical (social) foram abordadas no texto das análises.

O planejamento cartográfico e edição da base foi de Djime Dourado Silva, a carta linguística foi produzida pelo Software Geração e Visualização de Cartas Linguísticas – SGVCLin.

Foram elaboradas sete cartas, representando a Rede de Pontos com a localização no espaço geográfico brasileiro e os resultados da variação diatópica, representando os dados obtidos em cada brinquedo/brincadeira. Apenas a Carta 2 aborda as variantes sociais.

Os dados linguísticos de cada brinquedo/brincadeira foram definidos como objeto de cartografia temática; com isso, objetivou-se oferecer, por meio das cartas, a visualização da variação diatópica dos dados. Todas elas estão apresentadas no capítulo de análise de dados e, em tamanho A4, nos apêndices O, P, Q, R, S, T, U.

A discussão da variação social só foi objeto de cartografia dos dados, em *cambalhota*, uma vez que ocorrências produzidas por homens ou mulheres (variação diassexual) e nas faixas etárias (variação diageracional) mesmo controladas, não produziram resultados distintos, nas outras lexias.

Os critérios definidos para a cartografia temática foram adaptados de Ribeiro (2012, p. 159), a saber:

- (i) Representar as quatro lexias mais produtivas da amostra,
- (ii) As ocorrências de outras lexias, apareceram como *outras designações*;
- (iii) Considerar o critério de produtividade simples.

Por fim, nesta seção de análise, na parte destinada a cartografia, procedeu-se uma comparação direta e objetiva com os dados encontrados nas pesquisas de Ribeiro (2012) e Sá (2013), permitindo verificar se os itens lexicais encontrados nos grupos ciganos reaparecem nas mesmas áreas geográficas (ou não).

A pesquisa de Ribeiro (2012), em muitos momentos, serviu de parâmetro para o estudo: adotam-se critérios, quadros e tabelas como modelos e debruça-se sobre a análise dos dados, com o intuito de também apreender, em parte, a experiência vivida (e muito bem sucedida). A área do *Falar Baiano* percorrida pela pesquisadora revelou semelhanças em muitas das lexias encontradas no grupo dos ciganos, embora aquela pesquisa seja amplamente mais extensiva, com 57 localidades percorridas e 244 inquéritos gravados, obviamente, encontrou um número muito mais expressivo de variantes lexicais.

A pesquisadora utilizou-se das 13 questões que compõem a área semântico-lexical de Jogos e diversões infantis, realizando pesquisa lexicográfica das lexias documentadas e diversos tratamentos estatísticos para auxiliar na análise dos dados obtidos.

Sá (2013), na sua tese que resultou no Atlas Linguístico de Pernambuco – ALiPE, selecionou 47 cartas, das quais cinco interessam à comparação, por serem da mesma área semântico-lexical; o autor considerou os fenômenos mais recorrentes no estado com, no mínimo, duas ocorrências. Ressalta Sá (2013, p.178) que “[...] mesmo tendo sido aplicado todo o questionário do ALiB e as adequações culturais do Estado de Pernambuco, optou-se por enfatizar, a priori, alguns aspectos metodológicos [...] a partir dos quais, chegou-se a conclusão das cartas linguísticas.”

O pesquisador estabelece critérios diferentes dos adotados nesta pesquisa – baseada em Ribeiro (2012) – inclusive desconsiderando variantes que não constituam sinônimos do item em questão.

Buscou-se fornecer uma metodologia que situe, satisfatoriamente, os passos desta pesquisa; agora, a análise!



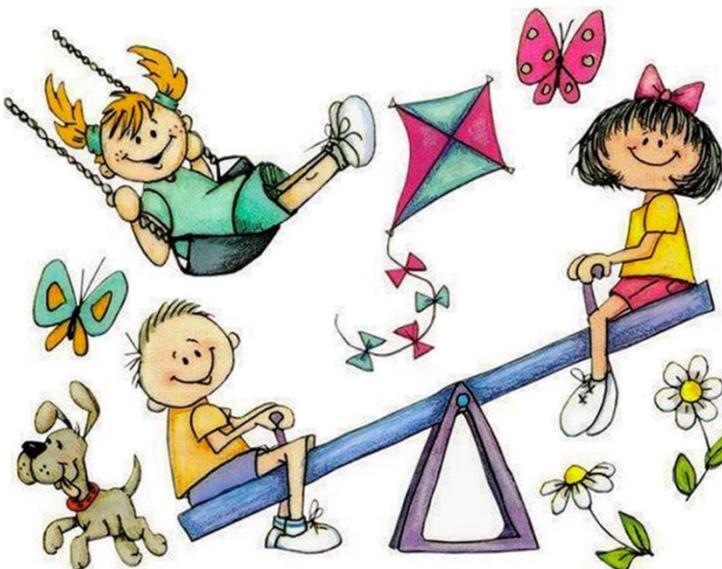
COCO MOLEQUE

Corre moleque, desce dessa goiabeira
 Que o dono vem na carreira,
 Querendo te derrubar
 Some no mato, pula cerca feito gato
 Sem sentir que é insensato
 Roubar fruta do pomar
 Ruma pro açude que eu sei que ele está sangrando
 Pra atravessá-lo nadando sem medo de se afogar.
 Pescar piaba, onde o barreiro deságua
 Brincar de galinha-d'água,
 De pega e de mergulhar.



Depois jogar-se na enchente do desafio,
 Descer no dorso do rio,
 Enfim, da ponte, pular.
 Volta pra rua que a vida é só brincadeira
 É toca, barra-bandeira,
 Peteca e rende-se-lá
 É carrapato, burrica, jogo de bola
 Finca-pinhão, peia-sola,
 Sinuca, bila, bilhar.
 Terras alheias, roda, notas de cigarro,
 Garrafão, boim-de-barro,
 Caverna, anel, guerrear.

Quebra-panela, pula-corda, academia
 Pau-de-sebo, caçar jia, correr na chuva a gritar.
 Junta castanha-de-caju, joga pitelo,
 Na areia faz teu castelo
 Não deixa desmoronar.
 Constrói, menino, teu carro de rolamento
 Faz tua pipa que o vento
 Te chama pra empinar.
 Só não me venha brincando de esconde-esconde,
 Pois temo que fiques onde
 Eu não possa mais te encontrar.



Lamartine Passos

Fonte: Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/moleque-doido/1057445/>. Acesso em: 04 jan 2017.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 CAMBALHOTA

A brincadeira está presente desde a primeira infância, inicialmente em casa, estendendo-se para as aulas de recreação, passando pelas de Educação Física, chegando até a ginástica acrobática ou mesmo a capoeira, artes marciais, natação (virada olímpica), dentre vários outros.

Como atividade lúdica de iniciantes, a *cambalhota* dá-se em lugares macios, geralmente colchões e sofás de casa; em outras atividades, acompanhada por educadores ou treinadores, ganha o apoio de colchonetes, buscando a proteção de impactos bruscos e tendo como ponto de partida os pés no chão. Para os avançados na arte da acrobacia, a partida se dá com um impulso (pulo ou uma pequena corrida) que lançará o corpo ao ar, fazendo uma volta de 180° sobre seu eixo.

Além de lúdica, a atividade proporciona ao desenvolvimento motor, equilíbrio, controle muscular, melhora a elasticidade da coluna e trabalha toda a circulação.

Figura 7 – Desenho de criança iniciando o movimento de virar cambalhota.



Fonte: Disponível em: <<http://viveapenas.blogspot.com.br/2011/04/cambalhota.html>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

A pergunta 155 do QSL, “Como se chama a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado?” (COMITÊ... 2001, p.34), apresentou um significativo número de lexias para nomear o exercício de girar o corpo para frente e cair sentado.

A proposição da pergunta não apresentou problema de compreensão por parte dos informantes. A falta de atenção ao sema "cair sentado" gerou, por vezes, outras possibilidades

de respostas como *capoeira*, *estrelinha*, *ginástica*, *mortal*, *pula-pula*, variantes que não tratam especificamente do movimento objeto da questão.

O Quadro 6, a seguir, apresenta detalhadamente as lexias que apareceram na pesquisa por cidade/estado. A partir da análise das informações apresentadas, pode-se observar: (i) que *maria cumbunda* foi a única lexia que apareceu nos quatro municípios pesquisados; (ii) que a lexia *cambalhota* esteve presente em apenas dois deles (assim como *maria cambota*, *maria combona* e *pulo mortalho*), entretanto *cambalhota* aparece nos dois estados; (iii) que as demais lexias tiveram realizações individuais por cidades; e (iv) que, nos dois estados, informantes não responderam à questão. No total, verificaram-se 18 lexias diferentes para nomear o significado exposto na pesquisa.

Quadro 6: Distribuição da lexia *cambalhota* por localidade

LEXIAS	BAHIA		PERNAMBUCO	
	Miguel Calmon	Jacobina	Flores	Ouricuri
1. Cambalhota	X			X
2. Capoeira				X
3. Estrelinha				X
4. Ginasta		X		
5. Ginasca	X			
6. Má cambota	X			
7. Maria combona		X		
8. Maria cambota	X	X		
9. Maria combona	X	X		
10. Maria combonda	X			
11. Maria combota		X		
12. Maria cumbuca			X	
13. Maria cumbunda	X	X	X	X
14. Mortal				X
15. Pastelão quente	X			
16. Pula pula			X	
17. Pulo mortalho	X	X		
18. Virar de bruço	X			
19. Não sabe		X		X

Fonte: Elaborado pela autora

Como primeira resposta, a lexia *cambalhota* só ocorreu em dois informantes, 10Mf2c¹⁷ e 32Of1g; o primeiro, do sexo feminino, da cidade baiana de Miguel Calmon, faixa 2 (39 anos); o segundo informante também é do sexo feminino, da cidade pernambucana de

¹⁷ Adota-se o seguinte padrão para identificação dos informantes: (i) número de 1 a 36 – considerando a quantidade de informantes –; (ii) letras maiúsculas para mencionar as localidades – a saber, “M” para Miguel Calmon –Ba, “J” para Jacobina-Ba, “F” para Flores-Pe e “O” para Ouricuri-PE; (iii) letras minúsculas para diferenciar o sexo – “f”, feminino e “m”, masculino; (iv) números 1, 2, 3 para caracterizar as faixas etárias – 1. 18 a 30 anos, 2. 31 a 49 anos, 3. 50 a 65 anos; (v) letras de “a” a “j” para declarar o grau de escolaridade.

Ouricuri, faixa 1 (29 anos) e, apesar dos graus de escolaridade serem Fundamental e Ensino Médio incompletos, não se pode atribuir ao nível de escolaridade o domínio da lexia, uma vez que, nas mesmas localidades, têm-se informantes com Ensino Médio completo e até graduação incompleta que não usaram o termo para referirem-se à brincadeira. Houve também outra informante, 10Mf2c, que usou a lexia *cambalhota* como segunda resposta, antecedida da lexia *ginasta*.

A questão de cunho onomasiológico forneceu respostas e, diante dos dados obtidos, pode-se analisar a variação linguística sob o ponto de vista léxico-semântico. Tais dados podem ser utilizados também para estudos da variação diastrática, diageracional e diassexual, dentre outros, cruzados com as informações das fichas dos informantes. Na tentativa de melhor compreender essa variação lexical que forneceu 18 lexias como resposta a QSL 155, as lexias documentadas na amostra foram organizadas em agrupamentos lexicais (Quadro 7), conforme critérios baseados em Ribeiro (2012):

- (i) as variantes fônicas foram neutralizadas;
- (ii) as lexias flexionadas em gênero e/ou número são agrupadas às formas sem flexão;
- (iii) simplificação da derivação por grau (diminutivo ou aumentativo) para agrupamento às não flexionadas;
- (iv) simplificação de lexias complexas em lexias simples - presença x ausência de verbos de ação - optando-se pela retirada dos verbos de ação: “pular”, “brincar”, “dar”;
- (v) definição de elemento aglutinador para simplificação.

Quadro 7 – Formas lexicais de cambalhota: agrupamentos

AGRUPAMENTOS LEXICAIS (RÓTULO)	ITENS LEXICAIS AGRUPADOS
Cambalhota	cambalhota
Cambota	maria cambota; maria combota; má cambota
Combona	maria combona
Cumbunda	maria cumbunda, maria combonda
Ginástica	ginasca, ginasta
Mortal	mortal; pulo mortalho
Outras designações	virar de bruço, capoeira, maria cumbuca, estrelinha, pastelão quente, pula-pula

Fonte: Elaborado pela autora

Nas lexias *cambalhota* e *combona* não houve qualquer variação fônica, e os agrupamentos receberam o nome de acordo com a respectiva lexia. Em *cambalhota*, a lexia não foi usada precedida de verbo como “virar” e “dar”, ocorrendo na forma simples. Já *combona* por estar dicionarizada e tratar-se lexicograficamente de uma acepção, sem relação com o jogo infantil, constituiu um grupo à parte.

As lexias *maria cambota*, *maria combota* e *má cambota* têm o elemento aglutinador em *cambota*, desprezando para o rótulo o substantivo próprio – Maria – por não fazer referência, neste sentido, a uma pessoa específica, ficando indeterminada. Para esse agrupamento, levou-se em conta o alteamento da vogal de *cambota* para *combota*, por não criar um enunciado distinto além da supressão do segmento “ria”, reduzindo o termo a um apelido natural (*Má cambota*, por exemplo), através de uma apócope, espécie de amputação de um ou vários fonemas do final da palavra.

Cumbunda foi o elemento aglutinador de *maria cumbunda* e *maria combonda*, perdendo, para constituição do rótulo, o elemento *maria*, pela mesma indeterminação anteriormente explicitada, e considerando como variação fônica a elevação da vogal posterior média-alta, /o/, de *combona* à vogal alta de *cumbunda*.

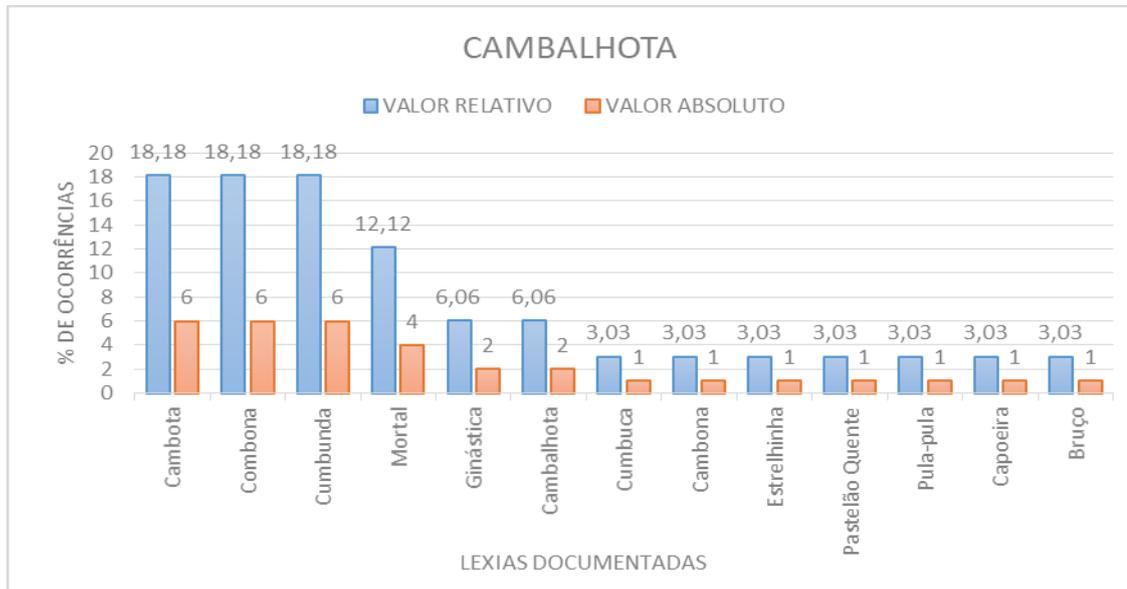
Ginástica tornou-se rótulo do agrupamento por ser a forma dicionarizada da lexia que nomeia o grupo; nos dois casos – *ginasca* e *ginasta* – tem-se a perda de uma sílaba, que pode ter sido resultado da dificuldade de articulação da palavra polissílaba por pessoas com baixa escolaridade, fenômeno denominado síncope (desaparecimento de fonemas no interior do vocábulo), que, apesar de comum, é uma variação sem a “chancela oficial”, não dicionarizada. O mesmo ocorre com *mortal* para seu grupo, apesar de ser adjetivo relacionado ao substantivo *pulo* e parecer ser essa a escolha mais coerente para o rótulo, optou-se pelo *mortal* por ser mais caracterizador e porque, comumente, nessa expressão, suprime-se o outro termo sem comprometer o significado.

Constituiu-se o grupo *outras designações*, que agrega formas com número de ocorrência igual a um: *virar de bruço*, *maria combona*, *capoeira*, *maria cumbuca*, *estrelinha*, *pastelão quente* e *pula-pula*, itens que não se enquadravam em nenhum dos critérios exigidos para pertencer a um grupo. Essas formas somaram 21,21% do total das ocorrências encontradas para a QSL 155, conforme apresentado no Gráfico 1, o qual demonstra os valores percentuais e absolutos obtidos para cada agrupamento.

Observa-se, diante dos dados, que foram obtidas 33 respostas no questionamento, portanto, no universo total dos informantes, 3 declararam – o que se optou por dizer – “não

sabe” como denominar a brincadeira (era possível também declarar além do “não sabe”, o “não lembro”, “não conheço” ou ainda “não obtida”).

Gráfico 1– *Cambalhota*: produtividade por lexia



Fonte: Elaborado pela autora

No total das variantes obtidas como resposta à pergunta, sete ficaram como outras designações (as que não se enquadram nos agrupamentos e são respostas únicas), quatro agrupamentos foram realizados e duas lexias – *cambalhota* e *combona* – não foram agrupadas, nem pertencem a outras designações porque ocorreram em mais de uma localidade, totalizando 13 variantes. A pesquisa lexicográfica explica tais agrupamentos.

A pesquisa em dicionários de língua portuguesa visa a conhecer, dentre as lexias encontradas na amostra de dados, aquelas registradas para a brincadeira que compõem a área semântica do QSL, instrumento deste trabalho. *Cambalhota* está registrada nas três obras utilizadas na pesquisa e, nesta seção, especificamente, os respectivos significados e os das demais variantes serão apresentados na seguinte ordem: Aulete (2012), Ferreira (2010) e Houaiss (2009).

De acordo com o conceito exposto em Aulete (2012, p. 145), *cambalhota* é designado como “movimento em que se gira o corpo sobre a própria cabeça, apoiando ou não as mãos no chão ou em qualquer superfície sólida”, não fazendo referência a “cair sentado”, descrito na QSL 155 – o que também não acontece nas demais obras consultadas. O autor registra *cambota* e *cabriola* como outras acepções possíveis e, dentre estas, *cambota* está presente nos dados da Bahia e é remissiva a *cambalhota*.

Ferreira (2010, p. 398) trata do mesmo movimento em que se gira o corpo sobre a cabeça e acrescenta “voltando à posição normal”, cita ainda acepções como *cabriola* e *catrâmbias*, porém não faz referência à *cambota*. Essas lexias não aparecem na pesquisa. *Bagaço*, *cabriola* e *cambota*, por sua vez, são acepções apresentadas por Houaiss (2009, p. 375) para o “movimento ou exercício em que se faz o corpo girar para a frente ou para trás, com ou sem apoio em qualquer superfície, realizando uma revolução em que os pés passam por cima da cabeça e voltam a tocar o chão”. Entre as acepções apresentadas em Houaiss (2009), *bagaço* também não apareceu na fala dos informantes. Em seu sentido, Houaiss (2009) refere-se a pés que “voltam a tocar o chão”, dando a ideia de que se cai em pé e não sentado, o que leva a questionar-se se o movimento sem o apoio de uma superfície não seria aquele conhecido como *pulo mortal*.

Dada a organização dos agrupamentos, realizou-se, na sequência, a análise estatística, amparada na análise linguística empreendida. *Cambalhota* é um item lexical que apresenta apenas 4,35% de produtividade da Bahia e 10% em Pernambuco e, na distribuição geral da pesquisa, atinge 5,55%. Não sendo, assim, a lexia mais produtiva, conforme os dados revelados pelas Tabelas 6 e 7.

Tabela 6 – Distribuição do item lexical *cambalhota* por produtividade na Bahia

Número da questão: 155

Questão Cambalhota

Variantes	Número de ocorrências	%
BA - Bahia		
combona	6	26.09%
cambota	6	26.09%
cumbunda	3	13.04%
mortal	2	8.70%
ginástica	2	8.70%
cambalhota	1	4.35%
pastelão quente	1	4.35%
bruço	1	4.35%
cambona	1	4.35%
	23	
NS	1	100.00%
PT	0	0.00%
	1	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Através da leitura dos dados estatísticos, observa-se que, na Bahia, o número de lexias para nomear *cambalhota* é mais expressivo que em Pernambuco e que os sujeitos do trabalho

acadêmico, colaboradores da pesquisa, para nomear a brincadeira, fizeram uso das variantes, associando-as a outras lexias, formando lexias compostas (*maria ...*, *pulo mortal*, *pastelão quente*, *virar de bruços*, *pula-pula*).

Tabela 7 – Distribuição do item lexical *cambalhota* por produtividade em Pernambuco

Numero da questão: 155

Questão Cambalhota

Variantes	Número de ocorrências	%
PE - Pernambuco		
cumbunda	3	30.00%
mortal	2	20.00%
estrelinha	1	10.00%
pula-pula	1	10.00%
capoeira	1	10.00%
cumbuca	1	10.00%
cambalhota	1	10.00%
	10	
NS	2	100.00%
PT	0	0.00%
	2	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

As respostas válidas, nos dois estados, atingem um valor absoluto de 33 (apenas três informantes não responderam à questão), totalizando, assim, o valor de 91,66% das respostas, o que significa ser esta brincadeira bem conhecida no cotidiano das crianças, conforme ratificado pelos dados da Tabela 8.

Tabela 8 – Respostas obtidas *versus* não obtidas no *corpus* total de *cambalhota*

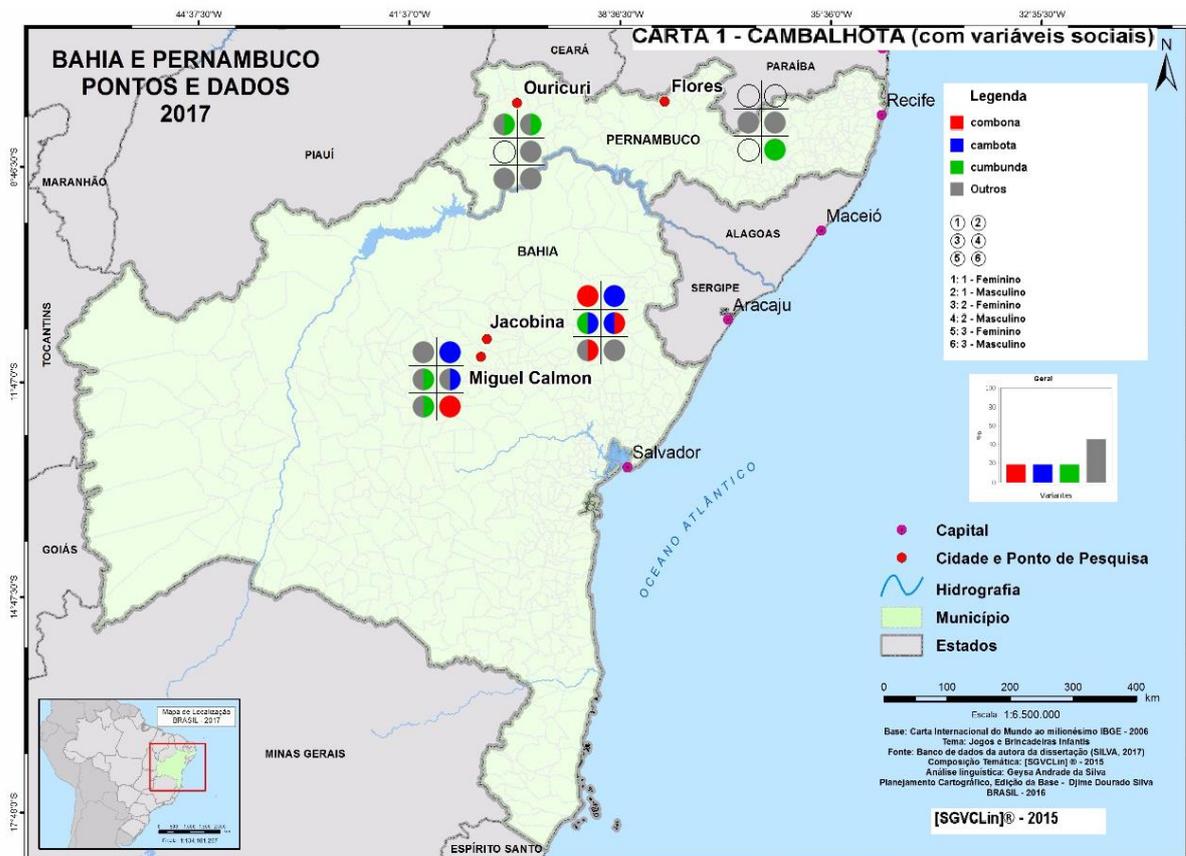
RESPOSTAS	TOTAL ABSOLUTO	TOTAL RELATIVO
Não obtidas	3	8,33 %
Obtidas	33	91,66 %
Total	36	100 %

Fonte: Elaborado pela autora

Considerando as variantes sexo e faixa etária, controladas nesta pesquisa, na Figura 8, pode-se observar que a variante *cumbunda* (destacada em verde), em Pernambuco, está presente em ambos os sexos, embora mais produtiva no masculino, e é usada pelos

informantes da faixa 1 e 3; enquanto a lexia *combona* (em vermelho) aparece mais em Jacobina, na Bahia, nas três faixas etárias e também em ambos os sexos; já *cambota* (em azul) prevalece nas faixas 1 e 2 e, embora uma informante do sexo feminino, da faixa 2, em Miguel Calmon, faça uso da mesma, é uma lexia produzida, em sua maioria, por homens.

Figura 8 – CARTA 1 – CAMBALHOTA



Fonte: Elaborado pela autora a partir do SGVCLin

Apesar de, em alguns casos, os informantes usarem a lexia opostas, como em *estrelinha* e *pulo mortal* que, na verdade, referem-se a outro movimento acrobático, apareceram 18 variantes para denominar o movimento em questão; a partir das quais organizaram-se agrupamentos lexicais. Assim, com base na pesquisa lexicográfica, observou-se que:

- (i) *cambota* é um verbete dicionarizado, remissivo a *cambalhota*, em Aulete (2012), Ferreira (2010) e Houaiss (2009), que se tornou o elemento aglutinador de *maria cambota*, *má cambota* e *maria combota*. Considerou-se *combota* uma variação fônica, não dicionarizada;
- (ii) *maria* é um verbete com outras acepções, entre as quais se destaca determinação de pessoa comum indeterminada, mas não associada à *cambota*;

- (iii) Ferreira (2010, p. 400) trata *cambona* como “viravolta, reviravolta, cambalhota”; no entanto, tal verbete não consta no Aulete (2012) e Houaiss (2009) traz outra acepção;
- (iv) segundo Ferreira (2010, p. 535) e Houaiss (2009, p. 498), *combona* é uma “caniçada/caneiro para pegar peixe na praia”; não consta no Aulete (2012);
- (v) *cumbunda* e *combona* não são dicionarizadas. Ressalta-se, todavia, que *bunda canastra* é uma variante que aparece no Atlas Linguístico de Pernambuco, de Edmilson José de Sá (2013). *Canastra* equivale, entre outras acepções, a “costas”, podendo ser uma interpretação para *cambalhota* como afirma Ribeiro (2012, p. 168), que também documentou a lexia, “o movimento acrobático da cambalhota poderia ser interpretado como ‘virar as costas = virar canastra ou de costas/de canastra’?”. Em *cumbunda*, tem-se, possivelmente, um uso sinônimo e, assim, elegeram o elemento aglutinador; *combona* seria uma variação fônica;
- (vi) *cumbuca* constitui um verbete, mas com outras acepções, a saber, espécie de vaso feito de cabaça. Entretanto, pode-se ter aqui um tabu linguístico: “cumbuca” omitindo “cumbunda” do *bunda canastra* pernambucano, que é um verbete com interpretação sinônima possível a *cambalhota*;
- (vii) *pulo mortal* foi consultado como uma expressão de lexias simples: pulo – “Ação ou resultado de pular, impulsionar o próprio corpo com as pernas, projetando-o a certa altura ou a certa distância” (AULETE, 2012, p. 719); “qualquer golpe de capoeira” (FERREIRA, 2010, p. 1737); “ação de pular, luta de capoeira” (HOUAISS, 2009, p. 1576); e mortal – que está sujeito à morte. Junto não é um verbete, mas equivale a um movimento acrobático. *Mortalho* é uma lexia não dicionarizada e foi considerada variante fônica; ao mesmo tempo que mortal, o elemento aglutinador;
- (viii) *pula-pula* é um verbete que não remete a *cambalhota*, mas a outro brinquedo para crianças, no qual se apoia os pés numa plataforma sustentada por molas e borrachas;
- (ix) *pastelão-quente*, assim como *pulo mortal*, foi consultado como lexias simples: pastelão (pastel grande; indivíduo mole) e quente (que conduz calor). Na Bahia, existe uma brincadeira conhecida como pastelão-quente (variação de pula sela; estrela-novo-toco) em que um participante fica curvado e os demais pulam sobre ele, tendo que realizar ações específicas: variações de salto, conforme a ordem, vão sendo dadas pelo primeiro que pula, como bater o pé na bunda, deixar o corpo tocar levemente as costas, cravar as unhas nas costas. Quando já tiverem pulado, o

primeiro passa a assumir a posição do indivíduo mole, mas se alguém errar na ação, assume, de imediato, a posição;

- (x) *virar de bruço*, consultada como lexias simples: virar (ação de colocar-se em posição diversa da anterior) e bruço (posição deitada em que a barriga fica de encontro ao chão). Embora seja um movimento de girar o corpo, não há associação com a *cambalhota*;
- (xi) *ginástica*, segundo Ferreira (2010, p. 1031) é a “arte ou ato de exercitar o corpo para fortificá-lo e dar-lhe agilidade”. Houaiss (2009) e Aulete (2012) trazem acepções semelhantes. A *cambalhota*, enquanto movimento do corpo, que exige impulso das pernas, é um tipo de exercício da ginástica, embora os verbetes não indiquem qualquer sinonímia;
- (xii) *estrelinha*, embora não lexicografada como movimento corporal nos dicionários pesquisados, é uma habilidade básica na ginástica, podendo ser lateral ou frontal, que fortalece o tronco e ajuda a chegar a movimentos mais elaborados, muito comum no jogo de capoeira. Talvez venha dessa acepção, a interpretação associativa com a *cambalhota*;
- (xiii) *capoeira* é um verbo presente nas três obras consultadas como “Jogo atlético criado por escravos, [...]executam golpes com as pernas” (AULETE, 2012, p.152); “jogo acrobático constituído por movimentos” (FERREIRA, 2010, p. 421); e “arte marcial de ataque e defesa introduzida no Brasil por escravos bantos; atualmente praticada como jogo e esporte” (HOUAISS, 2009, p. 396), em nenhuma delas, no entanto, há referência à *cambalhota*.

Em suma, nenhuma das acepções apresentadas contempla o que se busca na questão 155 do QSL; em particular, a ação de “cair sentado” não foi considerada um diferencial do movimento. Também, as denominações como *ginástica*, *mortal*, *capoeira*, *estrelinha* revelam um movimento de corpo, mas sem as especificidades da *cambalhota*. *Pula-pula*, *pastelão-quente* e *virar de bruços* referem-se a outras ações e brincadeiras infantis, todavia sem sinonímia registrada nas obras lexicográficas consultadas, com aquela procurada por meio do QSL 155.

As respostas mais comuns, objeto da pergunta 155 do QSL, foi *cambota* (que agrupa *maria cambota*, *maria combota* e *má cambota*), *combona* (*maria combona*) e *cumbunda* (que agrupa *maria cumbunda* e *maria combonda*), todas as três variantes com 18,18% de produtividade cada. Juntas, tais denominações definiram as generalizações que são feitas

sobre a brincadeira, com uma frequência em número de ocorrências de 54,54% das respostas válidas, 18 das 33 ocorrências. Como verificado na Tabela 9, tais lexias ocorreram de maneira diferenciada na Bahia e em Pernambuco, conforme a sequência apresentada.

Tabela 9 – Distribuição do item lexical *cambalhota* por produtividade na Bahia e em Pernambuco

Número da questão: 155

Questão Cambalhota

Variantes	Número de ocorrências	%
cambota	6	18.18%
combona	6	18.18%
cumbunda	6	18.18%
mortal	4	12.12%
ginástica	2	6.06%
cambalhota	2	6.06%
cumbuca	1	3.03%
cambona	1	3.03%
estrelinha	1	3.03%
pastelão quente	1	3.03%
pula-pula	1	3.03%
capoeira	1	3.03%
bruço	1	3.03%

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

33

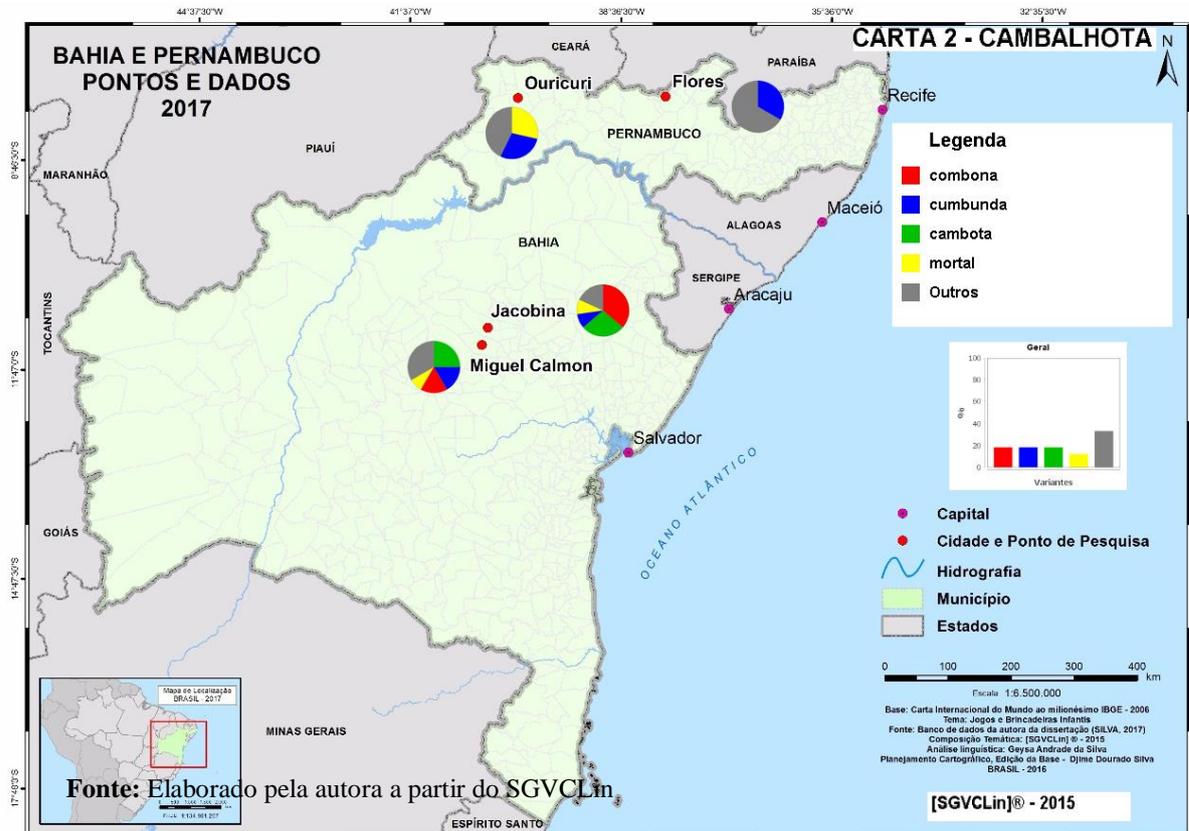
Os dados apresentados são validados pela Figura 9, na qual as cores azul e verde, representantes de *cambota* e *combona*, são igualmente produtivas na Bahia com 18,18%, mesmo valor apresentado pela cor vermelha, *cumbunda*, lexia mais produtiva em Pernambuco, mas que também aparece nos dois pontos baianos. Aparece também, na referida Carta, a lexia *mortal* (amarelo) que é a segunda mais produtiva em percentual, com 12,12%, presente nos dois estados.

Pode-se ainda observar, através da Carta 2 e da Tabela 6 e 7 – respectivamente páginas 98 e 99 –, que os municípios baianos possuem maior variação lexical como resposta à questão 155 do QSL. Miguel Calmon é o ponto com maior produtividade, nele, ocorreram 10 lexias distintas – do total de 18 encontradas na pesquisa – coexistem na mesma comunidade, seguido de Jacobina, também na Bahia, na qual foram registradas oito dessas diferentes lexias. No estado de Pernambuco, a cidade de Ouricuri, apresentou seis destas, enquanto que, em Flores foram encontradas três lexias distintas.

A Carta 2 – Figura 9 – traz as quatro lexias mais produtivas (*cambota*, *combona*, *combunda*, *mortal*), sendo as demais, utilizadas pelos informantes, adicionadas a “outros”.

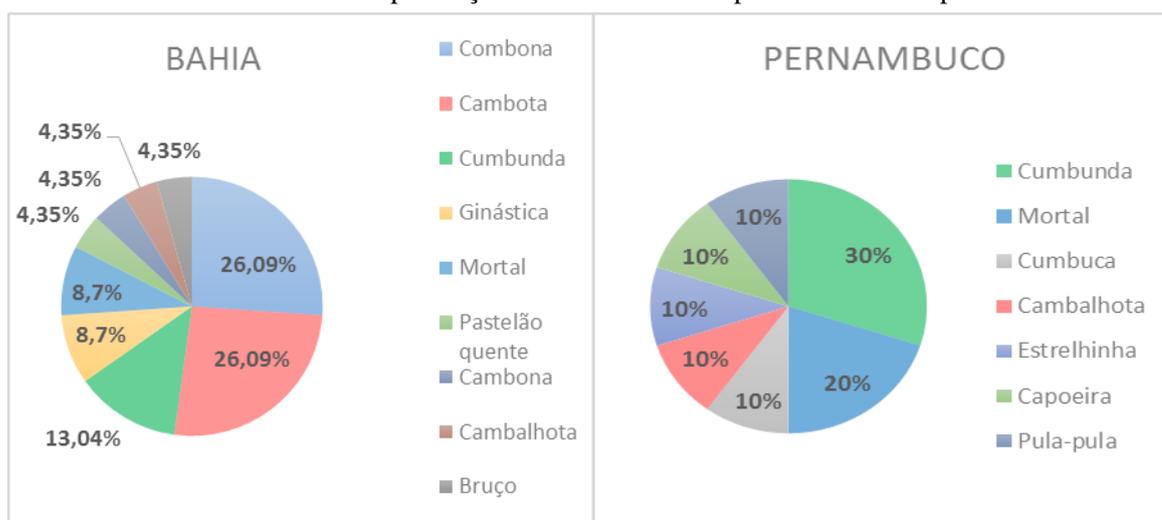
Ainda assim, visualmente, é de fácil percepção que o estado baiano é mais produtivo que Pernambuco em relação à referida questão (*cambalhota*).

Figura 9 – CARTA 2 – CAMBALHOTA



A carta permite perceber que na Bahia as lexias recorrentes são: *combona* e *cambota* e, em Pernambuco, de modo diferente, ocorre *cumbunda*. Visto também, do ângulo do Gráfico 2, confirma-se que a lexia *cambalhota* não esteve entre as de produtividade significativa.

Das nove lexias que aparecem na Bahia, as duas mais produtivas – *combona* e *cambota* – juntas somam 52,18%. Já em Pernambuco, *cumbunda* e *mortal*, representam juntas 50% da produtividade.

Gráfico 2– Percentual da presença das formas lexicais para *cambalhota* por estado

Fonte: Elaborado pela autora

Os apêndices C e D – documentam a distribuição da lexia *cambalhota* nas formas de ocorrência, lexia original, com indicação do informante.

Em comparação ao documentado por Ribeiro (2012, p. 181), na área do “Falar Baiano” (NASCENTES, 1953) e regiões circunvizinhas, verifica-se que “cambalhota” é a lexia mais produtiva, atingindo o percentual de 38,5%, na pesquisa da autora; enquanto que, nesta pesquisa, tal lexia concretiza apenas 6,06% da frequência total, quinto lugar no ranking, ao lado de “ginástica”. Ao mesmo tempo que a lexia “cambota” – 18,18% – é a mais expressiva (igualmente a *combona*, *cumbunda*) nesta pesquisa com a comunidade cigana, em Ribeiro (2012), alcançou 19,3%, o que lhe rendeu a colocação de segunda lexia mais produtiva. Tal comparação assegura que, apesar de haver lexias que são exclusivas de uma ou de outra pesquisa, aquelas mais produtivas em Ribeiro (2012) repetem-se neste trabalho específico com informantes da etnia cigana, ainda que com o percentual diferenciado.

Sá (2013, p. 325) registrou através da Carta 38, no Estado de Pernambuco, *bunda canastra*, *cambalhota*, *pulo mortal* – dados coletados em Ouricuri também na pesquisa – além de *ginástica* e *pulo de costa*. A lexia *capoeira* que ocorreu em menor produtividade na pesquisa do autor, apareceu, neste estudo, com 10% de produtividade.

Em 100% das localidades pesquisadas ocorreram lexias como respostas à pergunta em questão, vários dados denotam ser a brincadeira muito conhecida nas regiões estudadas, a saber:

- 91,66% dos informantes apresentaram respostas válidas (33 ocorrências);

- Em Pernambuco, 100% dos homens responderam à questão e, na Bahia, 100% das mulheres;
- No geral, das mulheres participantes, 88,88% atribuíram uma lexia para tal pergunta e 94,44% dos homens;
- As faixas etárias tiveram aproveitamento de 91,66%, igualmente.
- Ainda diante dos dados, *cumbunda* é a lexia de maior amplitude geográfica, pois abrange os quatro municípios dos dois estados.
- No município de Miguel Calmon – BA, verifica-se a maior variação lexical para o QSL 155, apresentando 8 lexias (já agrupadas), convivendo na mesma localidade, o que equivale a 61,53% do total.

5.2 BOLA DE GUDE

A *gude* é uma bola que pode ser de vidro maciço (o mais comum ultimamente), pedra ou metal (adaptada), já foram usados para confeccioná-la madeira, mármore, argila e cerâmica. Podendo apresentar características translúcida, manchada ou intensamente colorida e é usada em jogos infantis; apesar de geralmente pequena, tem tamanhos variados.

Relatos e registros históricos, culturais e arqueológicos indicam que jogos com bolas de gude é um hábito muito antigo, mas sua origem exata não é clara. As primeiras observações datam do ano 3.000 a.C., quando bolinhas foram encontradas em túmulos egípcios dessa época, segundo o pesquisador Roberto Azoubel. Na Ilha de Creta (Grécia) há 2.000 a.C., encontravam-se bolinhas de gude feitas de materiais diversos. No Império Romano, o registro também é conhecido como brincadeira entre adultos, segundo o historiador Câmara Cascudo (1954), autor do livro *Dicionário do Folclore Brasileiro*, que destaca que brincadeiras com nozes, tornaram-se símbolo da infância.

A brincadeira chegou ao Brasil trazida pelos colonizadores portugueses com a bola de vidro. A origem do nome *gude* vem de *gode*, do provençal, que significa "*pedrinha redonda e lisa*".

Figura 10 – Mãos jogando *gude*.



Fonte: Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/empreendedorismo/noticias/redacao/2014/10/10/fabricas-de-bolinha-de-gude-e-piao-sobrevivem-e-faturam-r-90-mil-por-mes.htm>>. Acesso em: 01 jan. 2017.

Uma das formas de jogar consiste em um círculo desenhado no chão (aqui pode ser chão de pedra ou cimento, desenhado com giz), em que os jogadores devem colocar suas

bolinhas, realizar o sorteio de quem começa a brincadeira e, seguindo essa ordem, pegar sua bolinha e com um impulso do polegar, acertar as bolinhas dos adversários; se conseguirem retirá-las do círculo, elas se tornam suas. Os jogadores seguintes devem tentar o mesmo acerto. Vence aquele que ficar com mais bolinhas de seus companheiros. Em outras modalidades, faz-se uma cova ou buraco no chão, bem comum nas brincadeiras onde se tem chão de terra. Têm-se ainda o *bolinha de gude* em triângulo conforme descrito no Anexo 01.

Os objetivos não mudam muito, apesar de haver diversas formas de jogar: impulsionando o polegar, atira-se uma bolinha tentando acertar as bolinhas dos adversários que estejam no círculo, no triângulo, tomando-as para si ou ainda, atingindo um alvo marcado previamente, como o buraco.

O Quadro 8 apresenta quais lexias apareceram em primeira resposta na pesquisa e a localidade em que foram usadas. Através da análise dos dados, pode-se relatar que nenhuma lexia foi comum aos quatro municípios da pesquisa: as lexias *gude/grude* estiveram presentes na Bahia, ao passo que *bila* foi categórica em Pernambuco. Apenas na Bahia, um informante não respondeu à questão, a saber, uma informante do sexo feminino, 3ª faixa etária e com alfabetização como grau de escolaridade. No total, obtiveram-se apenas duas lexias diferentes para nomear o conceito apresentado na pesquisa – *bila*, *bolinha de gude*, *grude*, *gude* –, o que representa uma variação restrita em relação à lexia “cambalhota”, já analisada.

Quadro 8: Distribuição da lexia *bola de gude* por localidade

LEXIAS	BAHIA		PERNAMBUCO	
	Miguel Calmon	Jacobina	Flores	Ouricuri
1. Bila			X	X
2. Bolinha de gude		X		
3. Gude	X	X		
4. Grude	X	X		
5. Não sei		X		

Fonte: Elaborado pela autora

Como segunda resposta, apareceram, na Bahia, a lexia *bolinha de gude* – sem a inserção da consoante *r*, o que denota uma possibilidade para variação específica em *grude*, verificada quando a lexia é usada desacompanhada de bolinha – já que a primeira realização do mesmo informante foi a lexia *grude* (de um informante do sexo masculino, faixa etária 2, com o ensino Fundamental I incompleto); e, em Flores -Pernambuco, foi documentada a lexia *ximbra* como segunda resposta, num informante do sexo masculino, faixa etária 3, analfabeto.

Ximbra está registrada no Houaiss (2009) como um regionalismo de Alagoas e documentada por Ribeiro (2012) nos pontos de pesquisa neste estado, representando 5,4% das lexias encontradas na sua pesquisa.

A aplicação da questão 156 – QSL, nos grupos ciganos, forneceu respostas e, a partir destes dados, pode-se analisar a variação linguística sob o ponto de vista léxico-semântico e diatópico; no entanto, eles não oferecem possibilidades significativas para estudos da variação diastrática, diageracional e diassexual, uma vez que o resultado foi categórico por estado após o agrupamento realizado: *gude* para Bahia e *bila* para Pernambuco. As lexias documentadas na amostra são definidoras das nomeações feitas sobre o brinquedo e foram agrupadas no Quadro 9, conforme critérios adotados em Ribeiro (2012), como a variação fônica e a derivação (diminutivo), já detalhados na metodologia e na seção anterior.

Quadro 9 – Formas lexicais de *bola de gude*: agrupamentos

AGRUPAMENTOS LEXICAIS (RÓTULO)	ITENS LEXICAIS AGRUPADOS
Gude	Gude, grude, bolinha de gude
Bila	Bila

Fonte: Elaborado pela autora

Os itens lexicais agrupados em *gude* ocorreram todos no mesmo espaço geográfico. No caso de *bolinha de* (8,33%), optou-se pela redução da lexia composta no sintagma nominal – SN = N + SP (prep. + N) – o núcleo do sintagma preposicionado passou a ser o “rótulo” porque tem a carga semântica mais significativa para o contexto. Este núcleo tornou-se o elemento aglutinador, uma vez que também ocorreu isoladamente, mostrando, assim, que carrega o mesmo significado. De *bola* para *bolinha* tem-se uma derivação; na pesquisa lexicográfica em uma das acepções de *bolinha*, Houaiss (2009) apresenta-a como “mesmo que *bola de gude*” e indica ser um regionalismo do Brasil. Os demais dicionários consultados não fazem referência ao termo.

As lexias *gude*, *grude*, *bolinha de gude* passam a ter o mesmo elemento aglutinador “gude” por ser essa a forma dicionarizada da lexia, também porque em *grude* o que se tem é uma variação fônica de *gude*, dada a inserção de um som na sílaba, transformando a sílaba simples em complexa, o que, por sinal, é um desvio do que seria comum – podendo aqui, ser fruto de um traço cultural da comunidade verificados os 45,83% de produtividade, o que representa 11 dos 24 informantes baianos. Observando ainda o caso de *grude*, cinco informantes a utilizá-la são do sexo masculino e seis do feminino, o que não revela nenhuma

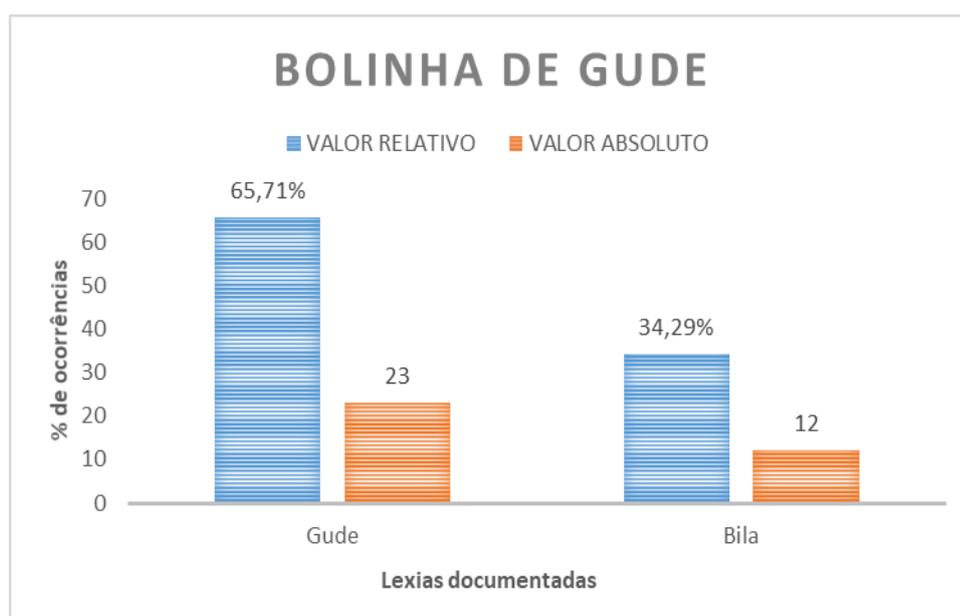
hipótese dada à variável sexo; no entanto, ao observar a escolaridade, depara-se com 90,90% de informantes analfabetos, alfabetizados e com estudos interrompidos no Ensino Fundamental I, revelando como uma possível proposição de associação à baixa escolaridade. Feito o agrupamento, *gude* passa a representar 100% das respostas válidas em território baiano.

No caso de *bila*, não houve qualquer variação fônica e o agrupamento recebeu a nomenclatura da própria lexia.

Ribeiro (2012) encontra 65,3% de *gude* – resposta mais frequente à pergunta 156 do QSL – e 4,1% de *bila* em sua pesquisa. Registra também a variação *grude* em Diamantina – MG e *bolinha de grude* em Jeremoabo – BA.

Dos 36 informantes, 35 respostas foram obtidas no questionamento, apenas 1 declarou não saber como denominar o brinquedo, como já mencionado. Quando agrupadas as lexias, reduziram-se a duas variantes: *gude* e *bila*, conforme Gráfico 3, no qual estão apresentadas as respostas após agrupamento. Os apêndices E e F documentam a distribuição da lexia *gude* nas formas de ocorrência, lexia original, com indicação do informante.

Gráfico 3 – *Bola de gude*: produtividade por lexia



Fonte: Elaborado pela autora

A forma *gude* está registrada como verbete nos três dicionários pesquisados e a pesquisa lexicográfica que segue reforça a explicação do agrupamento realizado. *Gude* está descrita em Houaiss (2009, p. 999) como “jogo infantil com bolinhas de vidro que, num

percurso de ida e volta, devem entrar em três buracos dispostos em linha reta, saindo vencedora a criança que chegar primeiro ao buraco inicial”, “qualquer outro jogo infantil com bolinhas de vidro”, ou **a própria bolinha usada nesse jogo** (grifo nosso). Traz também outras 11 variantes para o verbete: *belindre, berlinde, biloca, bilosca, birosca, bolita, búruca, búrica, peteca, piroasca, ximbra*.

Em Ferreira (2010, p. 1064), encontra-se uma descrição semelhante ao Houaiss “1. Pedrinha redonda e lisa. 2. Jogo infantil em que se procura fazer entrar em três buracos bolinhas de vidro, ou os carocinhos pretos do fruto do saboeiro, ganhando o jogador que chegar primeiramente de volta ao primeiro buraco.” Apresenta como variantes *balela, bilosca, birosca, bolita, búraca, búrica, cabiçulinha, firo, peteca, piroasca, ximbra, berlinde e bute*. Nesta acepção, todavia, há um desprezo a outras formas de jogar gude.

Ao realizar a pesquisa no dicionário Aulete (2012, p. 454), apreendeu-se que a lexia *gude* está dicionarizada, apresentando a definição: “jogo infantil que consiste em entrechocar bolinhas de vidro e encaixá-las em pequenos buracos ger. cavados na terra”. Aulete (2012) apresenta também 15 variações para esse termo, diferentes das expostas pelo Houaiss, como por exemplo, *baleba, bute, cabiçulinha, firo*. Despreza-se, aqui também, outras formas de brincar com gude, oferecendo uma forma mais genérica de descrever o jogo e o brinquedo.

A lexia *bila* não se encontra dicionarizada nem no Houaiss (2009) e nem no Aulete (2012), apesar de ter sido encontrada categoricamente na amostra do espaço pernambucano. Ao lançar o olhar na remissão das obras consultadas também não foi encontrado o termo dentre os apresentados. No entanto, Ferreira (2010, p. 314) cita-a como remissiva a *gude*.

Ao pesquisar sobre as lexias encontradas na amostra para se referir ao jogo/brinquedo questionado, reafirma-se que:

- (i) *Bolinha de gude* não é um verbete. Ao transformar a lexia em simples, verificou-se que o termo “bolinha” faz alusão a *bola de gude*, como também a *gude*, referindo-se ao brinquedo citado anteriormente.
- (ii) *Bila* não está dicionarizada;
- (iii) A lexia *grude* é um verbete, no entanto a sua descrição não faz alusão à brincadeira ou ao brinquedo referido na questão 155 do QSL e sim, a uma espécie de cola utilizada para unir peças de materiais diversos;
- (iv) *Gude* está dicionarizada e revela tanto o brinquedo como as modalidades de brincadeiras com a gude.

Realizados os agrupamentos com base na lexicografia, é apresentada e comentada a análise estatística: *gude* é um item lexical que representa 100% da produtividade na Bahia e *bila* 100%, em Pernambuco. Na distribuição geral da pesquisa, o índice de ocorrência de *gude* atinge 63,88%, já *bila* representa 33,33% e a resposta “NS” representa 2,77%. *Gude* e *bila*, no entanto, representam 100% das respostas válidas, conforme mostram as Tabela 10 e 11.

Tabela 10 – Distribuição do item lexical *bola de gude* por produtividade na Bahia

Número da questão: 156

Questão Bolinha de gude

Variantes	Número de ocorrências	%
BA - Bahia		
Gude	23	100.00%
	23	
NS	1	100.00%
PT	0	0.00%
	1	

NS: 1/23

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Tabela 11 – Distribuição do item lexical *bola de gude* por produtividade em Pernambuco

Número da questão: 156

Questão Bolinha de gude

Variantes	Número de ocorrências	%
PE - Pernambuco		
Bila	12	100.00%
	12	
NS	0	
PT	0	
	0	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

A Tabela 12, a seguir, reúne os percentuais indicados nas respostas obtidas para os dois estados, por produtividade da variação lexical, revela a ocorrência da lexia *gude* que apresenta 65,71%, dados da Bahia, onde se encontra o dobro de informantes de Pernambuco. Do total resta 34,29% de produtividade à lexia *bila*.

Tabela 12 – Distribuição do item lexical *bola de gude* por produtividade na Bahia e em Pernambuco

Número da questão: 156

Questão Bolinha de gude

Variantes	Número de ocorrências	%
Gude	23	65.71%
Bila	12	34.29%
	35	

NS: 1. NS: 1/23

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Nos dois estados, as respostas válidas abrangem um valor absoluto de 35, apenas 01 informante não respondeu à questão. Assim, tem-se um total de 97,22% das respostas, demonstrando ser uma brincadeira do cotidiano das crianças bem conhecida na área geográfica (BA e PE) e nas comunidades pesquisadas, conforme revela Tabela 13.

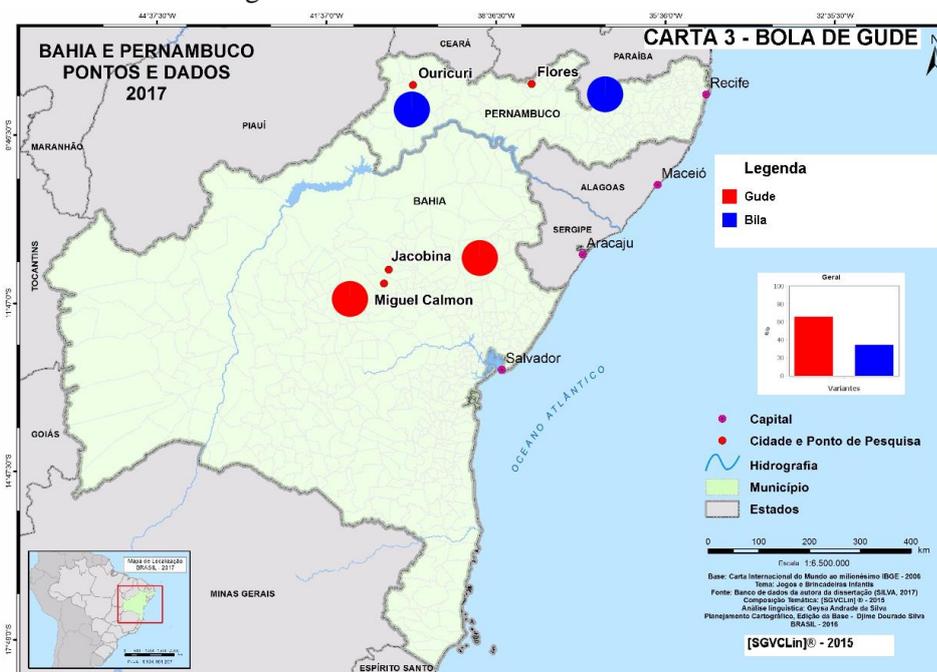
Tabela 13 - Respostas obtidas *versus* não obtidas no *corpus* total de *bola de gude*

RESPOSTAS	TOTAL ABSOLUTO	TOTAL RELATIVO
Não obtidas	1	2,77 %
Obtidas	35	97,22 %
Total	36	100 %

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados expostos podem ser ratificados por meio da Figura 11, na qual a cor vermelha representa *gude*, produtiva na Bahia, e a cor azul representa a lexia *bila*, categórica em Pernambuco. Mais uma vez, o fato de se ter um resultado terminante não permite muita discussão. É mister ressaltar que gráficos, tabelas e cartas, desta pesquisa, centram-se na primeira resposta do informante.

Figura 11 – CARTA 3 – BOLA DE GUDE



Fonte: Elaborado pela autora a partir do SGVCLin

A pergunta disposta como a 156 do QSL do ALiB: “Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ..., 2001, p.34) faz uma referência direta ao brinquedo e não ao jogo, embora as obras lexicográficas pesquisadas abordem a acepção como o jogo, salvo o Houaiss (2009). A questão não apresentou problema

de compreensão, contudo, afirmar que “os meninos gostam de brincar” exclui naturalmente o gosto das meninas pela brincadeira, o que não é uma verdade e comprova-se quando se encontra a brincadeira em execução. Vencer essa concepção machista de olhar o brinquedo seria uma boa reformulação da questão, talvez o mais adequado seria trocar o termo “os meninos” por “as crianças”.

Sem diversidade e em consonância com os dados obtidos, o Gráfico 4 revela o teor categórico das respostas dos informantes pesquisados.

Em comparação com a pesquisa de Ribeiro (2012), a qual encontrou 65,3% de ocorrência para lexia *gude*, a mais produtiva na área do “Falar Baiano”, e 4,1% de *bila*, incluindo nos estados de Pernambuco e Piauí, e cidades baianas (Juazeiro e Barreiras); na pesquisa, Ribeiro (2012) depara-se com lexias bem produtivas para o brinquedo, precisamente, 41 formas lexicais diferentes (sem agrupamento).

Sá (2013, p. 327) encontra também, nos pontos pernambucanos, associados aos desta pesquisa, categoricamente a lexia *bila*, embora tenha encontrado outras formas, como *bola de gude*, *bola de vidro*, *bolita*, *ximbra* na área geográfica, sobre o qual debruçou seu estudo, o que revela na Carta 39 – Bolinha de Gude – da sua tese.

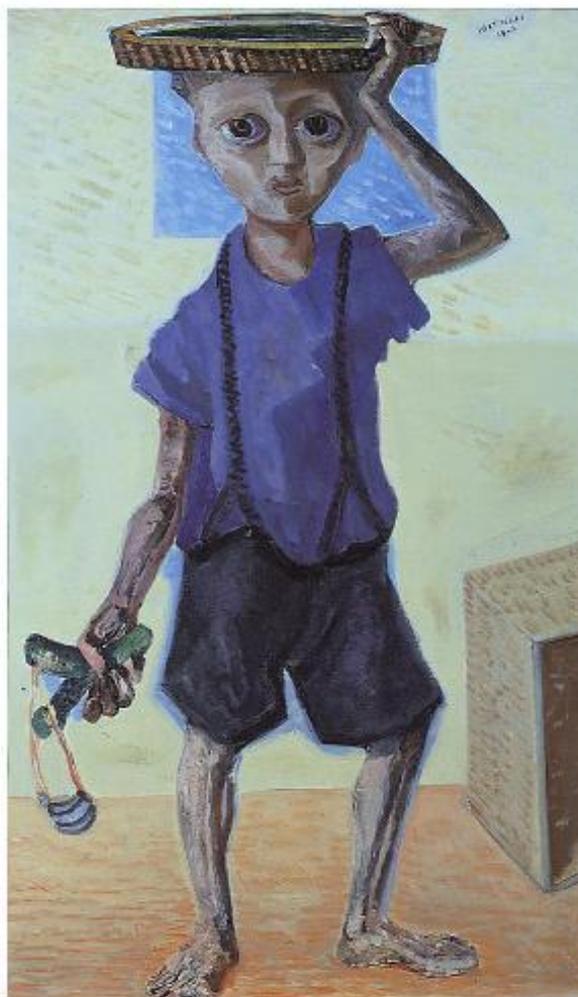
Os dados desta pesquisa, em comunidades ciganas, revelam, entre tantas coisas, que:

- 100% das localidades pesquisadas tiveram ocorrência de lexias para o brinquedo;
- 97,22% dos informantes apresentaram respostas válidas (35 ocorrências);
- Em Pernambuco, 100% de homens e mulheres responderam à questão e, na Bahia, 100% dos homens;
- Apenas uma mulher, da faixa etária 3, alfabetizada, não atribuiu uma lexia para tal pergunta; conseqüentemente, a faixa etária 3 teve aproveitamento de 83,33%.
- *Gude* e *bila* possuem amplitude geográfica semelhante nos estados em que ocorreram.

5.3 ESTILINGUE

O objeto que virou brinquedo nas mãos das crianças, mas foi, originalmente, produzido para matar passarinhos, usado para o lançamento de pedras ou outros pequenos projéteis, impulsionado por uma força mecânica manual, vinda das mãos, com auxílio de elásticos. A sua construção artesanal mais clássica vem de um galho de árvore forquilhado em forma de Y (muito comum usarem a goiabeira ou a jabuticabeira porque têm galhos perfeitos em Y, os quais terão a parte de baixo usada como cabo), munido de tiras elásticas presas nas extremidades simétricas e com um pedaço de couro ao centro de onde será lançado o projétil. Essas tiras elásticas eram, frequentemente, de material comum, uma borracha de câmaras de ar, cortada em tira. Com o avançar dos anos, o estilingue passou a ser construído com outros materiais, como barra de ferro e mangueira de látex, entre outros.

Figura 12 – Menino com Estilingue, Cândido Portinari, 1947, óleo sobre tela de tecido 100X60 cm.



Fonte: Disponível em: <<https://www.muralzinhodeideias.com.br/brinquedos-e-brincadeiras-por-candido-portinari/>>. Acesso em: 1 jan. 2016.

De brinquedo desprezioso, passou a ser usado em manifestações para agredir os opositores, como arma primitiva, uma vez que se tornou letal a distâncias de até uns 18 a 20 metros. Em razão da conscientização política e social, dos novos fatos e usos do saudoso estilingue, inocente e ostentado pelas crianças com muita naturalidade, vão se amoldando às novas regras e, com elas, o antigo brinquedo passa a receber uma carga avaliativa diferente. Chegando a ser proibido em alguns países, sendo tratado pelos mais antigos como doces lembranças de uma época em que ninguém policiava seu porte.

Da sua história, no entanto, fica a certeza de que ele não remonta a épocas anteriores à invenção da borracha. O termo estilingue tem origem no inglês *sling*, de *slingshot* que significa "funda", "atiradeira". Inclusive são outras variantes para o brinquedo.

Na pergunta 157 do QSL, “Como se chama o brinquedo feito de forquilha e duas tiras de borracha e que os meninos usam para matar passarinho?” (COMITÊ... 2001, p. 34), obteve-se 36 ocorrências, das quais, 100% são respostas válidas. Homens/mulheres, jovens/adultos/idosos, independente do grau de escolaridade, todos responderam à questão e, portanto, obtiveram-se respostas em 100% das localidades pesquisadas, atestando também o quanto o brinquedo é conhecido nessas comunidades.

Badogue, *badoque*, *bagode*, *baladeira* e *peteca* foram as lexias encontradas na amostra. Como segunda resposta que não foi estimulada pela inquiridora, chega-se a três ocorrências, todas *estilingue*, na região geográfica pernambucana. Assim, como a lexia *gude*, a proposição da pergunta não apresentou qualquer problema de compreensão por parte dos informantes; contudo, mais uma vez, acredita-se ser prudente a substituição do termo “meninos” por “crianças”, há uma ampla discussão de gênero que dá suporte a essa terminologia.

A apresentação das lexias constatadas na pesquisa por cidade e estado é feita a partir do Quadro 10. Nenhuma das cinco lexias encontradas foi comum a todos os pontos. Por meio dele, pode-se salientar também que *badogue*, *badoque* e *bagode* são comuns nas cidades baianas – distantes umas das outras por apenas 37,8 Km – ao passo que, no território pernambucano, distante 251 km uma cidade da outra, obteve-se a lexia *peteca*, em Flores, e *baladeira*, em Ouricuri. Importante salientar que, conforme disposto na metodologia, as cidades fazem parte de mesorregiões diferentes; o que seria ainda uma hipótese a ser confirmada.

Quadro 10 – Distribuição da lexia *estilingue* por localidade

LEXIAS	BAHIA		PERNAMBUCO	
	Miguel Calmon	Jacobina	Flores	Ouricuri
1. Badogue	X	X		
2. Badoque	X	X		
3. Bagode	X	X		
4. Baladeira				X
5. Peteca			X	

Fonte: Elaborado pela autora

A lexia *estilingue* não foi apresentada por nenhum informante como primeira resposta, mas, na terra do frevo, 2 homens e 1 mulher usaram a lexia como segunda resposta. Em um caso, a lexia é antecedida por *peteca*, e nos outros por *baladeira*. Registrados nos dicionários instrumentos desta pesquisa, *estilingue* é, para Houaiss (2009 p. 834), um regionalismo, que o conceitua como “arma de arremesso constituída de uma forquilha provida de um par de elásticos presos a uma lingueta de couro, com que se lançam pedras para matar pássaros” e completa a acepção, oferecendo os termos *atiradeira* e *bodoque* como variantes. Para Ferreira (2010, p. 874), a orientação é “v. atiradeira” que está descrita como “forquilha de madeira ou metal munida de elástico, com que se atiram pequenas pedras” (FERREIRA, 2010, p. 234), seguido de remissão a *estilingue* e apresenta também *bodoque* (analisado na sequência). Em Aulete (2010, p. 376), *estilingue* é “instrumento composto por uma forquilha (de madeira), na qual se amarra uma tira elástica, us. para arremessar objetos à distância”, cita *atiradeira* como variante. Assim, não há distinção entre as obras e até mesmo as variantes *atiradeira* e *bodoque* são comuns nas obras.

As lexias registradas como variantes pelos autores das obras pesquisadas não são objeto de análise nesta pesquisa, salvo quando coincidem com as presentes na amostra. O Quadro 11, a seguir, tem por base a neutralização da variação fônica e a manutenção das formas únicas registradas.

Quadro 11 – Formas lexicais de estilingue: agrupamentos

AGRUPAMENTOS LEXICAIS (RÓTULO)	ITENS LEXICAIS AGRUPADOS
Badogue	badogue, bagode
Badoque	badoque
Baladeira	baladeira
Peteca	peteca

Fonte: Elaborado pela autora

Os apêndices G e H documentam a distribuição da lexia *estilingue* nas formas de ocorrência, lexia original, com indicação do informante.

A lexia *badogue* agrupou *badogue* e *bagode* porque o que ocorre entre elas é um metaplasmo por transposição, ao deslocar um segmento sonoro – /d/ e /g/ – de uma sílaba para outra, há hipértese, sem alteração do acento tônico da palavra. O termo *bagode* não é dicionarizado.

Os dicionários consultados serão apresentados, nesta subseção, na seguinte ordem: Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2012). Houaiss (2009) apresenta *badogue* como regionalismo baiano e encaminha a pesquisa para o termo *bodoque* (atiradeira) – que será discutido na sequência. Ferreira (2010) e Aulete (2012) não apresentam o verbete.

Atiradeira é apresentada pelo Houaiss (2009, p. 214) como “arma ou brinquedo infantil para arrojear pedras ou objetos afins, de dimensões reduzidas, que consiste numa funda de material elástico, ger. borracha, presa às extremidades da bifurcação de uma pequena forquilha de madeira, plástico ou metal”, apresentando, como possíveis variantes, *badogue*, *badoque*, *baladeira*, *baleeira*, *beca*, *bodoque*, *estilingue*, *funda*, *peteca*, *seta*, *setra*. Por sua vez, Ferreira (2010, p. 234) não deixa claro que seja arma ou brinquedo, apenas descreve, como já mencionado anteriormente, e sugere as variantes: *baladeira*, *baleeira*, *beca*, *bodoque*, *badoque* ou *badogue*, *estilingue*, *funda*, *peteca*, *seta* e *setra*. É nesta mesma acepção de Ferreira (2010) que o Aulete (2012) apresenta a lexia, acrescentando apenas o fato do material da forquilha ser produzido em madeira; oferece *estilingue* como variante. Diante das acepções e confrontando-as com as já apresentadas para *estilingue*, não se encontram diferenças no objeto, apenas seleção lexical diferente para descrevê-lo e, por vezes, uma obra traz descrições mais completas que outra.

A segunda lexia é *badoque*, regionalismo de Alagoas, não dicionarizada, salvo no Houaiss (2009, p. 240), que acaba por levá-la a *bodoque* e esse, então, é remissivo a *atiradeira*, tanto no Houaiss (2009), como em Ferreira (2010). No Aulete (2012, p. 119), é *bodoque* definido como “artefato feito de forquilha e elástico, us. para lançar pedrinhas...”. Por se ter duas entradas na obra lexicográfica, optou-se por não agrupar *badoque* a *badogue*.

Baladeira é a terceira lexia do agrupamento, retratada no Houaiss (2009) como regionalismo do Acre a Pernambuco, a pesquisa é encaminhada a *atiradeira*. Nas demais obras, a lexia não aparece.

Houaiss (2009, p. 1484) registra *peteca* como “brinquedo que consiste em uma pequena base arredondada e macia, sobre a qual se encaixa ger. um punhado de penas, e que é lançado para o ar por meio de golpes desfechados com a mão”, mas, em outras acepções,

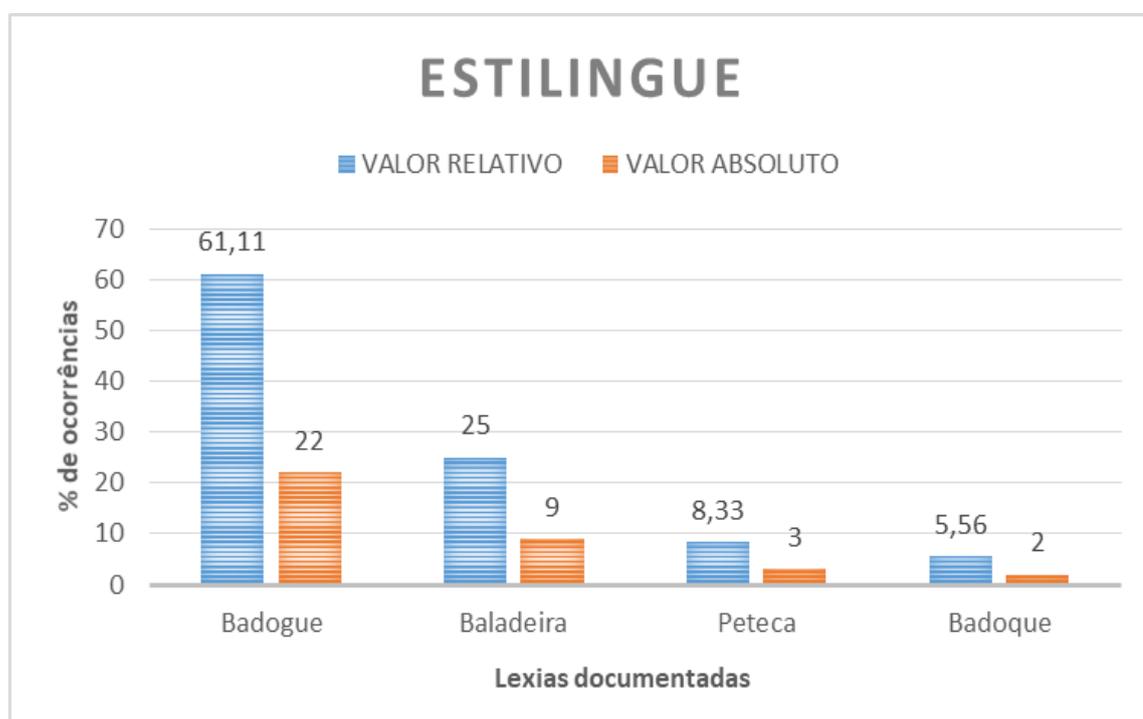
reconhece ser ela também o mesmo que *gude* (regionalismo do Pará) e *atiradeira* (Nordeste). Ferreira (2010) e Aulete (2012) descrevem o brinquedo guarnecido de penas, como a origem tupi do nome já sugere, para “bater com a palma da mão”, não aventando variante regional que leva a outras acepções.

Sobre a discrepância na definição dicionarizada *peteca* e o brinquedo em questão, Ribeiro (2012, p. 230) adverte que “também está informado que o Questionário do Projeto ALiB não contempla uma pergunta que objetive obter como resposta nomes para o brinquedo de penas coloridas presas a uma base arredondada e macia e que se lança no ar, comumente conhecido como *peteca*”.

Observou-se que, das quatro lexias agrupadas para denominar o brinquedo/artefato/arma,

- (i) os verbetes *badogue*, *badoque* e *bodoque* são remissivos entre si e a *atiradeira*, assim como a *estilingue*;
- (ii) *baladeira*, quando apresentada, remete também a *atiradeira*;
- (iii) *peteca* é uma entrada lexical que elucida outro brinquedo, embora, na acepção 4 do Houaiss (2009), remeta a *atiradeira*.

GRÁFICO 4 – *Estilingue*: produtividade por lexia



Fonte: Elaborado pela autora

Diante dos dados gerais, *badogue* é o item lexical mais expressivo, com 61,11% das respostas dadas, considerando o universo total dos 36 informantes.

A amostra do item em questão, *estilingue*, traz outras quatro designações e todos os 36 informantes responderam ao questionamento, conforme a Tabela 14.

Tabela 14 - Respostas obtidas *versus* não obtidas no *corpus* total de *estilingue*

RESPOSTAS	TOTAL ABSOLUTO	TOTAL RELATIVO
Não obtidas	-	-
Obtidas	36	100 %
Total	36	100 %

Fonte: Elaborado pela autora

Isolando a análise estatística por estado, em consonância com a Tabela 15, *badogue* atinge a marca de 91,67% das respostas válidas e *badoque*, 8,33%, confirmando a força do regionalismo nas terras do axé.

Tabela 15 – Distribuição do item lexical *estilingue* por produtividade na Bahia

Número da questão: 157

Questão Estilingue / Setra / Badoque

Variantes	Número de ocorrências	%
BA - Bahia		
Badogue	22	91.67%
Badoque	2	8.33%
	24	
NS	0	
PT	0	
	0	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Acatando os dados da Tabela 16, a seguir, nota-se que nenhum estudo é mais expressivo que o outro para nomear o brinquedo, ambos acabam oferecendo à amostra da pesquisa duas lexias cada. Em solo pernambucano, *baladeira* totalizou 75% das lexias obtidas e *peteca*, 25%. Cada uma marcando categoricamente a mesorregião a que pertence, como anteriormente exposto.

Tabela 16 - Distribuição do item lexical *estilingue* por produtividade em Pernambuco

Número da questão: 157

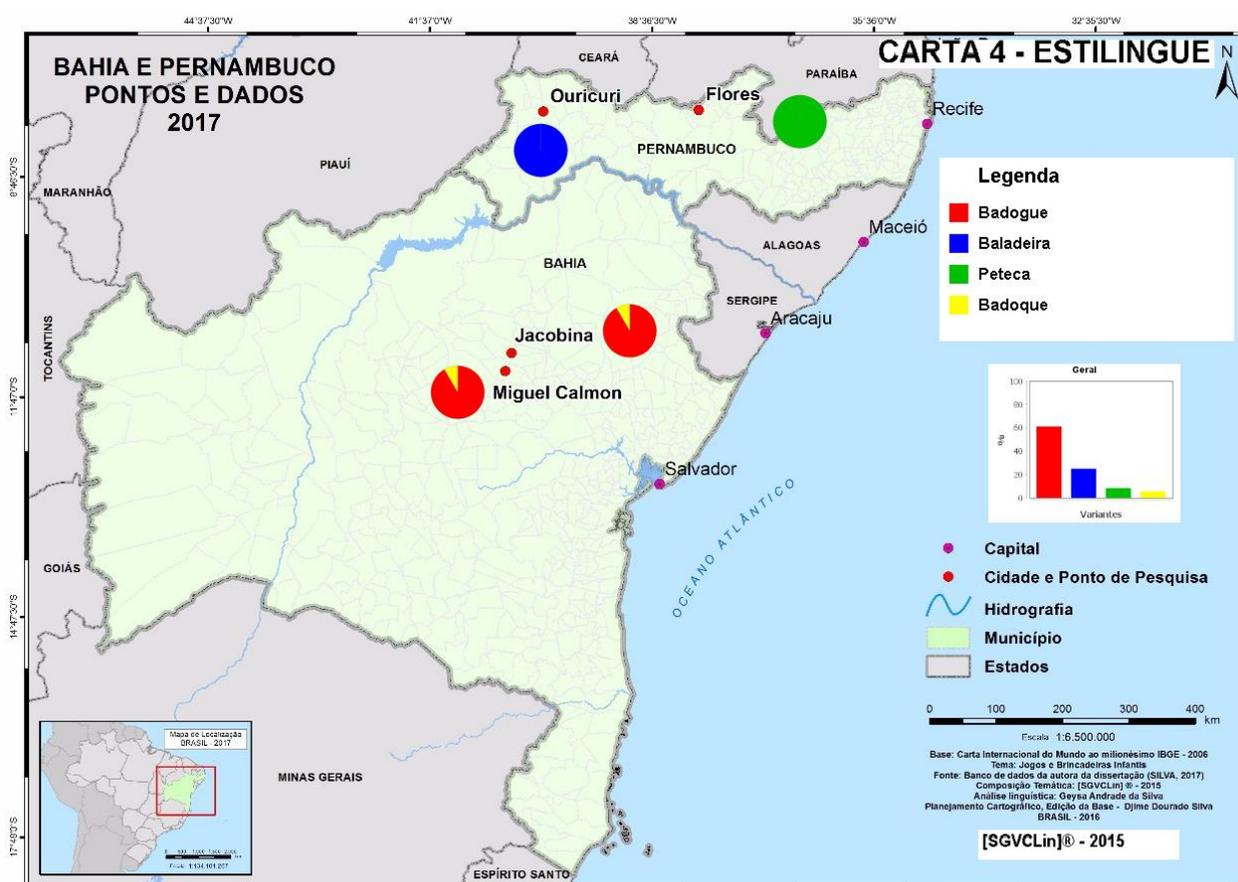
Questão Estilingue / Setra / Badoque

Variantes	Número de ocorrências	%
PE - Pernambuco		
Baladeira	9	75.00%
Peteca	3	25.00%
	12	
NS	0	
PT	0	
	0	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

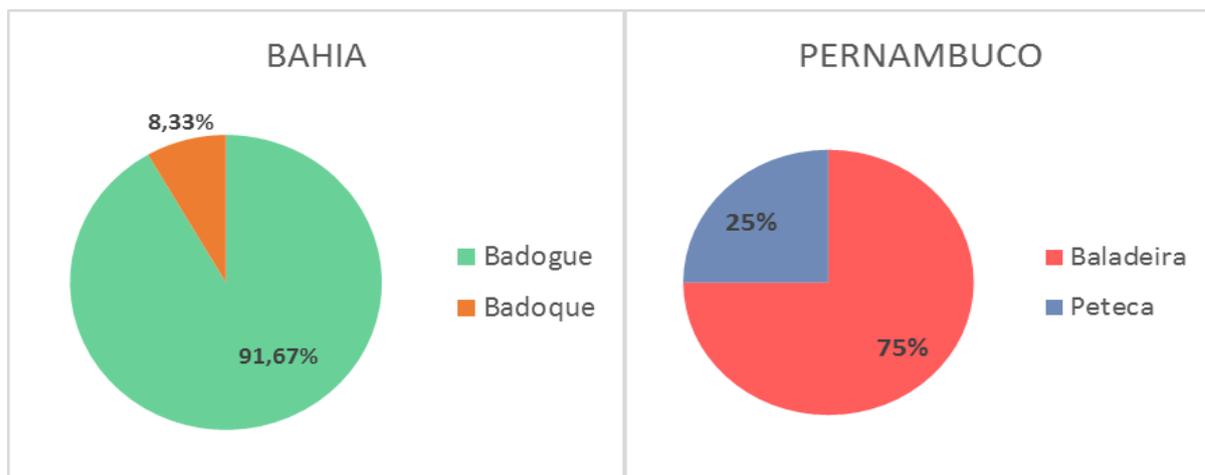
A Carta 4, a seguir, não apresentaria relevância ao isolar variantes de sexo, idade e escolaridade, por isso, a questão diatópica é aquela mais representativa. Na Bahia, *badogue*, destacado em vermelho, é usado por 22 informantes do total de 24 e apenas 1 informante, em cada município, utiliza *badoque* (em amarelo) para nomear o brinquedo. Em Pernambuco, resultado categórico nas duas cidades; apesar do número de informantes ser diferente, considera-se o percentual, e assim, o fato de que todos responderem *baladeira* (azul) ou *peteca* (verde) em cada ponto, torna a amostra concludente.

Figura 13 – CARTA 4 – ESTILINGUE



Fonte: Elaborado pela autora a partir do SGVCLin

A carta indica a produtividade por estado, com dados estatísticos separadamente, o Gráfico 6 – retomando as tabelas 15 e 16 – confirma as variantes lexicais encontradas na pesquisa: na Bahia, com 91,67%, a lexia mais produtiva é *badogue*; enquanto que, em Pernambuco, a maior frequência de respostas obtidas é de *baladeira*.

GRÁFICO 5 – Percentual da presença das formas lexicais para *estilingue* por estado

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados apresentados por Ribeiro (2012), na sua tese de doutorado, mostram que *badogue* é a segunda lexia de maior frequência, adotada em 87 das 375 respostas válidas, atingindo um percentual de 23,2%. A *baladeira* esteve na terceira posição com 14,9% das respostas e *peteca* com 7,5%. Naquela pesquisa, a resposta mais obtida foi *estilingue* com 48%, ocorrendo em 98,2% das localidades pesquisadas. A pesquisadora optou por agrupar *badogue* e *badoque*, assim como *bodoque*, adotando o critério da variação fônica, pelo mesmo motivo que aqui não se apresentam dados de *badoque*.

Atiradeira também aparece na amostra com 2,4%, presente em 10,5% das localidades pesquisadas e, embora, não seja uma lexia encontrada nas comunidades ciganas pesquisadas, tem sua importância atestada para este texto, devido às inúmeras remissas das obras consultadas.

A Carta 40 de Sá corrobora com os dados encontrados: na mesorregião do Sertão de Araripina, onde localiza-se Ouricuri – ponto comum na pesquisa do autor e nesta – Sá encontrou *baladeira* em $\frac{3}{4}$ das respostas obtidas; e na mesorregião do Sertão do Pajeú, onde situa-se Flores (comparou-se com o ponto 9 – Custódia da pesquisa do pernambucano), o pesquisador documentou, categoricamente, a lexia *peteca*.

Dados de Ribeiro (2012) e Sá (2013) reforçam a hipótese de que os informantes das comunidades ciganas adotam marcadamente as variantes das localidades nas quais estão inseridos.

Comprovando ser uma área semântica bastante produtiva, ocorreram lexias como respostas à questão 157 do QSL em 100% das localidades pesquisadas, além disso:

- 100% dos informantes apresentaram respostas válidas;
- 100% de homens e mulheres atribuíram uma lexia à pergunta;
- Todas as faixas etárias tiveram, por consequência, 100% de aproveitamento;
- Ambos os estados têm, pelo menos, duas lexias variantes para nomear o brinquedo, segundo os critérios adotados pela autora;
- Na Bahia, *badogue* é a lexia mais produtiva;
- Não se identificou uma lexia de maior amplitude geográfica com esta questão.

5.4 GANGORRA

“Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças, enquanto uma sobe a outra desce?” (COMITÊ... 2001, P.34).

Figura 14 – Palhacinhos na Gangorra, Candido Portinari, 1957, óleo sobre madeira compensada, 54X65cm



Fonte: Disponível em: < <http://www.muralzinhodeideias.com.br/brinquedos-e-brincadeiras-por-candido-portinari/>>. Acesso em: 01 jan. 2017.

A história dos brinquedos é tão antiga quanto a própria história da humanidade. A *gangorra* é um brinquedo tradicional muito concorrido nas praças, parques e escolas; é um ótimo exercício de socialização e de trabalho com o outro, uma vez que se precisa de duas crianças para brincar. A cada sobe-e-desce, um espanto, um riso aberto, um gritinho de alegria; é, inevitavelmente, uma amizade que surge ou se fortalece.

A estrutura do brinquedo consiste em uma tábua estreita e longa, fixada no seu ponto central, que se movimenta usando o princípio simples da alavanca. Nele, sentam-se duas pessoas nas extremidades que, alternadamente, impelem-se para cima por flexão dos joelhos, fazendo descer o outro que está na extremidade oposta.

A pergunta 165 do QSL – *gangorra* – apresentou, nos dois estados, entre os 36 informantes que participaram desta pesquisa, cinco lexias para nomear a tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças. A sentença da pergunta, inicialmente, não gerou

problema de compreensão por parte dos informantes, mas, quando se avança para a questão 166 do QSL, *balanço*, algumas vezes, o informante comparou os brinquedos, tentando diferenciá-los, depois modificou ou ratificou a resposta dada para *gangorra*. A dúvida se *gangorra* ou *balança* - *balancê* ou *gangorra* perpassou para os dados, nos quais se constata a homonímia para nomear a brincadeira.

O Quadro 12 exhibe, por cidade e respectivo estado, quais lexias foram informadas na pesquisa. Através da análise dos dados, pode-se concluir que: (i) *gangorra* foi a única lexia que apareceu nos quatro municípios da pesquisa; (ii) a lexia *balança* esteve presente em três; (iii) uma das demais lexias teve realização individual, e (iv) nos dois estados pesquisados, Bahia e Pernambuco, informantes não responderam à questão. No total, documentaram-se 5 (cinco) lexias diferentes para nomear o brinquedo objetivo da pesquisa.

Quadro 12: Distribuição da lexia *gangorra* por localidade

LEXIAS	BAHIA		PERNAMBUCO	
	Miguel Calmon	Jacobina	Flores	Ouricuri
1. Balança	X	X		
2. Balancê				X
3. Balanço	X	X		X
4. Barco		X		
5. Gangorra	X	X	X	X
6. Não sei	X	X	X	

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dados gerais, *gangorra* apareceu, como primeira resposta, em 10 dos 36 informantes, 27,77%, mas não houve necessidade de agrupamentos nem para esta, nem para as demais lexias encontradas, uma vez que não houve qualquer variação fônica. Assim, mais uma vez, os agrupamentos receberam a nomenclatura da própria lexia, conforme o Quadro 13.

Quadro 13 – Formas lexicais de *gangorra*: agrupamentos

AGRUPAMENTOS LEXICAIS (RÓTULO)	ITENS LEXICAIS AGRUPADOS
Balança	balança
Balancê	balancê
Balanço	balanço
Gangorra	gangorra
Outras designações	barco

Fonte: Elaborado pela autora

Os apêndices I e J documentam a distribuição da lexia *gangorra* nas formas de ocorrência, lexia original, com indicação do informante.

Diante desse universo, uma lexia – *barco* – não se enquadrou nos agrupamentos e foi resposta de um único informante (a saber, sexo feminino, faixa etária 2, alfabetizada, oriunda da cidade de Jacobina – BA), sendo incluída na categoria “outras designações”. Para além deste agrupamento, foram feitos outros quatro: *balança*, *balancê*, *balanço*, *gangorra*. A pesquisa lexicográfica explica tais agrupamentos.

O verbete *balança*, no Houaiss (2009, p. 246), é descrito como “instrumento que serve para pesar (substâncias, produtos, objetos etc.), comparar massas ou medir forças”; em outra acepção, revela, em sentido figurado, a ponderação e o equilíbrio (especificamente, imparcialidade nos julgamentos), ações estas necessárias para brincar de gangorra. Fica aqui uma hipótese para a associação de *balança* a *gangorra*. Ferreira (2010) e Aulete (2012) não diferem desta descrição apresentada.

Houaiss (2009, p. 246) apresenta *balancê* como um “passo da quadrilha, em que o executante se balança compassadamente, deslocando o peso do corpo de um pé para outro, mas sem sair do lugar”. Ferreira (2010, p. 269), de forma simplificada, também descreve essa lexia como “passo de quadrilha que consiste em movimentos balançados do corpo sem deslocamento dos pés”, descrição seguida também por Aulete (2010) para o mesmo verbete. Ao analisar as acepções consultadas do *balancê*, a relação com a gangorra deve estar no fato de se balançar em movimentos verticais sem sair do lugar, pelo menos em se tratando do tipo mais tradicional do brinquedo.

A definição mais completa que se tem de *balanço*, entre as obras pesquisadas, está no Houaiss (2009, p. 246), que o define, na terceira acepção, como “brinquedo que consiste em um assento suspenso por cordas ou correntes fixas num suporte, permitindo a realização de movimentos oscilatórios” e complementa, “qualquer dos brinquedos ou aparelhos de diversão que servem para balançar”, apresentando ainda as variantes *balouço*, *bambão*. Os demais dicionários utilizados nesta pesquisa tratam também do brinquedo infantil que oscila com o movimento do corpo. No entanto, apesar de ser um brinquedo bastante conhecido, tal definição esclarece, indubitavelmente, que se trata de um brinquedo diferente da *gangorra*; de tal forma, o *balanço* é o objeto da questão 167 do QSL do ALiB.

A lexia *barco* é um verbete dicionarizado, encontrado nas três obras pesquisadas, que se refere a um nome genérico de qualquer embarcação, não havendo relação direta com a *gangorra*. Por outro lado, sabe-se da existência de um brinquedo frequente nos parques, conhecido como barco (ou barca), que apresenta movimento semelhante ao das crianças na *gangorra* (Figura 14 e 15): enquanto o indivíduo ou o grupo, sentado em uma ponta, atinge o alto, o grupo sentado na outra extremidade, desce.

Figura 15 – Barco/ barca



Fonte: Disponível em: < <https://i.ytimg.com/vi/5nFiN6Q99ZI/maxresdefault.jpg>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

Figura 16 – Barco/ canoa

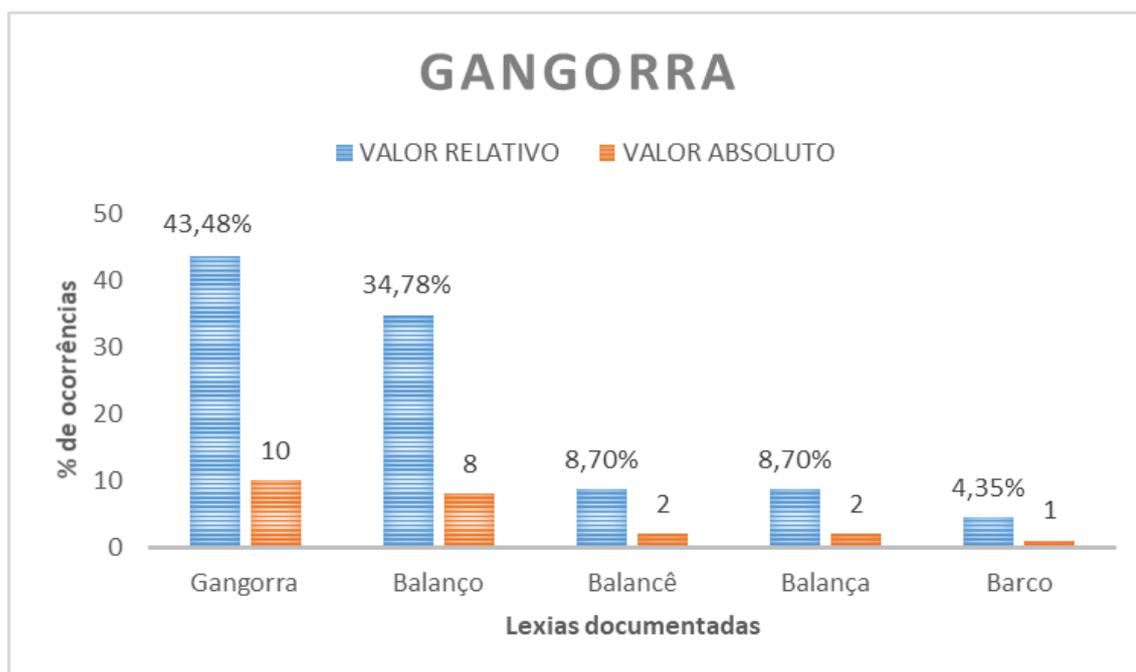


Fonte: Disponível em: < <http://tataguassu.blogspot.com.br/2012/09/a-padroeira.html/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

“Prancha retangular, comprida, apoiada somente no centro, que duas crianças, cada qual sentada numa de suas extremidades, impulsionam para o alto pela pressão dos pés no solo, de tal modo que, quando uma das extremidades toca o chão, a outra chega ao alto”, esta é a significação para *gangorra* trazida por Houaiss (2009, p. 952). O autor aborda outras sete acepções para o brinquedo, no entanto, nenhuma delas está presente na amostra desta pesquisa, a saber: *burrica*, *coximpim*, *jangalamarte*, *jangalamaste*, *joão-galamarte*, *zanga-burrinha*, *zanga-burrinho*.

As demais obras pesquisadas não diferem da acepção trazida anteriormente: em Ferreira (2010, p.1011), *gangorra* é “aparelho para diversão infantil: uma tábua apoiada num espigão, sobre o qual gira, horizontalmente, ou oscila, ocorrendo que, neste caso, as crianças montam as extremidades que sobem e descem alternadamente” e a única variante que difere do Houaiss (2009) é *arre-burrinho*. No Aulete (2012, P.434), o brinquedo é descrito como “brinquedo com uma tábua comprida apoiada no centro, em que crianças, sentadas uma em cada ponta, sobem e descem alternadamente”

Os dados permitem considerar que 13 foram as respostas não obtidas (por opção aqui, o “não saber”) no questionamento, ou seja, no universo total dos informantes, 23 declararam uma das cinco lexias para nomear *gangorra*.

GRÁFICO 6 – *Gangorra*: produtividade por lexia

Fonte: Elaborado pela autora

Surgiram cinco variantes para denominar o brinquedo, as quais, previamente, serviram para organizar os agrupamentos lexicais. Então, tendo por base a pesquisa lexicográfica, observou-se que:

- (i) *gangorra* é um verbete dicionarizado em Aulete (2012), Ferreira (2010) e Houaiss (2009), que se refere a um brinquedo para diversão infantil, objeto da questão 165 do QSL.
- (ii) *balanço* é um verbete com algumas acepções, entre as quais, uma faz referência a um aparelho de diversão infantil diferente de *gangorra* e que será objeto da questão 166 do QSL;
- (iii) o sentido figurado de equilíbrio e ponderação, no sobe e desce apresentados no verbete *balança*, permite uma associação livre à *gangorra*; no entanto, *balança* não se encontra dicionarizada nas obras pesquisadas como brinquedo;
- (iv) as respostas *balancê* podem trazer também uma livre associação a *gangorra*, devido ao movimento de se balançar sem sair do lugar e, nos dicionários, refere-se a passo de dança;
- (v) *barco* é um verbete presente nas três obras consultadas, mas trata de outra acepção; contudo, pode ser produto dessa livre associação, dado o movimento do corpo, aos antigos brinquedos dos parques infantis.

Em síntese, as denominações *balança*, *balancê* e *barco* revelam um movimento que se assemelha ao do brinquedo em questão, mas, lexicograficamente, não contemplam a acepção buscada, e *balanço*, por sua vez, refere-se a outro brinquedo.

Conhecida a realidade lexicográfica dos termos, e com o auxílio desta, efetivou-se, na sequência, a análise estatística. *Gangorra* é um item lexical que representa 46,67% das ocorrências da Bahia e 37,50% de Pernambuco, e na distribuição geral da pesquisa, atinge 43,48%. É, portanto, a lexia mais produtiva, conforme revelam as Tabela 17 e 18.

Tabela 17 - Distribuição do item lexical *gangorra* por produtividade na Bahia

Número da questão: 165

Questão *Gangorra*

Variantes	Número de ocorrências	%
BA - Bahia		
<i>Gangorra</i>	7	46.67%
<i>Balanço</i>	5	33.33%
<i>Balança</i>	2	13.33%
<i>Barco</i>	1	6.67%
	15	
NS	9	100.00%
PT	0	0.00%
Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin	9	

A partir da leitura dos dados apresentados, observa-se que, na Bahia, 37,50% dos sujeitos colaboradores da pesquisa não atribuíram nenhuma lexia para este questionamento e, além da *gangorra*, têm-se 53,33% de outras formas lexicais para nomear o brinquedo, revelando não ser imperativa tal denominação. Já em Pernambuco, *gangorra* concorre com *balanço* com 37,50%, cada lexia, manifestando uma oposição bem equilibrada do significante buscado.

Tabela 18 - Distribuição do item lexical *gangorra* por produtividade em Pernambuco

Número da questão: 165

Questão *Gangorra*

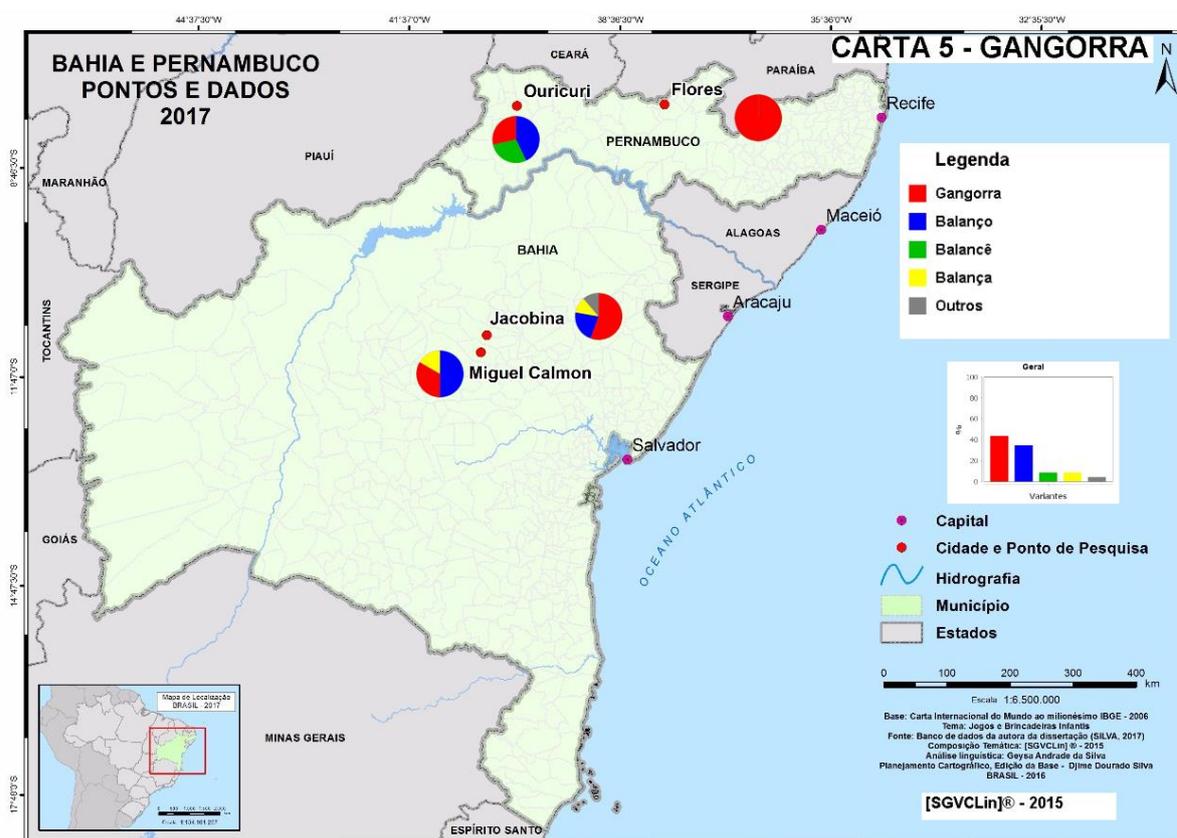
Variantes	Número de ocorrências	%
PE - Pernambuco		
<i>Gangorra</i>	3	37.50%
<i>Balanço</i>	3	37.50%
<i>Balancê</i>	2	25.00%
	8	
NS	4	100.00%
PT	0	0.00%
	4	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Os dados apresentados na Figura 17 revelam que *gangorra* (representada pela cor vermelha) se faz presente em todos os pontos geográficos pesquisados, embora mostre-se mais produtiva na área baiana e que *balanço* é a segunda lexia mais produtiva (representada na carta pela cor azul), atingindo 33,33% na Bahia e 37,50% em Pernambuco, mesmo não sendo registrada no município de Flores - PE.

Pode-se ainda observar, através da Carta 5, que *balança* encontra-se nos municípios baianos, mas não ocorre no estado vizinho e que *balancê* é uma realização registrada apenas em Ouricuri - PE. As respostas de Flores - PE são categóricas para *gangorra*.

Figura 17 – CARTA 5 – GANGORRA



A Carta 5 - *Gangorra* também traz as quatro lexias de maior ocorrência (*gangorra*, *balanço*, *balança*, *balancê*) e, em “outros”, está apenas a lexia *barco*, que obteve 6,67% de frequência na Bahia.

Na rede de pontos desta pesquisa, as respostas válidas abrangem um valor absoluto de 23, com 13 informantes não respondendo à questão, o que totaliza, assim, 63,88% das respostas. O brinquedo é conhecido no cotidiano das crianças, mas, longe de se ter uma

denominação unânime, conforme Tabela 19, concorre, no vocabulário dos informantes pesquisados, com a lexia *balanço*, também usada para nomear o brinquedo *gangorra*.

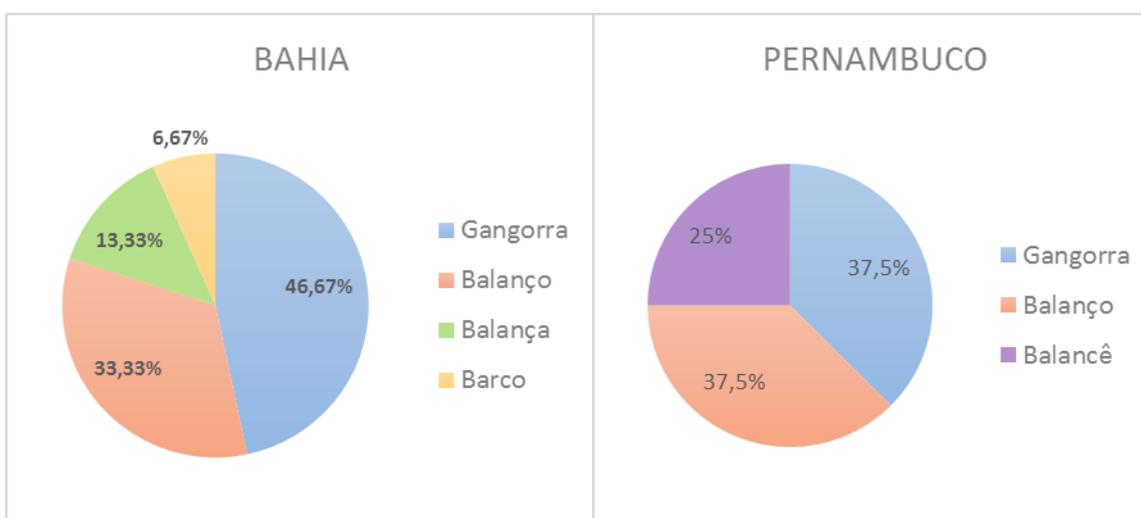
Tabela 19 - Respostas obtidas *versus* não obtidas no *corpus* total de *gangorra*

RESPOSTAS	TOTAL ABSOLUTO	TOTAL RELATIVO
Não obtidas	3	8,33 %
Obtidas	33	91,66 %
Total	36	100 %

Fonte: Elaborado pela autora

A Carta 5 não indica a produtividade da lexia por estado, isoladamente, mas, o Gráfico 8 permite visualizar que, na Bahia, a maior produtividade foi de *gangorra*, enquanto que, em Pernambuco, foi igualitária a *balanço*.

Gráfico 7 – Percentual da presença das formas lexicais para *gangorra* por estado



Fonte: Elaborado pela autora

Ao estabelecer um paralelo com os dados de Ribeiro (2012), para a área do “Falar Baiano” (NASCENTES, 1953) e regiões circunvizinhas, em especial a Tabela 36 de sua tese (p. 391), *gangorra* é também a lexia mais produtiva, atingindo o percentual de 55,7%, ocorrendo em 87,7% das localidades pesquisadas. A pesquisadora revela, em sua tese, que *balanço* foi a segunda lexia mais produtiva, com 26,9% e ocorrência em 59,6% das localidades. Estes dados assemelham-se aos encontrados na pesquisa atual. A lexia *balança* também é comum nas duas pesquisas; entretanto, *balango*, *balanceio*, *zanga* e outras lexias obtidas como respostas únicas apareceram apenas naquele trabalho.

Sá (2013, p. 329) registrou, através da Carta 41, no Estado de Pernambuco, *gangorra* e *balanço* – dados coletados em Ouricuri também nessa pesquisa – além de *balancim/balançador*, *burrlica*, *canoas*. No ponto 9 de sua pesquisa, Custódia, o autor encontrou a lexia *gangorra* produtivamente categórica; o mesmo ocorreu com os dados de Flores - PE, da mesma mesorregião, na contemporânea pesquisa com informantes ciganos.

Nas quatro localidades pesquisadas houve registro de alguma resposta para a QSL 166 “Como se chama uma tábua apoiada no meio, em cujas pontas sentam duas crianças, enquanto uma sobe a outra desce?” (COMITÊ... 2001, P.34). Os dados apresentados mostram que:

- houve 23 ocorrências de respostas válidas (63,88%);
- em Ouricuri - PE, 100% dos homens responderam à questão;
- das mulheres participantes, 27,77% atribuíram uma lexia para tal pergunta e, 36,11% dos homens (coincidentemente, o mesmo percentual de respostas não obtidas);
- quanto à idade, a faixa etária 1, obteve um aproveitamento de 75% das respostas; as faixas 2 e 3, igualmente, obtiveram 58,33%.
- frente aos dados, *gangorra* é a lexia de maior amplitude geográfica, pois abrange os quatro municípios, dos dois estados.
- *balança* é uma lexia presente apenas no território baiano, nesta pesquisa, e *balancê* uma lexia encontrada em Pernambuco.

5.5 BALANÇO

“Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” (COMITÊ... 2001, P.35).

Figura 18 – Meninos no Balanço, Candido Portinari, 1960, óleo sobre tela, 61X49cm



Fonte: Disponível em: < <http://www.muralzinhodeideias.com.br/brinquedos-e-brincadeiras-por-candido-portinari/>>. Acesso em: 01 jan. 2017.

O *balanço* é um brinquedo tradicional muito concorrido das crianças, nas praças, parques e escolas. Consiste de um assento suspenso, amarrado por cordas ou correntes em um galho de uma árvore ou em uma trave. Este acento muitas vezes é substituído por pneus. A criança pode se balançar sozinha ou ter o auxílio de uma outra pessoa, tornando-se assim uma brincadeira sociável.

Dos 36 informantes contatados nesta pesquisa, apenas uma mulher de Ouricuri – PE, da primeira faixa etária controlada, não respondeu à pergunta 166 do QSL – *balanço*. Nos dois estados apareceram 7 lexias para nomear a brincadeira de balançar o corpo quando se está sentado e suspenso por cordas/correntes.

A proposição da pergunta, assim como a 165 do QSL – *gangorra*, não revelou problema de compreensão; mas foi comum encontrar uma associação ou retomada do brinquedo anterior. Contudo, nos dados, percebe-se a coexistência das lexias *balança* e *gangorra* para nomear o brinquedo, como já afirmado na subseção anterior (5.4.4 – Gangorra).

O Quadro 14 exhibe quais lexias foram encontradas para *balanço* por cidade, e conseqüentemente estado. Permite expor que nenhuma lexia foi comum a todos os pontos da pesquisa, que *balanço* apareceu em três municípios da pesquisa, que a lexia *gangorra* esteve presente em dois destes e que quatro das demais lexias tiveram realização individual; apresenta ainda que apenas em uma cidade pernambucana não houve resposta à questão, especificamente de um informante (já identificado anteriormente). No total, obtiveram-se 7 (sete) lexias diferentes para nomear o brinquedo objetivo da pesquisa.

Quadro 14 – Distribuição da lexia *balanço* por localidade

LEXIAS	BAHIA		PERNAMBUCO	
	Miguel Calmon	Jacobina	Flores	Ouricuri
1. Balançador		X		
2. Balançando	X			
3. Balancê			X	X
4. Balancete				X
5. Balanço	X	X	X	
6. Gangorra	X	X		
7. Rede	X			
8. Não sei				X

Fonte: Elaborado pela autora

Apesar do brinquedo alvo de QSL 166 ser comumente chamado como *balanço*, nos dados gerais, *gangorra* apareceu como lexia nomeadora do item em estudo, como primeira resposta, em 15 das 35 respostas válidas, perfazendo um total de 42,86%. Neste brinquedo não houve agrupamentos com diferentes lexias nem para ela, nem para as demais encontradas, uma vez que não houve qualquer variação fônica ou outro critério para análise que pudesse ser considerado; *balancê*, *balanço* e *gangorra* representam rótulos separados e ocorreram em mais de um informante, ao passo que *balançando*, *balançador*, *balancete* e *rede* apareceram,

cada uma, na fala de só um sujeito da pesquisa. Assim, mais uma vez a lexia referência do agrupamento é a própria forma lexical documentada, pois não houve variação entre as ocorrências, conforme Quadro 15 abaixo.

Os apêndices K e L documentam a distribuição da lexia *balanço* nas formas de ocorrência, lexia original, com indicação do informante.

Quadro 15 – Formas lexicais de *balanço*: agrupamentos

AGRUPAMENTOS LEXICAIS (RÓTULO)	ITENS LEXICAIS AGRUPADOS
Balancê	balancê
Balanço	balanço
Gangorra	gangorra
Outras designações	balançando, balançador, balancete, rede

Fonte: Elaborado pela autora

Balançando, balançador, balancete e rede encontradas como resposta de informantes únicos foram agrupadas na categoria de “outras designações”, totalizando 4 (quatro) ocorrências. A pesquisa lexicográfica nos dicionários selecionados explica tais agrupamentos.

A lexia *balançando* é uma palavra não dicionarizada. Tem-se o verbo balançar acrescido da desinência de forma nominal (-ndo) indicando uma forma contínua num processo verbal não finalizado, no qual move-se de um lado para outro. Não se nomeia o brinquedo, mas sim, a ação de oscilar, de estar em balanço.

Balançador é um vocábulo que não está dicionarizado porque é uma palavra derivada, na qual a partir do verbo “balançar” foi adicionado o sufixo *-dor*, esse exprime a ideia de agente e de instrumento. Tal sufixo deriva do sufixo latino *-TOR*, o qual indica “agente de alguma coisa”. A ideia seria, portanto, a de que *balançador* atua balançando. Deixa-se de nomear o brinquedo em si para se referir a ação que ele executa.

A lexia *balancete* está dicionarizada, mas trata de outras acepções: uma rubrica ligada à contabilidade (balanço de finanças) ou um sentido figurado de avaliação. Sua formação se dá a partir do substantivo *balança* mais o sufixo *-ete*, geralmente empregado como diminutivo afetivo. O afixo *-ete* tem origem no latim *-itta, -ittum*, com provável influência do francês – *et* (fem. –*ette*), pode ser empregado em derivados que exprimem pequenez, expressam um valor menor e até acrescidos de uma certa pejoratividade, segundo o contexto em que é empregado. Como tal emprego não foi questionado no ato da aplicação do questionário, seria imprudente fazer qualquer afirmativa a respeito do minimizar o tipo de *balanço*, sem sombra de dúvida, poderá ficar para um estudo posterior.

Rede é a lexia dicionarizada pelo Houaiss (2009, p.1672) como “entrelaçado de fios, de espessura e materiais diversos, formando um tecido de malhas com espaçamentos regulares” ou ainda como regionalismo brasileiro “peça de tecido resistente (de algodão, linho, fibra etc.), suspenso pelas extremidades, us. para dormir ou embalar”. Ferreira (2012, p.1796), na acepção 18, descreve “espécie de leito balançante, feito de tecido resistente de linho, algodão ou qualquer outra fibra, e pendentes pelas extremidades terminadas em punhos ou argolas, de armadores ou ganchos geralmente pregados em paredes, árvores, ou armações metálicas, etc”. E o Aulete (2012, p.744) relata “espécie de leito, feito de tecido resistente, ger. algodão ou fibra, suspenso em ganchos fixados nas paredes ou amarrado em troncos, postes etc., no qual uma pessoa pode dormir, balançar-se etc.”. Destas descrições, para associação com o brinquedo *balanço*, é pertinente atentar para o embalar de Houaiss (2009), “balançante” e “pregado em árvore” de Ferreira (2010) e o “amarrado em troncos” e “balançar-se” do Aulete (2012), tais destaques podem permitir uma livre associação, uma vez que o objeto/brinquedo em si é outro. Também foi item validado por Ribeiro (2012).

Balancê, *balanço* e *gangorra* são formas lexicais que surgiram para nomear os dois brinquedos objetos das questões 165 e 166 do QSL; portanto, tais lexias foram analisadas na subseção anterior, reafirma-se aqui tais constatações de forma simplificada:

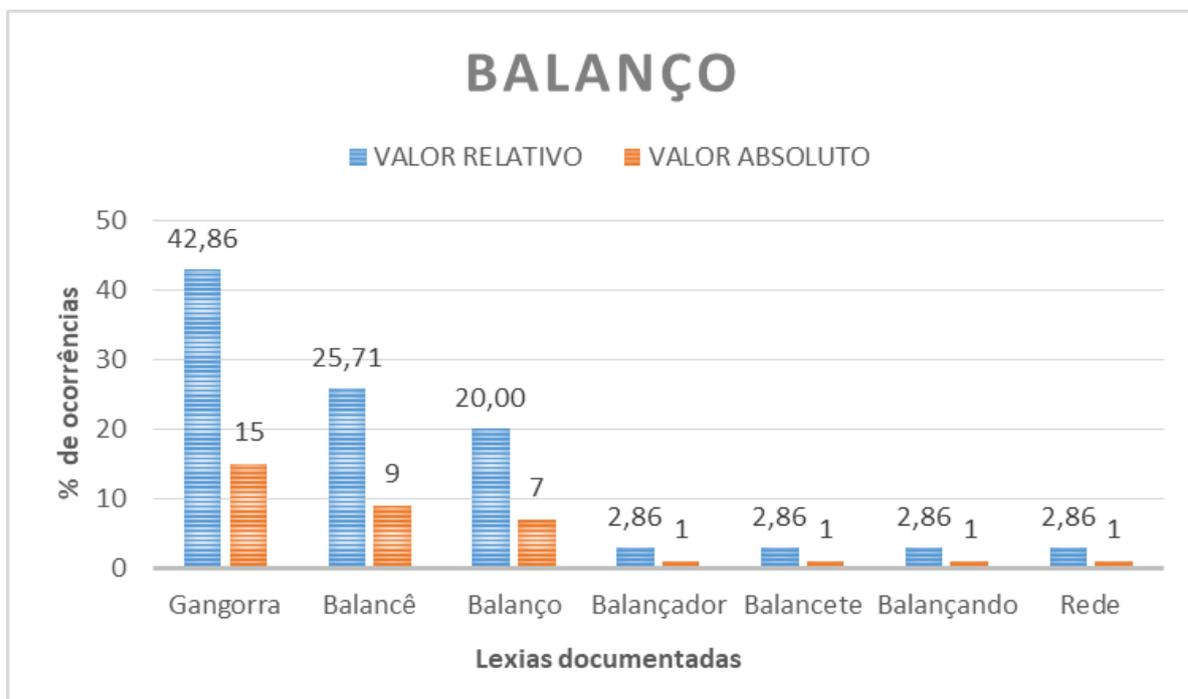
- (i) *balancê* está associado a um passo de dança – quadrilha – e o fato de movimentar o corpo num vai-e-vem lembra o deslocamento que se tem ao brincar de balanço; no entanto, não há registro de acepção que se aproxime do brinquedo em questão;
- (ii) *balanço* é descrito como o brinquedo procurado. A acepção do Houaiss (2009) já foi apresentada; no Aulete (2012, p. 98) é tratado como “ação ou resultado de balançar(-se) 2. Movimento para frente e para trás, ou para os lados alternadamente; b VAIVÉM” e na 3ª acepção “brinquedo que oscila com o impulso do corpo”;
- (iii) *gangorra* é o brinquedo objeto da questão anterior, a lexia encontra-se dicionarizada nas três obras como já visto; sua estrutura com base central fixada ao chão é completamente diferente das cordas que sustentam suspenso o assento no *balanço* e entre as variantes apresentadas pelas obras para *gangorra* não consta o *balanço* e vice-versa.

Em súpula, as denominações *balançador*, *balançando*, *balancê* e *rede* revelam um movimento que se assemelha ao do brinquedo em questão; *balancete* deixa aflorar um dado afetivo do qual não se tem propriedade para falar, porém lexicograficamente não oferece a

acepção buscada; e a *gangorra*, por sua vez, refere-se a outro brinquedo, para autora desta pesquisa, mas há de se lembrar da hominímia.

Os dados mostram que se registrou apenas 01 resposta não obtida (por opção aqui, o “não sei”) ao questionamento; afirmando-se que num universo total dos informantes, 35 declararam uma das sete lexias para nomear *balanço*.

Gráfico 8 – *Balanço*: produtividade por lexia



Fonte: Elaborado pela autora

A análise estatística dos dados, seguinte ao conhecimento lexicográfico das lexias, acabaram por revelar o “improvável” – ou seja, estamos diante da homonímia *gangorra* – a lexia *gangorra* que se refere a outro brinquedo de movimento diferente e que lexicograficamente não tem relação com o *balanço*, foi a lexia mais produtiva para QSL 166 com 42,86% das respostas válidas, oferecida por um total absoluto de 15 informantes. Evidencia-se, no entanto, a partir do conteúdo das Tabelas 20 e 21, com dados separados por estado, que se chega a este dado, por uma alta produtividade de *gangorra* no território baiano – ou seja, a homonímia é na Bahia: dos 24 informantes, 15 – equivalendo a 62,50% deste universo – responderam *gangorra* para nomear *balanço*. A medida que *balanço* teve 25%, 6 em valores absolutos, de respostas válidas. A lexia *gangorra* não chega a aparecer entre os dados pernambucanos, os quais destacam *balancê*, com 81,82% do valor relativo, ou seja,

noventa informantes que informam esta lexia como resposta a questão 166 do QSL e o próprio *balanço* com 9,09%, resposta contabilizada de apenas 01 informante.

Tabela 20 - Distribuição do item lexical *balanço* por produtividade na Bahia

Número da questão: 166

Questão *Balanço*

Variantes	Número de ocorrências	%
BA - Bahia		
Gangorra	15	62.50%
Balanço	6	25.00%
Balançando	1	4.17%
Rede	1	4.17%
Balançador	1	4.17%
	24	
NS	0	
PT	0	
	0	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Tabela 21 - Distribuição do item lexical *balanço* por produtividade em Pernambuco

Número da questão: 166

Questão *Balanço*

Variantes	Número de ocorrências	%
PE - Pernambuco		
Balancê	9	81.82%
Balanço	1	9.09%
Balancete	1	9.09%
	11	
NS	1	100.00%
PT	0	0.00%
	1	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Portanto, no espaço geográfico da Bahia, há coocorrência de *gangorra* e *balanço*, para nomear os dois brinquedos buscados nas questões 165 e 166 do QSL, em ambos os casos a variante mais produtiva é *gangorra*, nesta com os 62,50% e naquela com 46,67%, o que revela que a lexicografia pode se valer dos dados coletados *in loco* para seus registros. Na área estadual vizinha, a lexia *gangorra* só aparece para nomear o brinquedo buscado na questão 165 – *gangorra*, e coocorre junto a *balanço*; no entanto, para nomear *balanço* tem-se *balancê*, *balanço* e *balancete*.

total de 97,22% obtenção de respostas para o QSL 166, de acordo com a Tabela 22; revela-se assim que o brincado é bastante conhecido no cotidiano dos informantes, relembrando a infância.

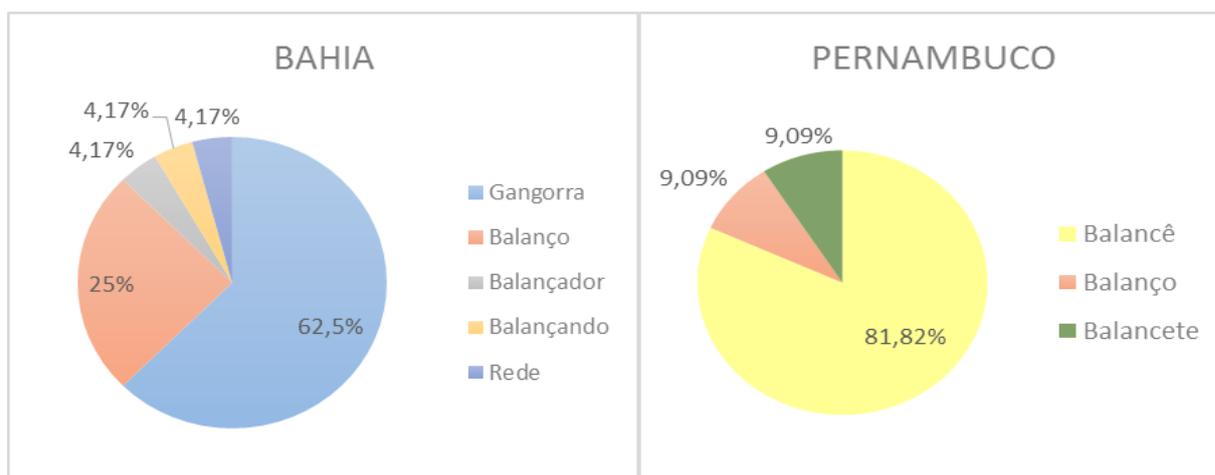
Tabela 22- Respostas obtidas *versus* não obtidas no *corpus* total de *balanço*

RESPOSTAS	TOTAL ABSOLUTO	TOTAL RELATIVO
Não obtidas	1	2,77 %
Obtidas	35	97,22 %
Total	36	100 %

Fonte: Elaborado pela autora

Conforme já se apresentou nas outras análises, a Carta 7 também não aponta isoladamente a produtividade por estado; portanto, o Gráfico 10 permite visualizar dados que já foram relatados nas Tabelas 19 e 20 e que se harmonizam com a apresentação da Carta 07.

Gráfico 9 – Percentual da presença das formas lexicais para *balanço* por estado



Fonte: Elaborado pela autora

Vencidas as etapas anteriores, reserva-se um momento para comparar os dados obtidos com a pesquisa na área do “Falar Baiano” (NASCENTES, 1953) associado a regiões circunvizinhas, desenvolvida por Ribeiro (2012), (exposto na p.405 da tese da autora, na tabela 38 – Frequência das formas lexicais de *balanço* – todas as respostas). Nela *balanço* é a lexia mais produtiva, atingindo o percentual de 60,8%, ocorrendo em 94,7% das localidades pesquisadas; este dado não se assemelha aos dados encontrados nas comunidades ciganas pesquisadas. Todavia, ao observar a Carta 29 – Balanço (constante na página 528 da referida

tese) chega-se, em particular, a lexia *balanço* para o município baiano de Jacobina – comum as duas pesquisas – ao mesmo tempo que se constata no território da Bahia, um grande número de *gangorra* aproximando os resultados encontrados. Ainda em observância a Carta 29, a lexia *balanço* está presente nos pontos pernambucanos que mais se aproximam das comunidades ciganas ouvidas na pesquisa, tornando compatíveis os resultados obtidos.

Na tese de 2012, Ribeiro revela que *gangorra* foi a segunda lexia mais produtiva, com 14,3% e ocorrência em 28,1% das localidades. As lexias *balançador* e *balancete* também são encontradas nas duas pesquisas; entretanto, *bango* (*balango*), *balança*, *zanza*, *balanceio* e outras lexias tidas como respostas únicas apareceram apenas naquele trabalho.

Os dados de Pernambuco constituídos a partir do Atlas Linguístico de Pernambuco, de Edmilson Sá (2013), não abarcam dados e carta linguística do brinquedo *balanço*, por isso mesmo, não é possível empreender uma comparação.

Em resumo, a pergunta “Como se chama uma tábua, pendurada por meio de cordas, onde uma criança se senta e se move para frente e para trás?” (COMITÊ... 2001, P.35) obtiveram-se as respostas nas localidades pesquisadas. Com os dados encontrados, pode-se afirmar:

- alcançou-se 35 ocorrências de respostas válidas (97,22%);
- 100% dos homens, nos dois estados, responderam à questão, mas quanto as mulheres 100% só das baianas;
- o percentual de respostas não obtidas foi de apenas 2,77%;
- quanto à idade, a faixa etária 2 e 3, responderam 100% das questões;
- diante da presença dos dados, abrangendo três municípios dos dois estados, *balanço* é a lexia de maior amplitude geográfica;
- a lexia mais produtiva, no geral, é *gangorra* com 42,86%. Separadamente, *gangorra* é também a mais produtiva na Bahia (62,50%); contudo, em Pernambuco tem-se *balancê* (81,82%);
- *balançador*, *balançando* e *rede* são lexias presente apenas no território baiano, nesta pesquisa, e *balancê* e *balancete* são lexias encontradas área geográfica estudada no Estado de Pernambuco.

5.6 AMARELINHA

Quadrados numerados no chão, uma pedrinha (ou qualquer outro objeto) na mão e está pronta a brincadeira. De origem francesa, a amarelinha foi trazida ao Brasil pelos portugueses e popularizou-se rapidamente, pois pode ser jogada em, praticamente, qualquer lugar que tenha um pouco de espaço livre e não requer recurso financeiro.

A brincadeira consiste em pintar, ou desenhar com giz, linhas no chão, que podem ainda ser delineadas na terra, com o auxílio de um graveto. Depois, basta numerar os quadrados e nomear, em algumas modalidades, o último espaço como “Céu”. Lança-se a pedrinha (ou outro objeto) nas casas numeradas em ordem crescente e o jogador da vez percorre o diagrama, pulando, alternadamente, com uma perna só ou com as duas, conforme a numeração. Durante o caminho traçado, não se pode pisar na casa marcada, nem nas linhas, e nem esquecer de recolher a pedrinha na volta. A brincadeira possui dezenas de variações, mudando, principalmente, o formato dos riscos no chão.

Jogar amarelinha é uma atividade infantil (também praticada por adultos) muito conhecida e tradicional no Brasil. Além de auxiliar o desenvolvimento motor da criança, que, ao pular as casas, trabalhará a agilidade, coordenação e força; desperta e exercita habilidades como contar, raciocinar, bem como melhorar o equilíbrio; ajuda, ao mesmo tempo, a conhecer e a escrever os números e aprimorar o raciocínio lógico matemático.

Figura 20 – Brincando de amarelinha



Fonte: Disponível em: <http://escolamaringa1.blogspot.com.br/2010/09/brincando-de-amarelinha.html> >. Acesso em: 20 jan. 2017.

“Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” (COMITÊ... 2001, p.35). Essa é a questão objeto de reconhecimento da atividade lúdica e a proposição dela não gerou nenhum problema de compreensão. A pergunta 167 do QSL – *amarelinha* – apresentou, nos dois estados, entre os 36 sujeitos da pesquisa, 8 (oito) lexias para nomear a brincadeira de pular casas numeradas no chão.

A lexia *amarelinha* é distribuída no Quadro 16 por localidade pesquisada, sendo identificadas as cidades e os estados em que ocorrem. Infere-se, a partir dos dados reunidos, que (i) *amarelinha* e *pula-pula* são lexias presentes em 3 (três) dos quatro municípios da pesquisa; (ii) a lexia *macaco* esteve presente em 2 (dois) municípios; (iii) *amarelin*, *amarelinho*, *macacão*, *macaquinha* e *ping-pong* são lexias que obtiveram realizações individuais; (iv) em todos os municípios pesquisados, informantes não responderam à questão; (v) 8 lexias variantes foram encontradas para nomear a brincadeira em questão.

Quadro 16: Distribuição da lexia *amarelinha* por localidade

LEXIAS	BAHIA		PERNAMBUCO	
	Miguel Calmon	Jacobina	Flores	Ouricuri
1. Amarelin				X
2. Amarelinha	X	X		X
3. Amarelinho			X	
4. Macacão		X		
5. Macaco		X		X
6. Macaquinha				X
7. Ping-pong	X			
8. Pula-pula	X	X		X
9. Não sei	X	X	X	X

Fonte: Elaborado pela autora

Nos dados gerais, *amarelinha* apareceu como resposta mais produtiva em 14 dos 36 informantes, com um valor relativo de 38,88%. Com base nos critérios de neutralização da variação fônica, da flexão de gênero/número, da simplificação da derivação por grau (diminutivo e aumentativo), definiu-se o elemento aglutinador para simplificação das lexias presentes na amostra, a partir do qual surgiram os agrupamentos apresentados no Quadro 17. Mais uma vez, agrupamentos receberam a nomenclatura da própria lexia quando não houve qualquer variação e itens lexicais agrupados, como observado nos casos de *pula-pula* e *ping-pong*, sendo este último inserido no grupo intitulado “outras designações”, por ter ocorrido

como resposta de apenas um informante (homem, da faixa etária 3, alfabetizado e residente em Miguel Calmon-BA).

Quadro 17 – Formas lexicais de *amarelinha*: agrupamentos

AGRUPAMENTOS LEXICAIS (RÓTULO)	ITENS LEXICAIS AGRUPADOS
Amarelinha	amarelin, amarelinha, amerelinho
Macaco	macacão, macaco, macaquinha
Pula-pula	pula-pula
Outras designações	ping-pong

Fonte: Elaborado pela autora

Além do agrupamento decorrente de *pula-pula* – quatro ocorrências sem variação, houve outros dois grupos nomeados a partir das lexias *amarelinha* e *macaco*. A consulta às obras lexicográficas explica tais agrupamentos. Os dicionários, nessa análise, continuaram sendo apresentados na seguinte ordem: Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2012).

Amarelinha é um verbete nas três obras consultadas, trata-se de um regionalismo brasileiro. Houaiss (2009) apresenta as variantes: *academia*, *macaca*, *macaco*, *maré*, *marela*, *sapata*; nesta obra *amarelinha* é uma

[...] brincadeira infantil que consiste em saltar, com apoio numa só perna, casa a casa de uma figura riscada no chão, após jogar uma pequena pedra achatada, ou objeto semelhante, em direção a cada uma das casas (quadrado), sequencialmente, pulando a que contém a pedra ou objeto (HOUAISS, 2009, p.110).

Ferreira (2010, p.121) inicia sua descrição tratando da origem do nome: “Do fr. *Marelie*, donde, por etimologia popular, terá vindo amarela, a que se adicionou, afetivamente, o suf, diminutivo”, na sequência, descreve a mesma brincadeira apresentada pelo Houaiss (2009), “jogo infantil que consiste em pular num pé só sobre as casas riscadas no chão, exceto aquela em que cai a pedra que marca a progressão do brincante”. Ainda dentro desta exposição, traz as mesmas variantes apresentadas pelo Houaiss (2009), no entanto, demarca as áreas onde as lexias são usadas: *macaco*, *marela*, *maré* (MG e GO), *academia* (NE), *sapata* (RS) e abarca ainda a lexia para ludologia como *jogo do homem*, *macaca*, *pé-coxinho*.

A obra Aulete (2012, p.42) é a que traz a acepção de forma mais reduzida, “jogo infantil que consiste em pular, num pé só, uma série de casas riscadas no chão”; no entanto, como todas as outras, descreve a mesma brincadeira, não deixando dúvidas de sua execução mais tradicional nas “figuras/casas riscadas no chão”. *Amarelin* representa uma variação fonética pela perda de uma das consoantes (a palatal nasal) e da vogal final átona; enquanto

que *amarelinho* representa uma flexão de gênero. Ambas as lexias são itens lexicais agrupadas ao rótulo *amarelinha*.

O verbete *macaco* possui 17 acepções no Houaiss (2009), que tratam desde o animal primata, a um tipo de peixe, de planta, indivíduo imitador, uma espécie de aparelho, entre outras. Na acepção 14, Houaiss (2009, p.1207) é remissivo à *amarelinha* e volta-se ao jogo infantil. O mesmo acontece em Ferreira (2010, p. 1298) que na acepção 10, remete à pesquisa para *amarelinha*. O Aulete (2012, p.553) aborda a acepção de zoologia, figurado e da mecânica, não contemplando, em nenhuma das suas apresentações, a brincadeira de pular casas riscadas no chão.

Ao ser consultada a lexia *pula-pula* no Houaiss (2009, p.1575/1576), observa-se mais um regionalismo do Brasil, descrito em rubrica da ludologia como

[...] brinquedo para crianças, constituído de uma haste com apoios para as mãos na extremidade superior e uma pequena plataforma na extremidade inferior para o apoio dos pés, por baixo da qual existem molas ou peças de borracha, que permitem à criança saltar do chão, em pé no aparelho (HOUAISS, 2009, p.1575-1576).

ou ainda um segundo brinquedo que é uma “espécie de cama elástica dentro de um recinto com paredes acolchoadas, para diversão das crianças”. Conforme figuras 21 e 22, o que se tem ilustrado são brinquedos, enquanto a questão 167 do QSL busca uma brincadeira.

Figura 21 – Pula-pula: brinquedo coletivo



Fonte: Disponível em: < <http://www.esporteexpress.com/cama-elastica-pula-pula-trampolim-2-60-m-nacional-mundo-azul-cod-50611>>. Acesso em: 20 jan 2017.

Figura 22 – Pula-pula: brinquedo individual



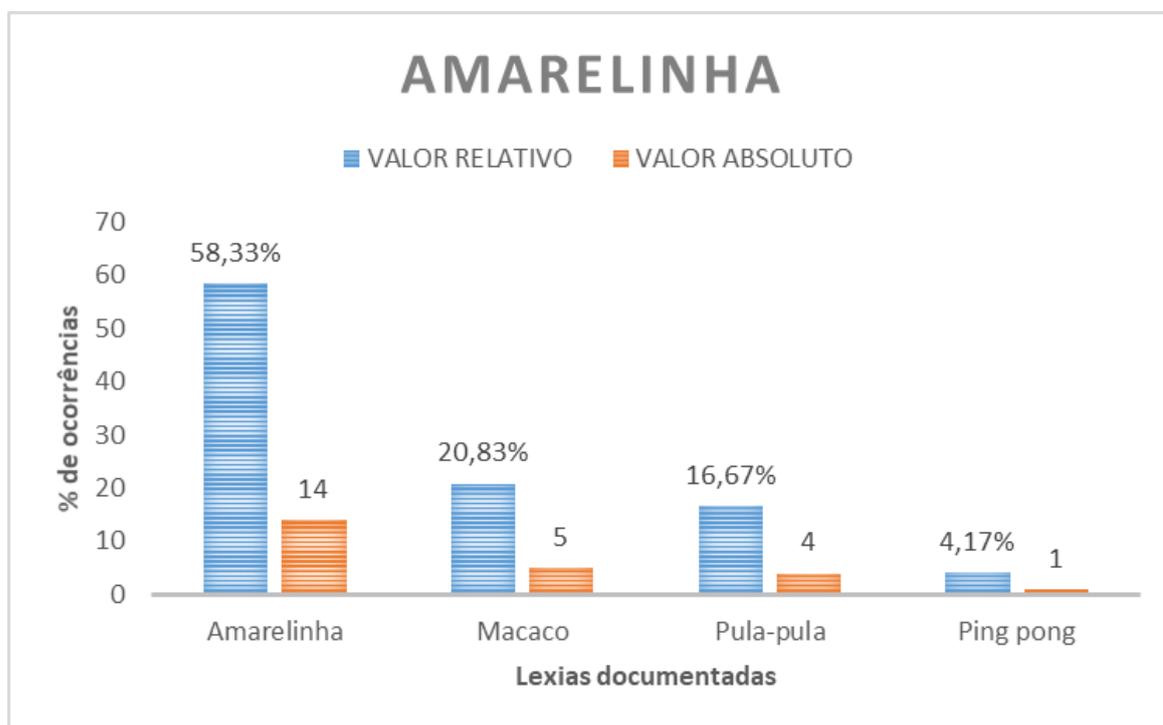
Fonte: Disponível em: < http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-722232091-pula-pula-jump-ball-homem-aranha-_JM>. Acesso em: 20 jan 2017.

Ferreira (2010, p.1737) menciona a ação de “elevar-se do chão imprimindo ao corpo um impulso mais ou menos rápido; saltar”, que, embora seja a descrição de uma brincadeira, não é a que se busca no questionamento. Não consta o verbete no Aulete (2012).

Em outras designações, como resposta única de informante da cidade de Miguel Calmon-BA, retratou-se, como resposta, a lexia *ping-pong* (ou *pingue pongue*, já abrigado). O verbete encontra-se dicionarizado nas três obras consultadas, no Houaiss (2009, p.1493), Ferreira (2010, p.1636) e Aulete (2012, p.677). Na obra lexicográfica de 2010, trata-se de “jogo que consiste em arremessar sobre uma rede, com uma pequena raqueta, uma bola de celuloide, para o lado oposto de uma mesa, de modo que a bola toque na área do adversário, a quem cabe devolvê-la após um só toque na mesa, sob pena de perder um ponto”, as demais obras seguem a mesma acepção, não tendo, portanto, nenhuma relação com a brincadeira *amarelinha*, objeto desta análise.

Os dados atestam que 12 foram as respostas não obtidas a partir da aplicação do questionamento – o que equivale a um valor relativo de 33,33%, resultado que indica que, na totalidade dos informantes, 24 (66,66%) declararam uma das oito lexias para nomear *amarelinha*.

GRÁFICO 10 – *Amarelinha*: produtividade por lexia



Fonte: Elaborado pela autora

Dentre as oito variantes que denominam, na pesquisa, o jogo infantil, quatro passam a designá-la após organização dos agrupamentos lexicais. Tendo consultado as obras lexicográficas observa-se que:

- (i) *amarelinha* é um verbete dicionarizado, que se refere à brincadeira objeto da questão 167 do QSL, como conceituado em Aulete (2012), Ferreira (2010) e Houaiss (2009);
- (ii) *macaco* é um verbete com várias acepções, entre as quais, uma faz referência à brincadeira, tanto em Houaiss (2009) quanto em Ferreira (2010). O verbete tem outra acepção no Aulete (2012);
- (iii) *pula-pula* é um verbete dicionarizado em Houaiss(2009) e Ferreira (2010); no entanto, ele faz referência a outros dois brinquedos;
- (iv) *ping-pong* é um verbete presente nas três obras consultadas, mas trata de outra acepção.

As denominações *amarelinha* e *macaco* são as que manifestam a brincadeira em questão, contempladas lexicograficamente nas obras pesquisadas; *ping pong* diz respeito à outra brincadeira e *pula-pula*, por sua vez, refere-se a um brinquedo.

Após descortinar o conhecimento lexicográfico visto por meio dos verbetes consultados e, conseqüentemente, auxiliada por ele, debruça-se sobre a análise estatística. *Amarelinha* é a lexia mais produtiva, representando 58,33% na distribuição geral da pesquisa. Separadamente, ela atinge 56,25% de produtividade na Bahia e 62,50% em Pernambuco, sendo a mais produtiva nos dois estados, conforme nos revelam as Tabelas 23 e 24.

Tabela 23 - Distribuição do item lexical *amarelinha* por produtividade na Bahia

Número da questão: 167

Questão Amarelinha

Variantes	Número de ocorrências	%
BA - Bahia		
Amarelinha	9	56.25%
Pula-pula	3	18.75%
Macaco	3	18.75%
Ping pong	1	6.25%
	16	
NS	8	100.00%
PT	0	0.00%
	8	

Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

Nesta pesquisa, 22,22% dos informantes baianos (8) e 33,33% dos pernambucanos (4) não atribuíram nenhuma lexia para tal questionamento. Na Bahia, *pula-pula* e *macaco* atingem 18,75% cada; as mesmas lexias se repetem em Pernambuco, porém, *macaco* aparece com uma frequência maior, 25%, enquanto que o *pula-pula* alcança 12,50%. Verifica-se a semelhança das lexias empregadas nos dois estados para o significante buscado, variando apenas a posição da segunda e terceira posição, entre *macaco* e *pula-pula*.

TABELA 24 - Distribuição do item lexical *amarelinha* por produtividade em Pernambuco

Número da questão: 167

Questão Amarelinha

Variantes	Número de ocorrências	%
PE - Pernambuco		
Amarelinha	5	62.50%
Macaco	2	25.00%
Pula-pula	1	12.50%
	8	
NS	4	100.00%
PT	0	0.00%
	4	

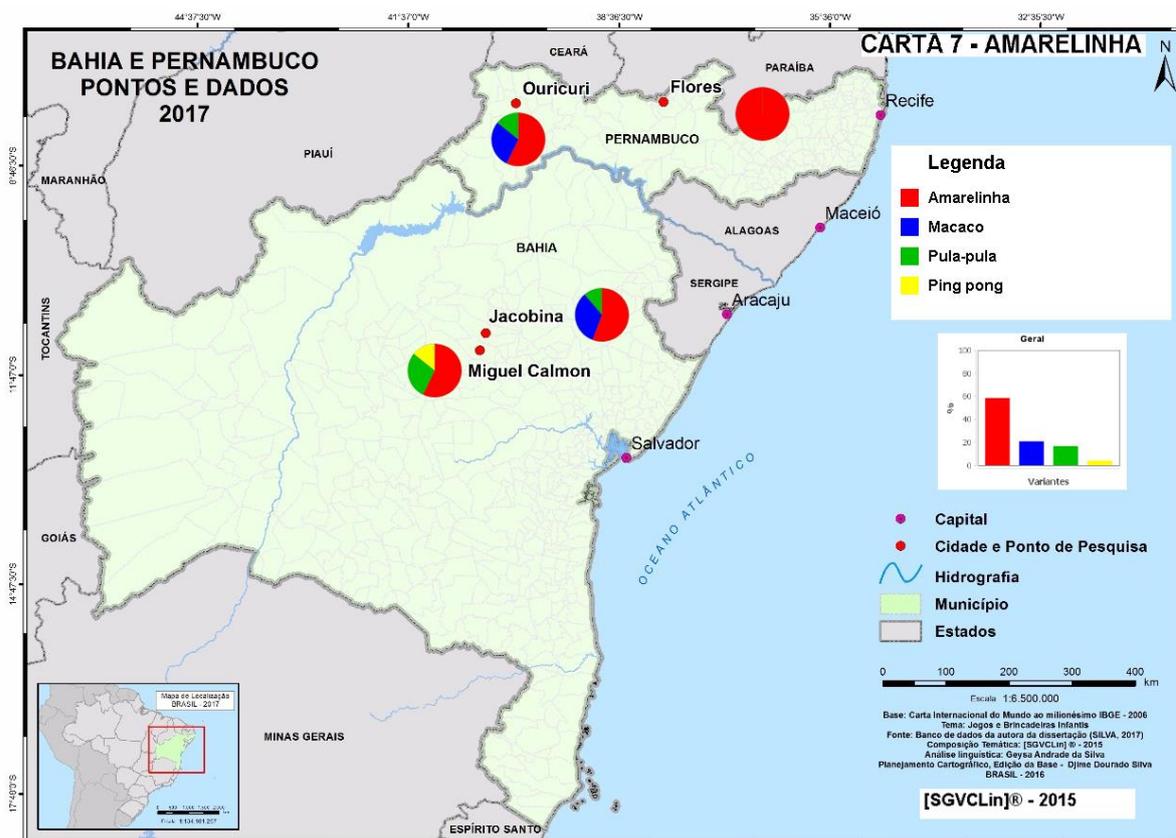
Fonte: Elaborado a partir do SGVCLin

A Figura 23 corrobora com as informações reveladas pelos dados e detalha aspectos específicos dos pontos. Nesse sentido, confirma que *amarelinha* (representada pela cor vermelha) se faz presente em todos os pontos geográficos pesquisados e é categórica em Flores - PE; que *pula-pula*, apesar de aparecer em três municípios, é a terceira lexia mais produtiva, com 16,67% das respostas válidas, representada na carta pela cor verde; que *macaco* aparece em um ponto de cada estado, mas é a segunda lexia mais produtiva, perfazendo 20,83% do total dos 24 informantes que responderam à questão 167 do QSL.

Observa-se, ainda, através da Carta 7, que *ping-pong* encontra-se somente no município de Miguel Calmon – BA, realização de um informante masculino, da faixa etária 3, alfabetizado.

A Carta 7 apresenta as quatro lexias produtivas (*amarelinha*, *macaco*, *pula-pula*, *ping-pong*), objeto de resposta ao questionamento e representa a totalidade do que se obteve na coleta de dados.

Figura 23 – CARTA 7 – AMARELINHA



Fonte: Elaborado pela autora a partir do SGVCLin

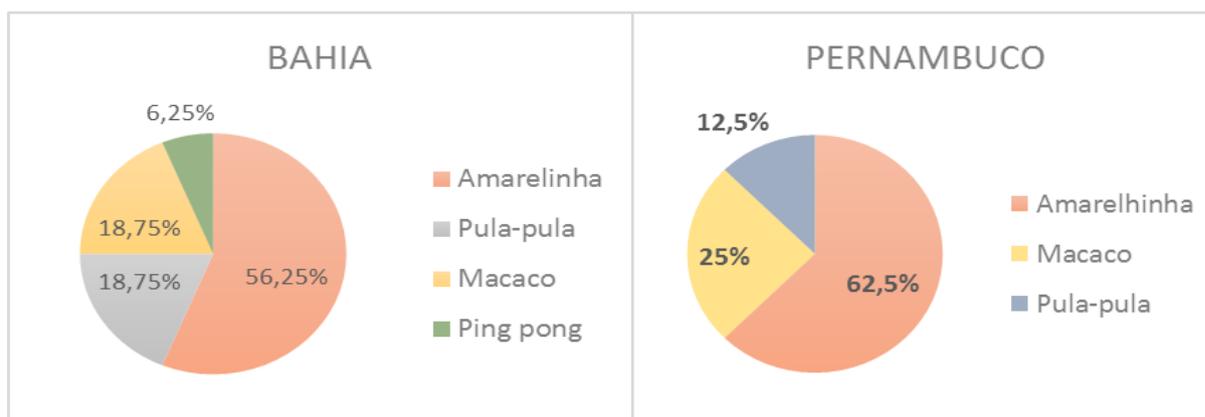
A Tabela 25 evidencia que as respostas válidas abrangem um valor absoluto de 24, além de mostrar que a brincadeira é experimentada no cotidiano dos informantes, mas quando 12 informantes não responderam à questão, revela-se que não é uma unanimidade dominar a lexia que a representa questão.

Tabela 25 - Respostas obtidas *versus* não obtidas no *corpus* total de *amarelinha*

RESPOSTAS	TOTAL ABSOLUTO	TOTAL RELATIVO
Não obtidas	12	33,33 %
Obtidas	24	66,66 %
Total	36	100 %

Fonte: Elaborado pela autora

Por não ser apresentada, na Carta 7, a produtividade por estado isoladamente, complementam-se as informações estatísticas a partir do Gráfico 12, no qual se consegue, visualmente, observar a variação de *macaco* e *pula-pula* nas posições dois e três, de frequência por produtividade na Bahia e em Pernambuco.

Gráfico 11 – Percentual da presença das formas lexicais para *amarelinha* por estado

Fonte: Elaborado pela autora

Na pesquisa de Ribeiro (2012), foram coletadas 27 formas lexicais (sem agrupamento) como resultado da aplicação da pergunta 167 do QSL, as quais, reunidas em grupos lexicais, geraram 9 (nove) agrupamentos diferentes: *academia*, *amarelinha*, *avião*, *baliza*, *capiçola*, *macaco*, *maê*, *maré* e as respostas únicas. A lexia mais produtiva é *macaco*, com 39,9% das respostas válidas e presente em 64,9% das localidades pesquisadas; em segunda frequência, vem *amarelinha*, presente em 52,6% das localidades e com um valor relativo de 31,4% de respostas.

Na amostra da Área do *Falar Baiano* e na área de controle, sobre a qual se situa a pesquisa de Ribeiro (2012), a realização de *amarelinha* e *macaco* revela uma relação de proximidade com os dados coletados nas comunidades ciganas, e o encontro da lexia *academia* é também ponto de contato com o trabalho de Sá (2013). As demais lexias, entretanto, apareceram apenas naquele trabalho.

Na Carta 41, apresentada por Sá (2013, p. 331), registra-se, no Estado de Pernambuco, os dados coletados em Custódia, os quais revelaram 50% de *(a)cademia* e 50% *avião*, tais lexias não aparecem na amostra analisada neste estudo. Quanto aos dados de Ouricuri, estes não constam na Carta, embora, na metodologia, o pesquisador revele que só tratará de dados que tenham atingido o mínimo de 2 (duas) ocorrências, o que leva a crer ser este o motivo da não apresentação. Salienta-se, no entanto, que, nos comentários, é apresentada a lexia *brincadeira do quadrinho* como resposta de um informante – mulher da faixa 1.

Sá (2013) registra, para além de *(a)cademia* e *avião*, as lexias *amarelinha* e *macaco*, marcadas na área geográfica de Pernambuco, aproximando a resposta dos dados encontrados nesta pesquisa, que tem *(a)cademia* como lexia mais produtiva.

Os apêndices M e N documentam a distribuição da lexia *amarelinha* nas formas de ocorrência, lexia original, com indicação do informante.

Nos quatro municípios pesquisados, perguntou-se “Como se chama a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadrados numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando com uma perna só?” (COMITÊ... 2001, p.35). Consoante a análise dos dados, pode-se considerar que:

- houve 24 ocorrências de respostas válidas (66,66%);
- Ouricuri - PE foi a localidade que obteve mais respostas ao questionamento – 77% dos informantes responderam à questão;
- considerando o número geral de informantes da pesquisa (incluindo respostas não obtidas), das mulheres participantes, 66,66% atribuíram uma lexia para tal pergunta e, 72,22% dos homens;
- quanto à idade, a faixa etária 3 apresenta o maior número de respostas não obtidas, com 50% das não respostas; enquanto que a faixa etária 1 tem a maior produtividade de resposta com 83,33%;
- *amarelinha* é a lexia de maior amplitude geográfica, pois abrange os quatro municípios, os dois estados;
- *Ping-pong* é uma lexia presente apenas no território baiano, em um dos municípios.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitas foram as motivações que guiaram esta pesquisa, tanto no âmbito pessoal quanto no teórico e metodológico; este último, descortinou um horizonte amplo e prazeroso. Percorrer trilhas conduz a inúmeras reflexões e, para além das teorias, outras acerca do compromisso com a pesquisa, do encanto pelo trabalho de campo, da importância dos sujeitos identitários aqui revelados através das lexias documentadas, dos posicionamentos teóricos adotados, do olhar do outro, do próprio olhar.

Procurou-se fazer um relato consistente sobre o projeto “Comunidades ciganas da Bahia e de Pernambuco: léxico, cultura e sociedade” e rever princípios norteadores das ciências que aportaram este estudo: Lexicologia, Dialectologia e a interface com a Sociolinguística (embora aqui, controlar fatores sociais não representou resultado).

Trabalhou-se com lexias documentadas a partir da aplicação do extrato do Questionário Semântico-lexical do ALiB, na área semântico-lexical 10 – “Jogos e diversões infantis”. Pode-se observar, neste estudo, a influência da variação diatópica nas comunidades pesquisadas da Bahia e de Pernambuco. Correlacionaram-se também os itens lexicais encontrados e suas possíveis variantes com as variáveis extralinguísticas oferecidas pela Sociolinguística – faixa etária, sexo e escolaridade.

Expressar suas ideias, as de seus contemporâneos e da comunidade a que pertence é algo que o léxico nos permite, uma vez que é agente modificador e que imprime marcas na nossa identidade. Sendo um componente da língua, usado na interação humana, manifestará a cultura; portanto, léxico e cultura são indissociáveis. Ao longo dos anos, e a partir do convívio com o outro e com os agentes de padronização a que se tem acesso no meio social, vai-se desenhando o léxico ativo e passivo guardado na memória.

O léxico cigano não foge à regra e é marcado pela assimilação de muitos vocábulos da língua portuguesa, oriundo nomeadamente, do contato com diversas regiões e até países por onde esse povo passou e continua a passar. O léxico escolhido pelos ciganos das comunidades linguísticas selecionadas para responder ao extrato do Questionário Semântico-Lexical na área semântico-lexical de Jogos e diversões infantis desta pesquisa revelou variantes lexicais fortemente marcadas pela variação diatópica. A intercomparação dos resultados obtidos nas comunidades ciganas pesquisadas com aqueles documentados nas pesquisas de Ribeiro (2012) e Sá (2013) asseguram tal afirmação.

Dentro de um padrão de análise, ofereceu-se a consulta às obras lexicográficas Houaiss (2009), Ferreira (2010) e Aulete (2012), buscando contextualizar, através dos

verbetes, os referentes, identificando a extensão de sentidos destes e levantando outras variantes.

Isto posto, os dados finais revelam que:

- (i) *Cambalhota*, objeto da questão 155 do QSL, foi a lexia com maior número de variantes documentadas na pesquisa. Após agrupamento, ficou definida em sete rótulos: *cambalhota*, *cambota*, *combona*, *cumbunda*, *ginástica*, *mortal* e *outras designações*, sendo as lexias mais produtiva *cambota*, *combona* e *cumbunda*, todas com 18,18% de frequência, se comparados dados de Bahia e de Pernambuco.
- (ii) A lexia usada para responder à questão “Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?” (COMITÊ..., 2001, p.34) foi *gude*, na Bahia, e *bila*, em Pernambuco, atingindo 100% das respostas válidas;
- (iii) *Estilingue* não foi documentada na amostra pesquisada, que tem *badogue*, *badoque*, *baladeira* e *peteca* como lexias localizadas no *corpus* desta pesquisa, sendo *badogue* a mais produtiva, com um valor relativo de 61,11% de produtividade;
- (iv) O brinquedo que consiste de um tábuca estreita e longa equilibrada, fixada no ponto central e que se move usando o princípio simples da alavanca teve como rótulos dos agrupamentos lexicais as lexias *balança*, *balancê*, *balanço*, *gangorra* e *outras designações*. Entre estas, *gangorra* foi a mais produtiva na Bahia, com 46,67%, e em Pernambuco, *gangorra* e o *balanço* obtiveram 37,50% de frequência;
- (v) *Balanço* – objeto da questão 166 do QSL – teve 42,86% de respostas válidas em *gangorra*, enquanto a lexia dicionarizada do brinquedo em questão (*balanço*) ficou na terceira posição mais produtiva, com 20% das respostas documentadas;
- (vi) *Gangorra* é uma lexia que serve para nomear as QSL 165 e 166 para os informantes da pesquisa;
- (vii) *Amarelinha*, *macaco* e *pula-pula*, além de *outras designações*, revelam o grupo objeto da questão 176 do QSL. *Amarelinha* foi a lexia que apareceu nos quatro pontos da rede e teve maior produtividade em ambos os estados, apesar de 33,33% de respostas não obtidas.

A constituição do *corpus* revelou que a área semântico-lexical é bastante conhecida pelos informantes, prova disso é que 86,11% de respostas válidas foram documentadas, destacando-se os dados para o conceito objeto de QSL 157 – *estilingue* – com 100% de aproveitamento, ao passo que *gangorra* atingiu o menor índice, com 63,88%.

Comprovou-se que o *romani*, usado para reforçar a identidade étnica, tem sofrido mais modificações da língua por onde andam os ciganos do que tem influenciado as línguas maternas desses territórios, podendo ao longo dos anos, tornar-se uma língua morta. Não foi documentada nenhuma lexia própria dos ciganos, ou que não tenha aparecido nas demais pesquisas, ou que não tenha um tipo de ligação com o referente.

Embora o *romani* não tenha sido o objeto de estudo desta pesquisa, é importante conseguir adentrar nos grupos ciganos e na língua usada pelos mesmos no interior de suas relações para realizar pesquisas, pois assim haverá uma chance de melhor definir a estrutura desta língua e a origem dos vocábulos por eles utilizados; impedindo, não só que a língua desapareça, mas também que seja linguisticamente valorizada. Salva-se, assim, um aspecto cultural que permeia a humanidade.

Salman Rushdie (apud FONSECA, 1996, quarta capa) revela que

Vivendo numa sociedade fechada, com uma língua complexa e sempre cambiante, códigos de comportamentos rígidos e tabus milenares, os ciganos – os roma – sempre cultivaram os estereótipos com que eram estigmatizados nos países onde se instalavam. Manter sua marginalidade era essencial para evitar a contaminação com a impureza – mahrime – inerente a todo e qualquer *gadjo* (não-cigano).

Neste sentido, a pesquisa é um *continuum*, uma semente, e revelou itens lexicais empregados pelo povo cigano – comunidade linguística analisada – fazendo o controle de variáveis extralinguísticas, em especial, a diatópica. Tais dados representam uma amostra do conhecimento lexical espalhado por este país e ajudará a traçar um perfil do grupo étnico em questão, além de permitir debruçar-se sobre suas bases científicas.

Das treze questões que compõem a área semântico-lexical analisada, a pesquisa deteve-se, especificamente, em seis, por ter adotado o critério da comparação de dados obtidos em outras pesquisas; contudo, aspectos referentes às demais questões do inquirido, que não foram aqui analisadas, estão reservadas para estudos posteriores. Nem todas as respostas e vieses foram encontrados, mas, em se tratando de língua, nem tudo é tão objetivo e imediatista, deixe-se o texto descansar.

Foi possível comprovar, através das cartas léxicas, a influência da área de investigação – estados de Bahia e Pernambuco – na realização lexical dos ciganos sujeitos desta pesquisa e também perceber que, outras vezes, não houve restrição a esses limites, distribuindo-se a lexia amplamente pela rede de pontos.

Todas as etapas mostraram-se de elevada importância, e quanto mais se distanciava do ponto de partida, documentando lexias e vivenciando a diversidade cultural da etnia, mais a

investigação exigia aporte teórico e os dados ditavam o caminho pelo eixo horizontal, no qual a distribuição no espaço geográfico fez-se de extrema pertinência.

Os resultados encontrados permitem, então, afirmar que o presente estudo tem um aporte significativo, por se tratar de um campo de investigação com potencial considerável dentro de uma comunidade sem registros. Espera-se ter contribuído com os estudos linguísticos nessa área específica e fornecido dados significativos de itens lexicais usados pelo povo cigano nas regiões selecionadas, preenchendo um espaço vazio no que diz respeito ao conhecimento dessa temática, uma vez que não se tem, até o momento, conhecimento de documentações referentes a lexias usadas por esse grupo de pessoas, o que imprime um caráter inovador à pesquisa. O fato de não ter sido encontrada uma lexia própria do grupo de etnia cigana é, neste estudo, fortemente marcado pela diatopia, um dado importante e retoma a necessidade do redimensionamento da pesquisa em relação ao projeto inicial, abrindo caminhos para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina M. S.. A teoria dos campos lexicais. In: ALMEIDA, Ariadne Domingues; SANTOS, Elisângela Santana dos; SOLEDADE, Juliana (Org.). **Saberes lexicais: mundos, mentes e usos**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 73-92.
- _____. A Lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. XV, n. 5, t. 2, p. 1332-1343, 2011.
- _____. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro; SANTOS, Rosa Borges (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto Editora, 2006. p. 213- 225.
- AGUILERA, Vanderci A.. A metodologia e sua aplicação no campo. In: CARDOSO, Suzana et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: Eduel, 2014a. p. 95-111.
- ANTUNES, Irandé. O léxico de uma língua. In: _____ **Território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 27-50.
- ARAGÃO, M. S.. O atlas prévio dos falares baianos e os atlas nordestinos: variação lexical. In: **Estudos: Linguísticos e Literários**, Salvador: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, n. 46, p. 101-120, jul./dez., 2012.
- AULETE, Caldas. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012. 1072 p.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A formação e a consolidação da norma lexical e lexicográfica no português do Brasil. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida (Org.). **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Pontes, 2002. p. 65-82.
- _____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001a, v. 1, p. 265-274.
- _____. **Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional**. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001b. 356p.
- _____. O léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001c, v. 1, p. 13-22.
- BRASIL. **Decreto nº 30.643**, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Senado Federal, Subsecretaria de Informações, Brasília- DF, 1952.
- CALLOU, Dinah. O atlas prévio dos falares baianos (APFB) e o estudo da variação linguística no Brasil. In: **Estudos: Linguísticos e Literários**, n. 46, Salvador: Programa de

Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, 13-31, jul./dez., 2012.

CALVET, L-J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

CARDOSO, Suzana et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: Eduel, 2014a.

_____. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 2. Londrina: Eduel, 2014b.

_____. A história do Atlas Linguístico do Brasil. In: CARDOSO, Suzana et al.. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: Eduel, 2014a. p. 17-29.

_____. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. Projeto Atlas Linguístico do Brasil – Projeto ALIB: descrição e estágio atual. **Revista da ABRALIN**, v. 8, n. 1, p. 185-198, jan./jun., 2009.

CARVALHO, N. M. de. Neologismos na imprensa escrita. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. v. 1. Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2001. p. 65-74.

CASCUDO, Luís Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 3. ed. Brasília: Instituto Nacional do Livro, MEC, 1954.

CASTRO, Yeda Pessoa de. O português do Brasil, uma intromissão nessa história. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernanda Rosa. **África-Brasil**: caminhos da língua portuguesa. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2009. p. 175-183.

COELHO, Adolfo [1892]. **Os ciganos de Portugal**: com um estudo sobre o calão. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionário 2001. Londrina: Ed. UEL, 2001.

COSERIU, E. **Gramática, semântica, universales**: estudos de linguística funcional. 2. ed. Madrid: Gredos, 1987.

ELIZAINCÍN, Adolfo. Sócio y Geolinguística: nueva alianza en los estudios sobre el uso lingüístico. In: **Estudos: Linguísticos e Literários**, Salvador: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, n. 41, p. 13-28, jan./jun. 2010.

FELIPE, Joelma C. R. **Vidas ciganas**: estudo sobre afirmação identitária e processo de territorialidade no sertão pernambucano. 2012. 237 f. Dissertação (Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ecologia Humana e Gestão Socioambiental) – Departamento de Educação – CAMPUS VIII, Universidade do Estado da Bahia, Paulo Afonso, 2012.

FERRARI, Florencia. **Palavra cigana**: seis contos nômades. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FERREIRA, Aurélio B.H.. **Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Som e sentido: inter-relações. In: **Estudos: Linguísticos e Literários**, Salvador: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, n. 46, p. 33-46, jul./dez. 2012.

_____. **A Dialetoлогия no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1984.

FONSECA, Isabel. **Enterrem-me em pé: os ciganos e a sua jornada**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FRASER, Angus. **História do povo cigano**. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Editorial Teorema, 1998.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, Claudio Cezar. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 5. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 99-115.

HERRERA, Antônia Torreão. O nome das coisas. In: ALMEIDA, A.A.D; SANTOS, E.S. dos; SOLEDADE, J. (Org.). **Saberes lexicais: mundos, mentes e usos**. Salvador: EDUFBA, 2015. p. 505-521.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Houaiss de lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA: **Indicadores/Estatísticas**. Disponível em: <<http://www.ibge.org.br/home/estatista/pesquisa/indicadores/php>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina Torres Ferreira; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio. A rede de pontos. In: CARDOSO, Suzana et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: Eduel, 2014a. p. 37 – 78.

_____. Os Atlas regionais brasileiros publicados e em curso: percursos metodológicos. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Documentos 2: projeto atlas linguístico do Brasil**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 67-94.

JAEGER, Ana Cristina. O léxico em perspectiva. In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **O léxico em foco: Múltiplos olhares**. v.1., São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 65-78.

KATO, Mary. Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação intra-linguística. In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elizabeth (Org.). **Estudos linguísticos: realidade brasileira**. João Pessoa: Idéia, 1999. p. 95-106.

LABOV, William [1972]. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LEMOS, Doracy Araújo. **Jacobina, sua história e sua gente/memórias**. 2. ed. Jacobina: Rabisco Editora, 2013.

LOPES, Norma da Silva. O que é que a baiana tem? Uma abordagem de gênero na concordância nominal. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; PARCERO; Lúcia Maria de Jesus (Org.). **Salvador, sob o olhar da Sociolinguística**. Feira de Santana: UEFS, 2013, p. 31-41.

LORENTE, Mercè. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 19 - 30.

LUCCHESI, Dante. Os limites da variação e da invariância na estrutura da gramática. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 227-259, 2. parte, 2011.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, Marcos. (Org.). **Linguística da norma**. 3. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTA, Ático Vilas-Boas da. **Os ciganos do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1984.

MOTA, Jacyra Andrade. Percursos metodológicos: questionários e informantes. In: CARDOSO, Suzana et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. v. 1. Londrina: Eduel, 2014a. p. 79 – 93.

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 43-50.

NASCENTES, Antenor. **Bases para elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa Rui Barbosa, v.1, 1958.

NUNES, José Horta. Lexicologia e lexicografia. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mónica (Org.). **Introdução às ciências da linguagem – A palavra e a frase**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. p. 149-172.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Genivaldo Conceição. **O léxico nosso de cada dia na Bahia e no Paraná: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo**. v. 1 e 2., 2014. 235 f. Tese

(Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

PAIM, Marcela Moura Torres. Identidade social e variação em Salvador. In: LOPES, Norma da Silva; BULHÕES, Lígia Pellon de Lima; PARCERO; Lúcia Maria de Jesus. (Org.). **Salvador, sob o olhar da Sociolinguística**. Feira de Santana: UEFS, 2013. p. 91-105.

_____. Diversidade lexical do português falado na Bahia. In: **Estudos: Linguísticos e Literários**, n. 46, Salvador: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, 233-253, jul./dez., 2012.

PAIVA, Maria da Conceição. A variação gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (Org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 3. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008. p. 33-42.

PASSOS, Lamartine. Coco Moloque. Intérprete: Em canto e poesia. In: **Em canto e poesia**.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

POTTIER, B. **Linguistique générale: théorie et description**. Paris: Klincksieck, 1974.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. “O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical”? Tradução de Almiro Pisetta. In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 21-46.

REY-DEBOVE, Josette. **Léxico e dicionário**. Tradução de Clóvis Barleta de Moraes. ALFA. São Paulo, v. 28, p. 45-69, 1984.

RIBEIRO, Silvana Soares Costa. **Brinquedo e brincadeiras infantis na área do “falar baiano”**. v. 1, 2 e 3. 2012. 752 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

BORTONI- RICARDO, Stella Maris. A Sociolinguística: uma nova maneira de ler o mundo. In: _____. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014. p. 11-21.

SÁ, Edmilson José de. **Atlas Linguístico de Pernambuco**. 2013. 417 f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SENNA, Ronaldo. **A seda esgarçada**. Feira de Santana: UEFS/ OSMAR, 2005.

SILVA, Emanuel Luiz Souza. Condenados às galés. **Revista de História**. 2/2/2011. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/condenados-as-gales.>> Acesso em: 04 maio 2016.

SOUSA, J.M. **Dicionário de lexicografía práctica**. Barcelona: Vox, 1995.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. In: _____. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 119-140.

TEIXEIRA, Rodrigo Côrreia. **Histórias dos ciganos no Brasil**. Recife: Núcleo dos Estudos Ciganos, 2008.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Tradução J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VILLALVA, Alina; SILVESTRE, João Paulo. **Introdução ao estudo do léxico: descrição e análise do português**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. [1968]. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Características dos informantes da Bahia

BAHIA							
LOCALIDADE	INFORMANTE	SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL
MIGUEL CALMON	01Mm1h	Masculino	25	1	Médio completo	Negociante	Solteiro
	02Mm1d	Masculino	26	1	Fundamental I completo	Agiota	Solteiro
	03Mm2a	Masculino	43	2	Não alfabetizado	Agricultor/Negociante	Casado
	04Mm2a	Masculino	48	2	Não alfabetizado	Agricultor/Negociante	Casado
	05Mm3b	Masculino	50	3	Alfabetizado	Agiota	Casado
	06Mm3a	Masculino	61	3	Não alfabetizado	Agricultor/Agiota	Casado
	07Mf1e	Feminino	18	1	Fundamental II completo	Dona de casa	Solteira
	08Mf1c	Feminino	30	1	Fundamental I completo	Dona de casa	Casada
	09Mf2c	Feminino	34	2	Fundamental I incompleto	Dona de casa	Casada
	10Mf2c	Feminino	39	2	Fundamental I incompleto	Dona de casa / artesã	Casada
	11Mf3b	Feminino	55	3	Alfabetizada	Dona de casa	Casada
	12Mf3a	Feminino	58	3	Não alfabetizada	Dona de casa	Casada
JACOBINA	13Jm1g	Masculino	18	1	Médio incompleto	Autônomo / estudante	Casado
	14Jm1e	Masculino	25	1	Fundamental II incompleto	Autônomo	Casado
	15Jm2d	Masculino	40	2	Fundamental I completo	Agricultor/Negociante	Casado
	16Jm2j	Masculino	41	2	Graduação completa	Professor	Casado
	17Jm3c	Masculino	50	3	Fundamental I incompleto	Agricultor	Casado
	18Jm3b	Masculino	57	3	Alfabetizado	Negociante	Casado
	19Jf1c	Feminino	23	1	Fundamental I incompleto	Dona de casa	Casada
	20Jf1d	Feminino	25	1	Fundamental I completo	Dona de casa	Casada
	21Jf2b	Feminino	35	2	Alfabetizada	Dona de casa	Casada
	22Jf2b	Feminino	43	2	Alfabetizada	Dona de casa	Casada
	23Jf3b	Feminino	50	3	Alfabetizada	Dona de casa	Casada
	24Jf3a	Feminino	62	3	Não alfabetizada	Dona de casa	Casada

APÊNDICE B- Características dos informantes de Pernambuco

<i>PERNAMBUCO</i>							
LOCALIDADE	INFORMANTE	SEXO	IDADE	FAIXA ETÁRIA	ESCOLARIDADE	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL
FLORES	27Fm2e	Masculino	32	2	Fundamental II incompleto	Cobrador	Solteiro
	29Fm3a	Masculino	51	3	Analfabeto	Motorista	Casado
	33Ff2a	Feminino	35	2	Analfabeta	Dona de Casa	Viúva

OURICURI	25Om1h	Masculino	18	1	Médio Completo	Estudante	Solteiro
	26Om1i	Masculino	30	1	Graduação incompleta	Construtor	Outro
	28Om2c	Masculino	46	2	Fundamental I incompleto	Carregador / bicos	Outro
	30Om3a	Masculino	52	3	Analfabeto	Negociante	Casado
	31Of1d	Feminino	22	1	Fundamental I completo	Dona de Casa	Casada
	32Of1g	Feminino	29	1	Médio incompleto	Dona de Casa	Outro
	34Of2a	Feminino	47	2	Analfabeta	Dona de Casa	Viúva
	35Of3a	Feminino	58	3	Analfabeta	Dona de Casa	Casada
	36Of3a	Feminino	65	3	Analfabeta	Dona de Casa	Casada

APÊNDICE E - Distribuição da lexia *bola de gude* por informante, na Bahia.

BAHIA						
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA				
		BILA	BOLINHA DE GUDE	GUDE	GRUDE	NÃO SEI
MIGUEL CALMON	01Mm1h			X		
	02Mm1d			X		
	03Mm2a			X		
	04Mm2a			X		
	05Mm3b			X		
	06Mm3a			X		
	07Mf1e				X	
	08Mf1c				X	
	09Mf2c				X	
	10Mf2c				X	
	11Mf3b				X	
	12Mf3a				X	
JACOBINA	13Jm1g			X		
	14Jm1e		X			
	15Jm2d				X	
	16Jm2j			X		
	17Jm3c				X	
	18Jm3b				X	
	19Jf1c				X	
	20Jf1d			X		
	21Jf2b			X		
	22Jf2b			X		
	23Jf3b					X
	24Jf3a				X	

APÊNDICE F - Distribuição da lexia *bola de gude* por informante, em Pernambuco.

PERNAMBUCO						
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA				
		BILA	BOLINHA DE GUDE	GUDE	GRUDE	NÃO SEI
FLORES	27Fm2e	X				
	29Fm3a	X				
	33Ff2a	X				
OURICURI	25Om1h	X				
	26Om1i	X				
	28Om2c	X				
	30Om3a	X				
	31Of1d	X				
	32Of1g	X				
	34Of2a	X				
	35Of3a	X				
	36Of3a	X				

APÊNDICE G - Distribuição da lexia *estilingue* por informante, na Bahia.

BAHIA						
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA				
		BADOGUE	BADOQUE	BAGODE	BALADEIRA	PETECA
MIGUEL CALMON	01Mm1h	X				
	02Mm1d	X				
	03Mm2a	X				
	04Mm2a		X			
	05Mm3b	X				
	06Mm3a	X				
	07Mf1e			X		
	08Mf1c	X				
	09Mf2c			X		
	10Mf2c	X				
	11Mf3b	X				
	12Mf3a	X				
	JACOBINA	13Jm1g	X			
14Jm1e		X				
15Jm2d		X				
16Jm2j		X				
17Jm3c		X				
18Jm3b		X				
19Jf1c				X		
20Jf1d				X		
21Jf2b		X				
22Jf2b		X				
23Jf3b		X				
24Jf3a			X			

APÊNDICE H - Distribuição da lexia *estilingue* por informante, em Pernambuco.

PERNAMBUCO						
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA				
		BADOGUE	BADOQUE	BAGODE	BALADEIRA	PETECA
FLORES	27Fm2e					X
	29Fm3a					X
	33Ff2a					X
OURICURI	25Om1h				X	
	26Om1i				X	
	28Om2c				X	
	30Om3a				X	
	31Of1d				X	
	32Of1g				X	
	34Of2a				X	
	35Of3a				X	
	36Of3a				X	

APÊNDICE I - Distribuição da lexia *gangorra* por informante, na Bahia.

BAHIA							
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA					
		BALANÇA	BALANCÊ	BALANÇO	BARCO	GANGORRA	NÃO SEI
MIGUEL CALMON	01Mm1h					X	
	02Mm1d					X	
	03Mm2a						X
	04Mm2a	X					
	05Mm3b						X
	06Mm3a			X			
	07Mf1e						X
	08Mf1c						X
	09Mf2c						X
	10Mf2c			X			
	11Mf3b						X
	12Mf3a			X			
JACOBINA	13Jm1g					X	
	14Jm1e					X	
	15Jm2d			X			
	16Jm2j						X
	17Jm3c						X
	18Jm3b					X	
	19Jf1c					X	
	20Jf1d			X			
	21Jf2b				X		
	22Jf2b					X	
	23Jf3b						X
	24Jf3a	X					

APÊNDICE J - Distribuição da lexia *gangorra* por informante, em Pernambuco.

PERNAMBUCO							
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA					
		BALANÇA	BALANCÊ	BALANÇO	BARCO	GANGORRA	NÃO SEI
FLORES	27Fm2e						X
	29Fm3a					X	
	33Ff2a						X
OURICURI	25Om1h					X	
	26Om1i			X			
	28Om2c			X			
	30Om3a					X	
	31Of1d						X
	32Of1g		X				
	34Of2a			X			
	35Of3a						X
	36Of3a		X				

APÊNDICE K - Distribuição da lexia *balanço* por informante, na Bahia.

BAHIA									
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA							
		BALANÇADOR	BALANÇANDOR	BALANCÊ	BALANCETE	BALANÇO	GANGORRA	REDE	NÃO SEI
MIGUEL CALMON	01Mm1h					X			
	02Mm1d		X						
	03Mm2a						X		
	04Mm2a							X	
	05Mm3b						X		
	06Mm3a						X		
	07Mf1e					X			
	08Mf1c						X		
	09Mf2c						X		
	10Mf2c						X		
	11Mf3b						X		
	12Mf3a						X		
JACOBINA	13Jm1g					X			
	14Jm1e						X		
	15Jm2d						X		
	16Jm2j						X		
	17Jm3c						X		
	18Jm3b					X			
	19Jf1c					X			
	20Jf1d					X			
	21Jf2b						X		
	22Jf2b						X		
	23Jf3b						X		
	24Jf3a					X			

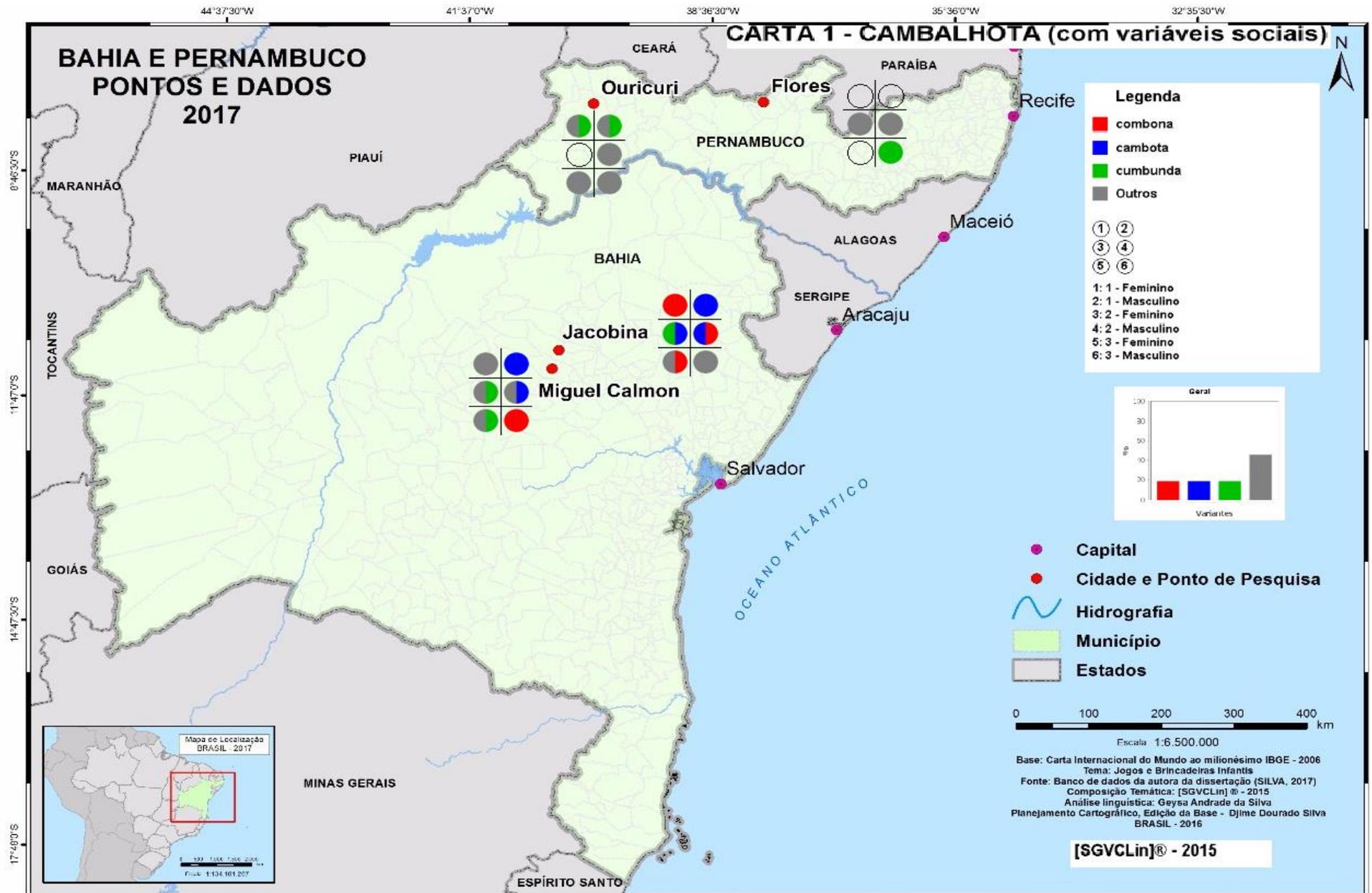
APÊNDICE L - Distribuição da lexia *balanço* por informante, em Pernambuco.

PERNAMBUCO									
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA							
		BALANÇADOR	BALANÇANDOR	BALANCÊ	BALANCETE	BALANÇO	GANGORRA	REDE	NÃO SEI
FLORES	27Fm2e			X					
	29Fm3a					X			
	33Ff2a			X					
OURICURI	25Om1h			X					
	26Om1i			X					
	28Om2c				X				
	30Om3a			X					
	31Of1d			X					
	32Of1g								X
	34Of2a			X					
	35Of3a			X					
	36Of3a			X					

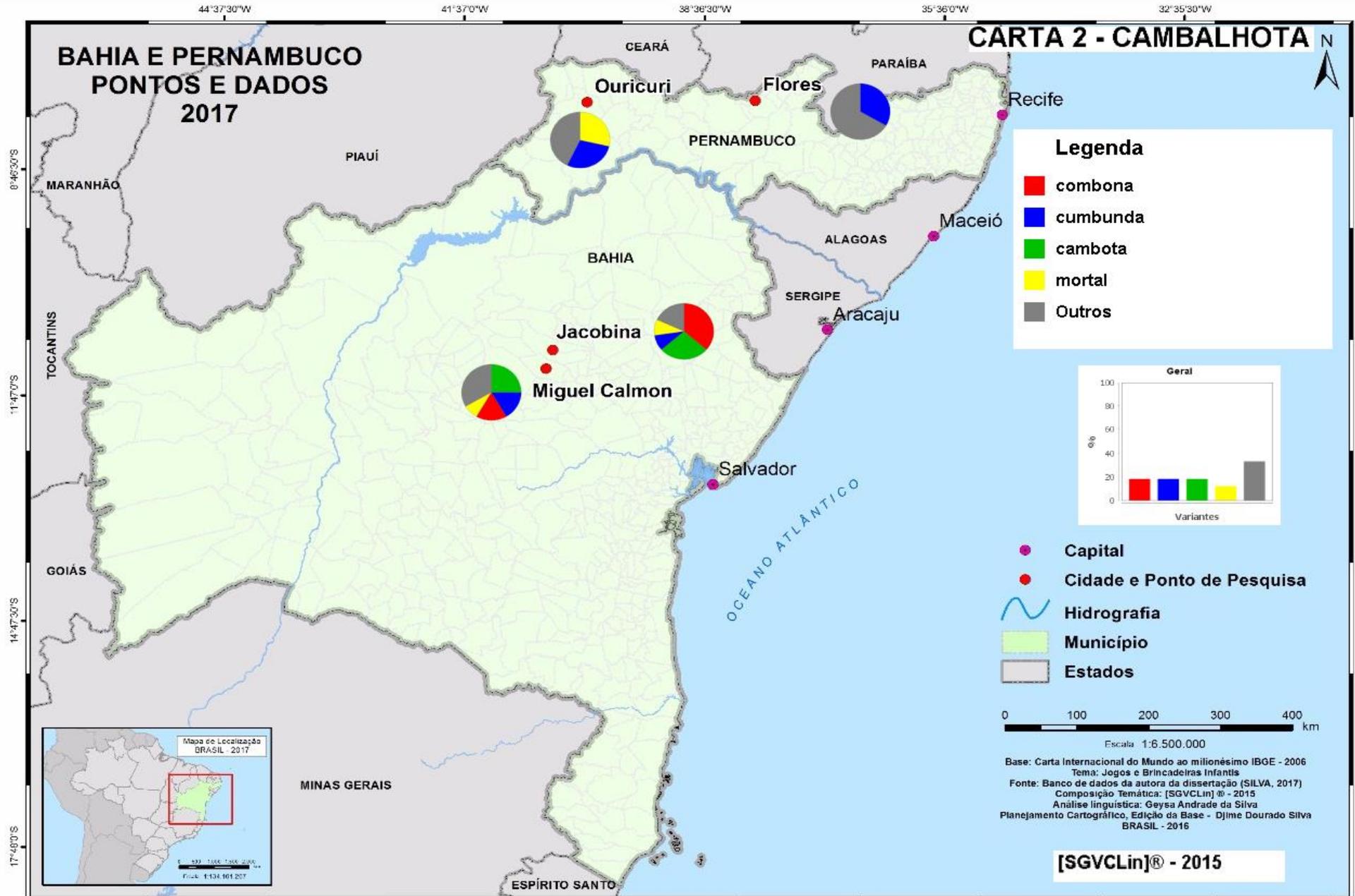
APÊNDICE N - Distribuição da lexia *amarelinha* por informante, em Pernambuco.

PERNAMBUCO										
MUNICÍPIO	INFORMANTE	LEXIA								
		AMARELIN	AMARELINHA	AMARELINHO	MACACÃO	MACACO	MACAQUINHA	PING-PONG	PULA-PULA	NÃO SEI
FLORES	27Fm2e									X
	29Fm3a			X						
	33Ff2a									X
OURICURI	25Om1h		X							
	26Om1i		X							
	28Om2c								X	
	30Om3a									X
	31Of1d					X				
	32Of1g						X			
	34Of2a	X								
	35Of3a									X
	36Of3a		X							

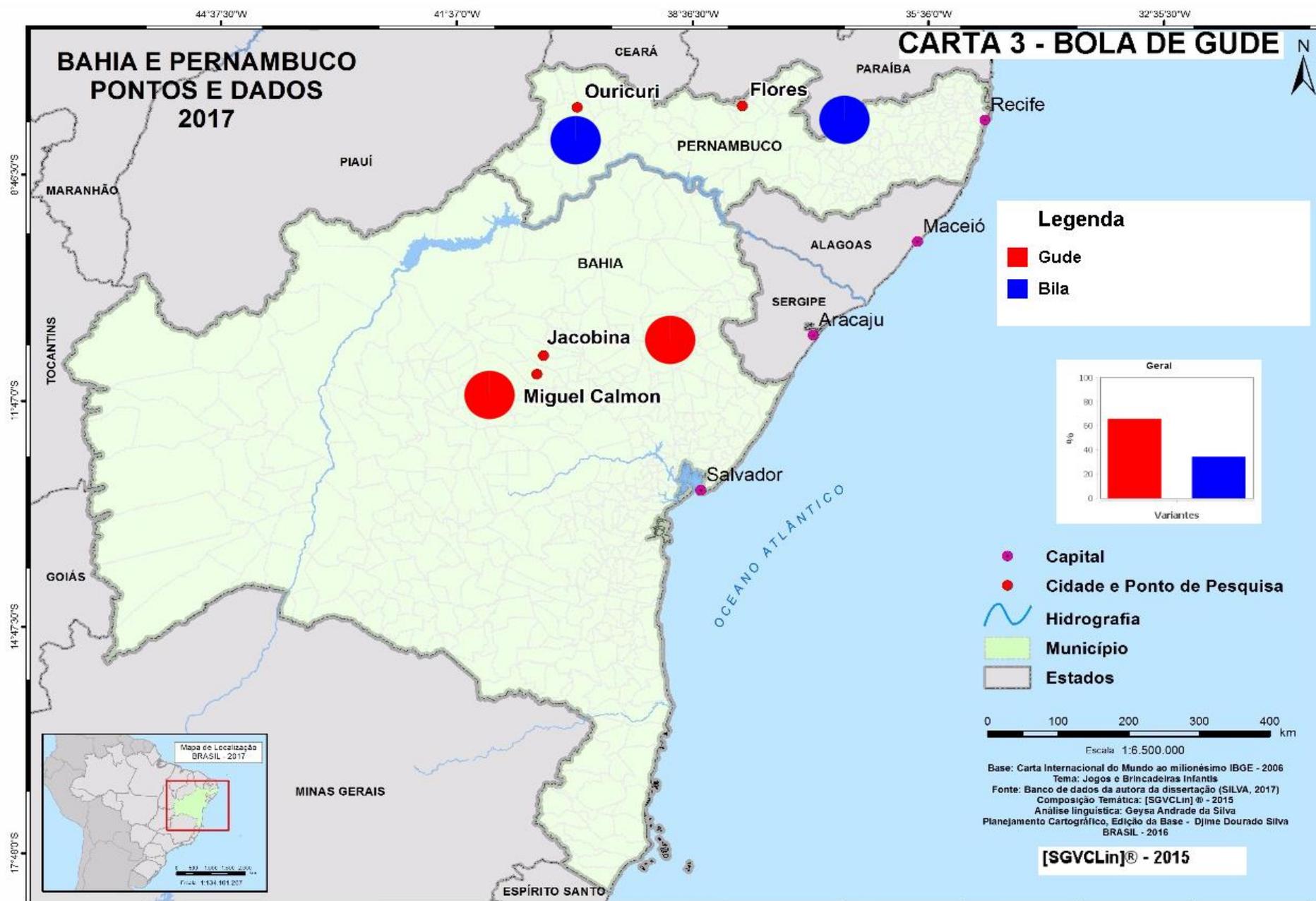
APÊNDICE O – CARTA 1 – CAMBALHOTA (COM VARIÁVEIS SOCIAIS)



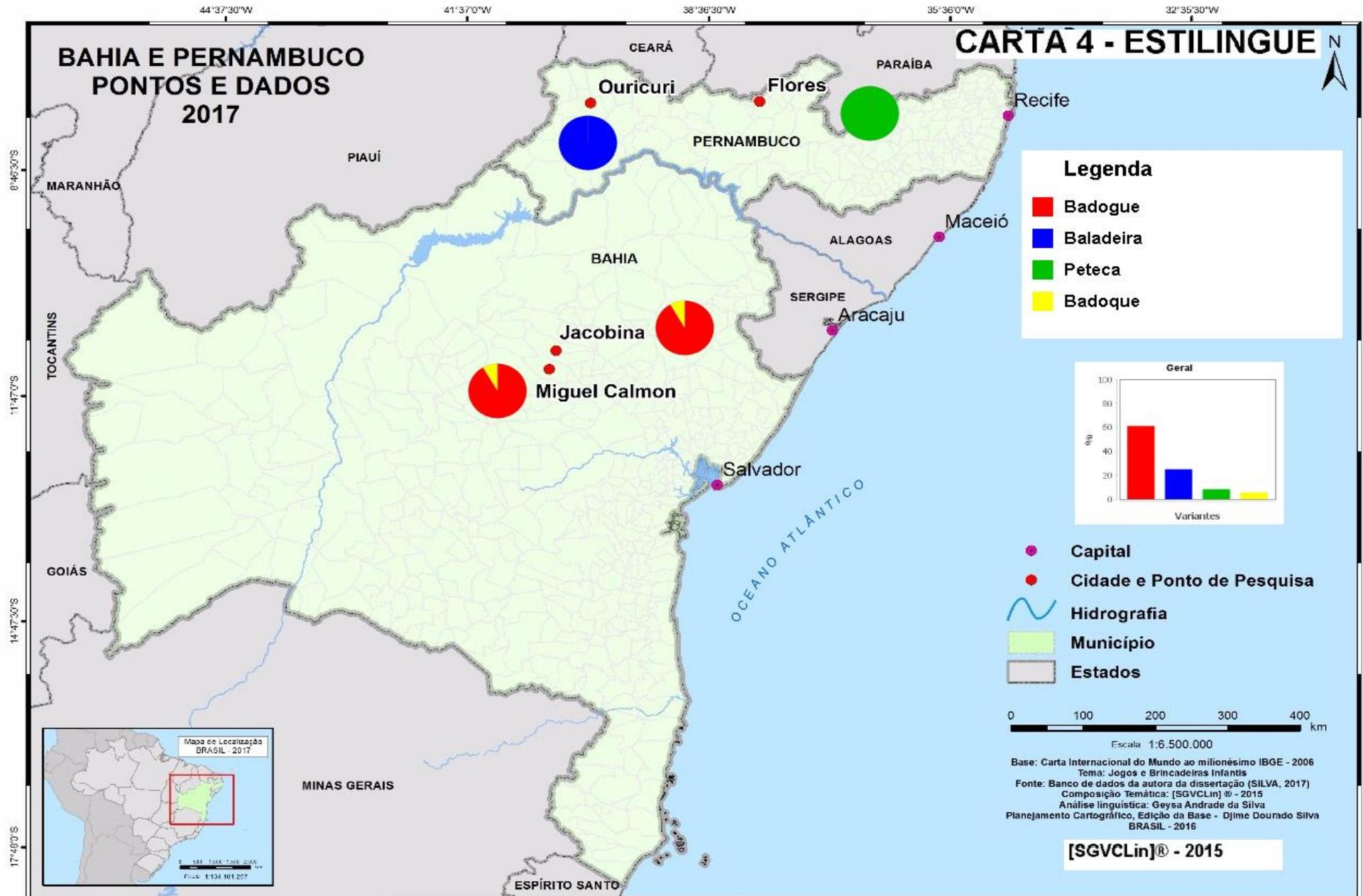
APÊNDICE P – CARTA 2 – CAMBALHOTA



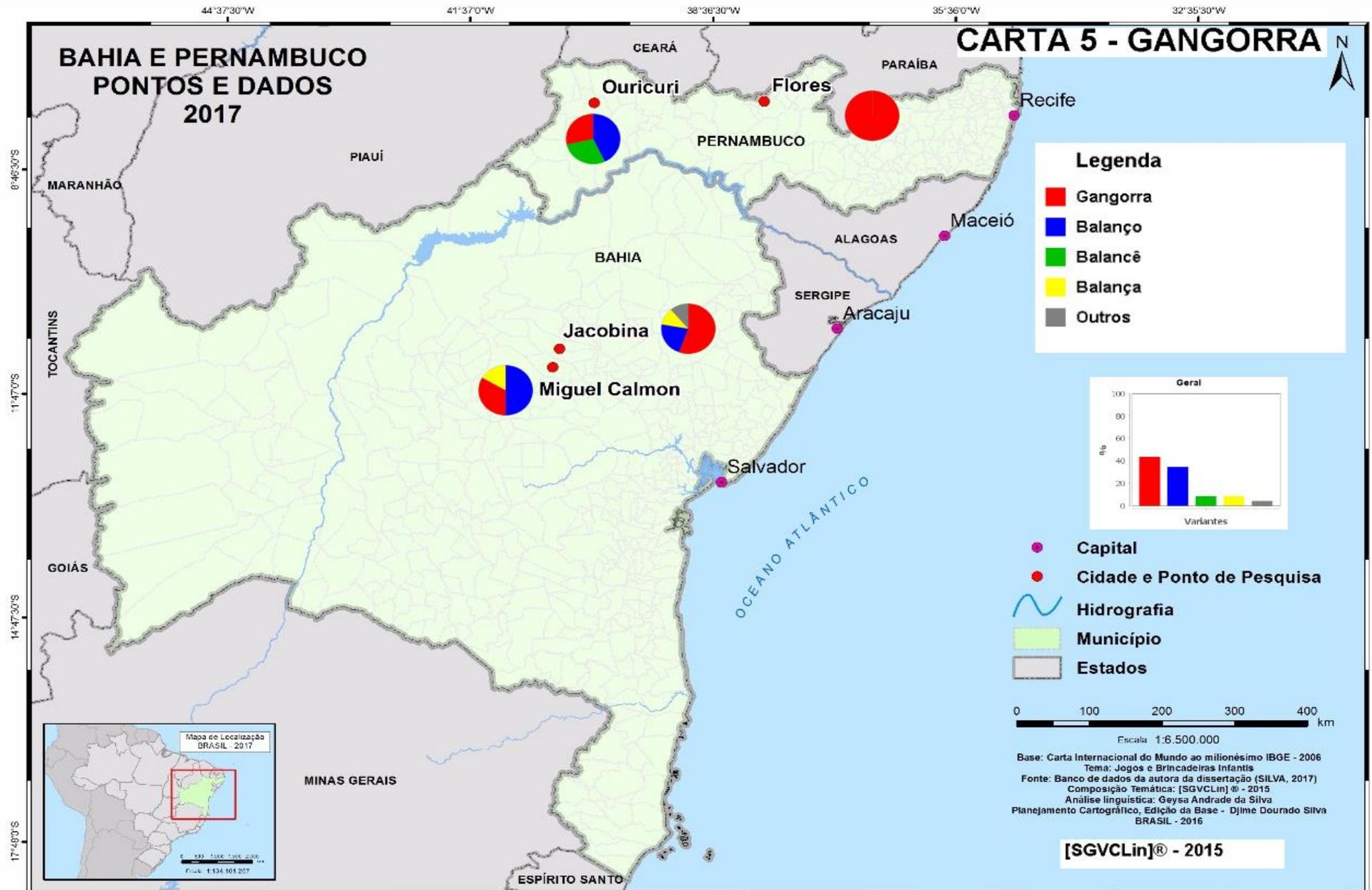
APÊNDICE Q – CARTA 3 – BOLA DE GUDE



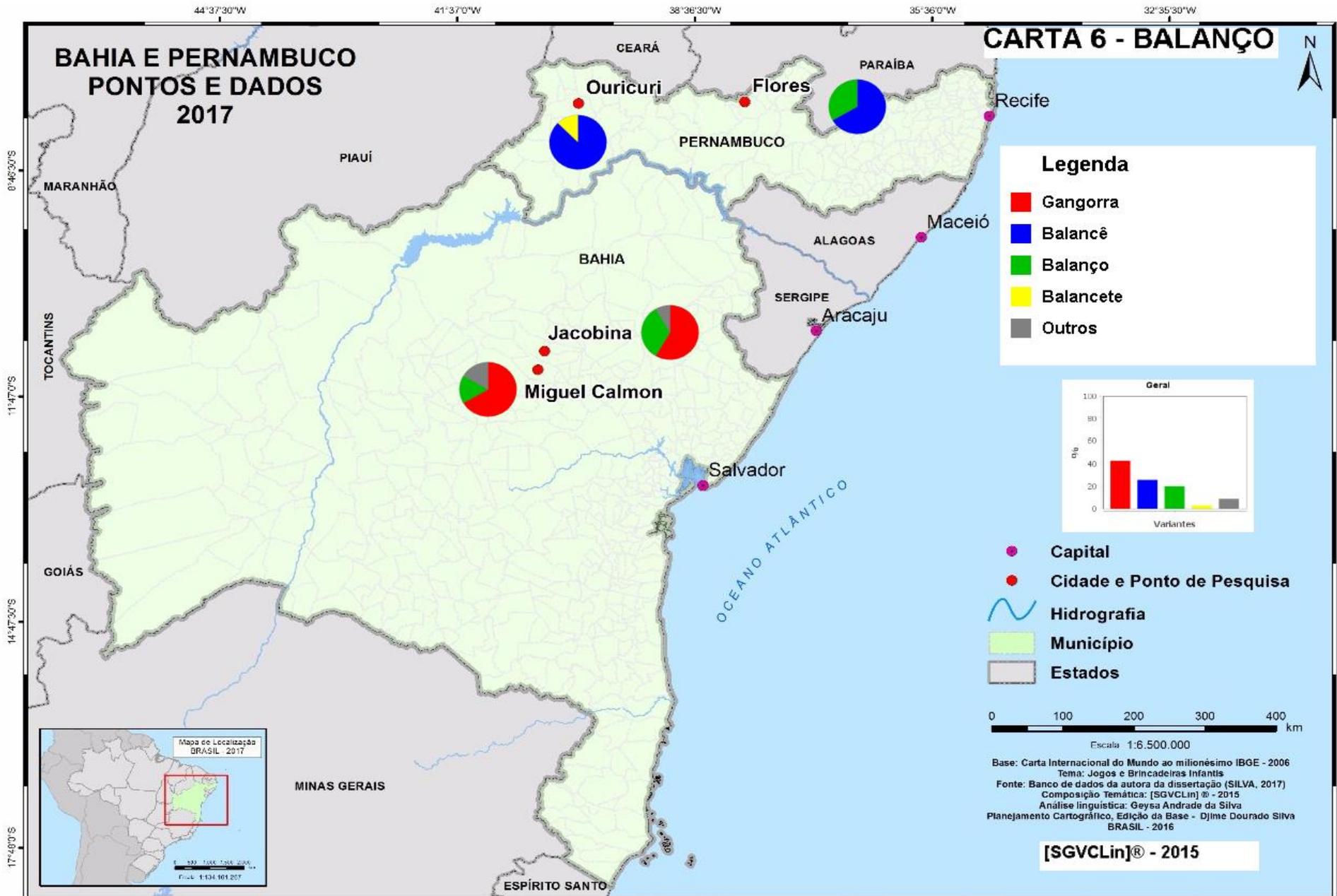
APÊNDICE R – CARTA 4 – ESTILINGUE



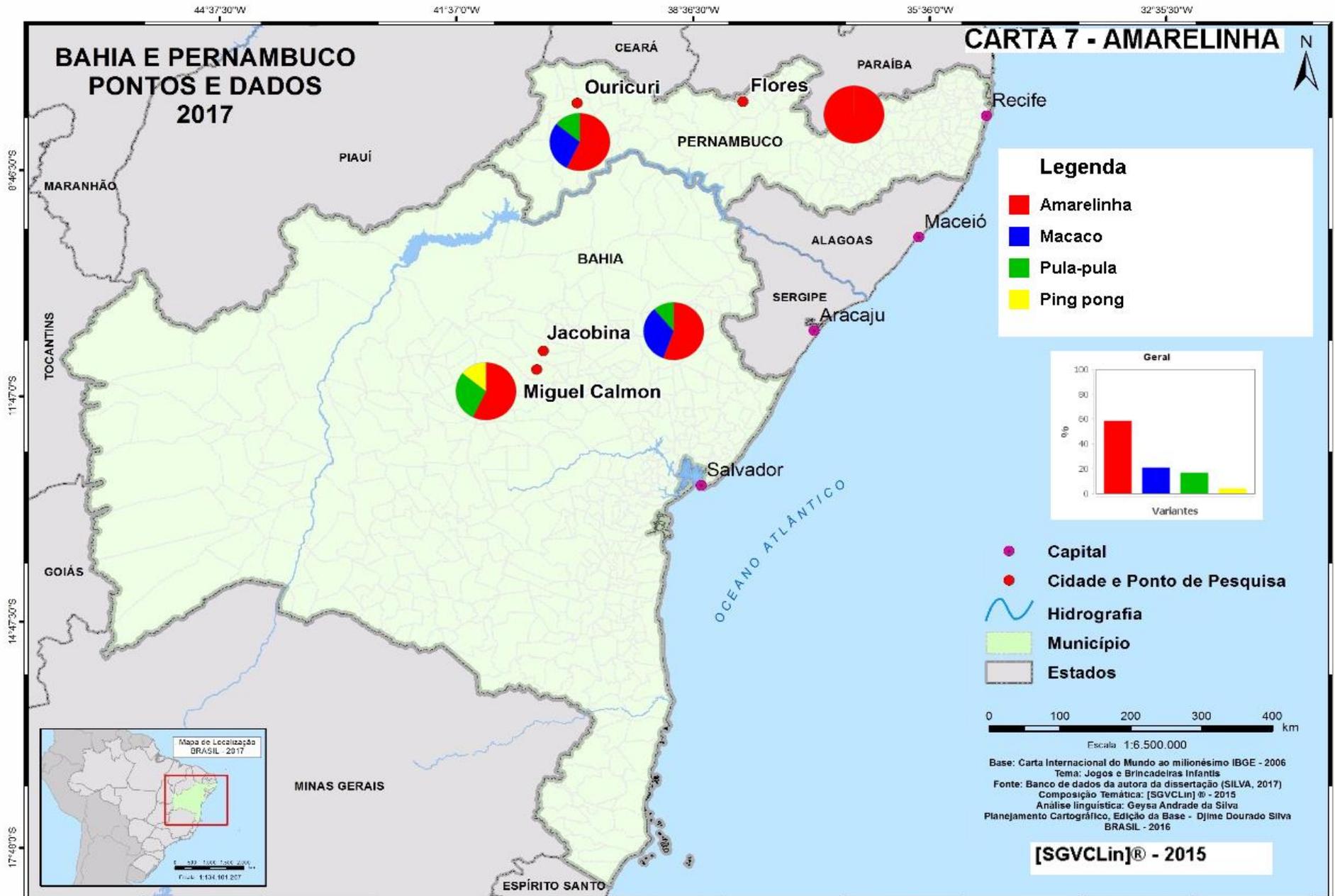
APÊNDICE S – CARTA 5 – GANGORRA



APÊNDICE T – CARTA 6 – BALANÇO



APÊNDICE U – CARTA 7 – AMARELINHA

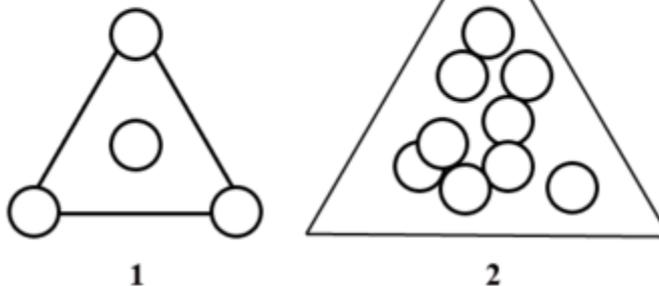


ANEXO

Bolinha de gude em Triângulo

Desenhe um triângulo no chão – o tamanho depende da quantidade de bolinhas a ser colocada, conforme aparece nos desenhos.

1. No primeiro esquema, jogam até quatro crianças. Cada bolinha colocada no triângulo pertence a um jogador.



Risca-se uma linha abaixo do triângulo e, a uma distância de três metros ou um pouco menos, cada criança joga uma bolinha. Quem acertar mais perto da linha joga primeiro; se acertar a bolinha do que jogou antes, fica com ela.

Um de cada vez, os jogadores tem que desentocar as bolinhas de dentro do triângulo; perde a vez quando não conseguir acertar.

Quem conseguir desentocar as quatro fica com todas.

Se sobrarem duas bolinhas, é preciso jogar de novo, desta vez de perto.

Se conseguir acertar a primeira, tentar acertar a última.

Se, no fim do jogo um dos jogadores tiver apenas uma bolinha, ele tem de entregá-la ao que ganhou mais.

Esta versão do triângulo é muito apreciada pelos garotos de Sapiranga, na Bahia.

2. No triângulo do desenho 2, coloca-se três bolinhas de cada jogador dentro (por isso ele é um pouco maior).

A forma de jogar é basicamente a mesma do triângulo menor: acertar as bolinhas que ficam dentro do desenho, mas vale também acertar as jogadas pelos adversários para atrapalhá-los.

Há uma versão mais competitiva, na qual o jogador que conseguir acertar a bolinha do adversário não apenas o exclui do jogo mas também fica com as bolinhas que este ganhou.